



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas e Letras
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
Mestrado em Psicologia Social

**A ORIENTAÇÃO PARA COMPARAÇÃO SOCIAL COMO MEDIADORA DA
PERSONALIDADE E AFETIVIDADE NEGATIVA**

Rayssa Soares Pereira

João Pessoa - PB

Março de 2021



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas e Letras
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
Mestrado em Psicologia Social

**A ORIENTAÇÃO PARA COMPARAÇÃO SOCIAL COMO MEDIADORA DA
PERSONALIDADE E AFETIVIDADE NEGATIVA**

Rayssa Soares Pereira, *Mestranda*

Prof^a. Dr^a. Patrícia Nunes Da Fonseca, *Orientadora*

João Pessoa - PB

Março de 2021

RAYSSA SOARES PEREIRA

**A ORIENTAÇÃO PARA COMPARAÇÃO SOCIAL COMO MEDIADORA DA
PERSONALIDADE E AFETIVIDADE NEGATIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Social, pela discente Rayssa Soares Pereira,
como requisito parcial para obtenção do grau
de Mestra em Psicologia Social.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Nunes da Fonseca

João Pessoa - PB

Março de 2021

A ORIENTAÇÃO PARA COMPARAÇÃO SOCIAL COMO MEDIADORA DA PERSONALIDADE E AFETIVIDADE NEGATIVA

Rayssa Soares Pereira

Banca Avaliadora:



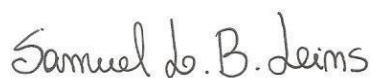
Profa. Dra. Patrícia Nunes da Fonseca (UFPB, *Orientadora*)



Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel (UFPB, *Membro interno*)



Profa. Dra. Karen Guedes Oliveira (UNINASSAU, *Membro Externo*)



Prof. Dr. Samuel Lincoln Bezerra Lins (FPCEUP-UP, *Membro Externo*)

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P436o Pereira, Rayssa Soares.

A orientação para comparação social como mediadora da personalidade e afetividade negativa / Rayssa Soares Pereira. - João Pessoa, 2021.

115 f. : il.

Orientação: Patrícia Nunes da Fonseca.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Psicologia social. 2. Comparação social. 3. Personalidade. 4. Afetividade. I. Fonseca, Patrícia Nunes da. II. Título.

UFPB/BC

CDU 316.6(043)

Aos meus familiares e amigos

AGRADECIMENTOS

“ Porque dEle e por Ele, e para Ele, são
todas as coisas; glória, pois, a Ele
eternamente. “ (Romanos 11:36)

Há incontáveis motivos para ser grata neste momento. Primeiramente a Deus, que é a fonte de vida e todas as bênçãos até aqui alcançadas e de tudo o que virá. É Ele a própria sabedoria e ciência, que por sua graça imerecida e infinito amor nos guia.

Sou convicta de que esta dissertação representa o ato de tear uma história, no qual não pude fazê-la sozinha, mas junto àqueles que trançaram cada linha comigo. Em meio a tantas cores, aos desafios e desvios dos fios, chegamos ao desfecho.

Gratidão aos meus pais, Angela e Francisco, meus irmãos, Raquel e Rafael, que sempre foram meus pilares em cada passo, por toda a vida, são a minha alegria e força. Ao meu amado, Douglas, pelo companheirismo diário e carinho. E todos os meus familiares, tia Valdélia por me ajudar com sua leitura. Vocês me encorajam a prosseguir.

À Professora Patrícia, minha gratidão pela amizade e confiança em mim. Cada ensinamentos desde o início de minha graduação até hoje e futuramente, continua me inspirando a prosseguir, a conhecer e contribuir com o mundo acadêmico.

Aos professores que contribuíram com tanta dedicação, professor Samuel, que foi fundamental para a elaboração desse trabalho e todos ensinamentos, a professora Karen e professor Carlos por trazer considerações importantes para o aperfeiçoamento da dissertação.

As amizades construídas dentro e fora da universidade, me sinto privilegiada em conhecê-los e por abrihantarem minha vida de alegria. Do Núcleo de Estudo (NEDHES).

Àqueles que tanto me ensinaram, acolheram e apoiaram, vocês foram essenciais, Clara, Tamiris, Ricardo. Em especial agradeço a Gregório, um amigo ajudador, que sempre me apoiou em tudo que precisei e apontou a direção, também Lays, meu braço direito, em que pude compartilhar todos os momentos, dos sonhos quando eram apenas projetos e hoje se tornaram realidade. Meus queridos amigos, Matheus, Larissa, Thalia, Amanda e Isabely, que felicidade em tê-los comigo, e por fazerem parte da minha história.

A todos que diretamente e indiretamente me ajudaram a construir este sonho, toda gratidão. Levo comigo cada um. Vocês dão sentido ao que Tom Jobim certa vez escreveu, “é impossível ser feliz sozinho.”

Por fim, a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia social por contribuir contribuição em minha formação acadêmica.

À CAPES pelo auxílio estudantil financeiro para realização desta pesquisa. E a todos os participantes que se disponibilizaram para contribuir com a coleta de dados.

A ORIENTAÇÃO PARA COMPARAÇÃO SOCIAL COMO MEDIADORA DA PERSONALIDADE E AFETIVIDADE NEGATIVA

Resumo: A presente dissertação objetivou explicar o papel mediador da orientação para comparação social na relação entre personalidade e afetividade negativa. Para alcançar esse objetivo, esta dissertação compõe-se de três artigos. O *Artigo 1* trata-se de uma revisão teórica acerca das contribuições da personalidade, orientação para comparação social na explicação da afetividade negativa. Evidências sugerem que os construtos abordados são variáveis significativas para analisar como, em conjunto, a personalidade e a orientação para comparação social podem contribuir para o surgimento da afetividade negativa. O *Artigo 2* teve como objetivo adaptar para o contexto brasileiro a Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM). Realizaram-se dois estudos: o primeiro exploratório, com 356 participantes ($M_{idade} = 35,42$; $DP_{idade} = 8,29$), 73% mulheres. Que sugeriu uma estrutura bifatorial (Aptidão e Opinião) e apresentou índice de confiabilidade adequada. O segundo, com 300 participantes ($M_{idade} = 21,77$; $DP_{idade} = 2,51$), 87,7% mulheres. Análises confirmatórias (AFCs) apontam indicadores satisfatórios no modelo bifatorial: (CFI = 0,94, TLI = 0,92, RMSEA = 0,10) e unifatorial: (CFI = 0,75, TLI = 0,69, RMSEA = 0,18), porém, o modelo bifatorial foi estatisticamente superior. Posteriormente, realizaram-se AFCs para versão reduzida da medida para os modelos bifatorial: (CFI = 0,99, TLI = 0,98, RMSEA = 0,06) e unifatorial (CFI = 0,78, TLI = 0,63, RMSEA = 0,26), o modelo bifatorial foi estatisticamente superior. Ademais, reuniram-se evidências de validade convergente, considerando as duas versões da INCOM (completa e curta) e Autoestima (EAR). Correlações de *Pearson* apresentaram relações negativas e estatisticamente significativas ($p < 0,000$) entre autoestima e os fatores da orientação para comparação social. Na versão completa, verificou-se: Aptidão ($r = - 0,46$) e Opinião ($r = - 0,20$). Na versão curta: Aptidão ($r = - 0,43$) e Opinião ($r = - 0,22$). Estes resultados indicam que pessoas com alta orientação para comparação social, possivelmente tendem a apresentar baixa autoestima. Em síntese, os estudos empíricos demonstraram evidências satisfatórias de validade fatorial e consistência interna, possibilitando verificar a sua adequação para o contexto considerado. Por último, o *Artigo 3* propôs verificar o papel mediador da orientação para comparação social na relação entre personalidade e afetividade negativa. Participaram 416 pessoas ($M_{idade} = 29,33$, $DP = 11,60$), 66,8% mulheres, que responderam ao Inventário dos Cinco Grandes Fatores, Escala de Orientação para Comparação Social, Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse e questões demográficas. Os resultados demonstraram que a afetividade negativa foi explicada pelo traço de personalidade neuroticismo e orientação para comparação social. Por conseguinte, testou-se os feitos da personalidade na afetividade negativa, mediadas por orientação para comparação social. Observaram-se efeitos indiretos significativos da orientação para comparação social na relação entre neuroticismo e depressão, ansiedade e estresse. Portanto, conclui-se que o neuroticismo pode induzir à uma maior tendência para comparação social e, conjuntamente, esses fatores interferirem no surgimento e manutenção da sintomatologia de depressão, ansiedade e estresse. Os achados deste estudo oferecem recursos científicos que podem auxiliar na compreensão das relações sociais e no desenvolvimento de novas pesquisas e intervenções eficazes para a saúde mental.

Palavras chave: personalidade, orientação para comparação social, afetividade negativa.

THE ORIENTATION FOR SOCIAL COMPARISON AS A MEDIATOR OF PERSONALITY AND NEGATIVE AFFECTIVITY

Abstract: This dissertation aimed to explain the mediating role of orientation for social comparison in the relationship between personality and negative affectivity. To achieve this goal, this dissertation consists of three articles. *Article 1* it is a theoretical review about the personality contributions, orientation for social comparison in the negative affectivity explanation. Evidence suggests that addressed constructs are significant variables to analyze how, together, personality and orientation to social comparison can contribute to the emergence of negative affectivity. *Article 2* aimed to adapt the Social Comparison Scale (INCOM) to the Brazilian context. Two studies were carried out: the first exploratory, with 356 participants ($M_{age} = 35,42$; $SD_{age} = 8,29$), 73% women. Which suggested a bifactorial structure (Aptitude and Opinion) and presented an adequate reliability index. The second, with 300 participants ($M_{age} = 21,77$; $SD_{age} = 2,51$), 74.8% women. Confirmatory analysis (AFCs) indicates satisfactory indicators in the bifactorial model: (CFI = 0,94, TLI = 0,92, RMSEA = 0,10) and unifactorial model: (CFI = 0,75, TLI = 0,69, RMSEA = 0,18) however, the bifactorial model was statistically superior. Subsequently, AFCs were performed for the reduced version of the measurement for the bifactorial models: (CFI = 0,99, TLI = 0,98, RMSEA = 0,06) and unifactorial (CFI = 0,78, TLI = 0,63, RMSEA = 0,26), the bifactorial model was statistically superior. In addition, evidence of convergent validity was gathered, considering the two versions of INCOM (full and short) and Self-esteem (EAR). *Pearson* correlations showed negative and statistically significant relationship ($p < 0.000$) between self-esteem and the factors of orientation for social comparison. In the full version, it was found: Aptitude ($r = -0,46$) and Opinion ($r = -0,20$). In the short version: Aptitude ($r = -0,43$) and Opinion ($r = -0,22$). These results indicate that people with high orientation for social comparison, possibly tend to have low self-esteem. In summary, empirical studies have demonstrated satisfactory evidence of factorial validity and internal consistency, making it possible to verify their suitability for the context considered. Finally, *Article 3* proposed to verify the mediating role of the orientation for social comparison in the relationship between personality and negative affectivity. 416 people participated ($M_{age} = 29,33$, $SD_{age} = 11,60$), 66,8% women, who responded to the Big Five Inventory, Scale for Social Comparison Orientation, Depression, Anxiety and Stress Scale and demographic issues. The results showed that the negative affectivity was explained by the personality trait neuroticism and orientation for social comparison. Consequently, the effects of the personality were tested in negative affectivity, mediated by orientation for social comparison. There were significant indirect effects of orientation for social comparison on the relationship between neuroticism and depression, anxiety and stress. Therefore, it is concluded that neuroticism can induce a greater tendency for social comparison and, together, these factors interfere in the emergence and maintenance of symptoms of depression, anxiety and stress. The result of this study provides scientific resources that can assist in understanding the social relationships and the development of new research and effective interventions for mental health.

Keywords: personality, orientation for social comparison, negative affectivity.

LA ORIENTACIÓN HACIA LA COMPARACIÓN SOCIAL COMO MEDIADORA DE LA PERSONALIDAD Y AFECTIVIDAD NEGATIVA

Resumen: La presente disertación objetivó explicar el papel mediador de la orientación hacia la comparación social en la relación entre personalidad y afectividad negativa. Para alcanzar este objetivo, esta disertación se compone de tres artículos. El *Artículo 1* se trata de una revisión teórica sobre las contribuciones de la personalidad, la orientación hacia la comparación social en la explicación de la afectividad negativa. Evidencias sugieren que los constructos abordados son variables importantes para analizar cómo, en conjunto, la personalidad y la orientación hacia la comparación social pueden contribuir en el surgimiento de la afectividad negativa. El *Artículo 2* tuvo como objetivo adaptar al contexto brasileño la Escala de Orientación hacia la Comparación Social (INCOM). Se realizó dos estudios: el primero exploratorio, con 356 participantes ($M_{edad} = 35,42$; $DP_{edad} = 8,29$), 73% mujeres. Que sugirió una estructura bifactorial (Aptitud y Opinión) y presentó un índice de confiabilidad adecuado. El segundo, con 300 participantes ($M_{edad} = 21,77$; $DP_{edad} = 2,51$), 74,8% mujeres. Los análisis confirmatorios (AFCs) apuntan indicadores satisfactorios en el modelo bifactorial: (CFI = 0,94, TLI = 0,92, RMSEA = 0,10) y unifactorial: (CFI = 0,75, TLI = 0,69, RMSEA = 0,18), pero, el modelo bifactorial fue estadísticamente superior. Posteriormente, se realizó AFCs para una versión reducida de la medida para los modelos bifactorial: (CFI = 0,99, TLI = 0,98, RMSEA = 0,06) y unifactorial (CFI = 0,78, TLI = 0,63, RMSEA = 0,26), el modelo bifactorial fue estadísticamente superior. Además, se recogieron pruebas de validez convergente, considerando las dos versiones del INCOM (completa y corta) y la Autoestima (EAR). Las correlaciones de *Pearson* presentaron relaciones negativas y estadísticamente significativas ($p < 0,000$) entre la autoestima y los factores de la orientación hacia la comparación social. En la versión completa, verificó: Aptitud ($r = -0,46$) y Opinión ($r = -0,20$). En la versión corta: Aptitud ($r = -0,43$) y Opinión ($r = -0,22$). Estos resultados indican que las personas con una alta orientación hacia la comparación social posiblemente tienden a presentar baja autoestima. En síntesis, los estudios empíricos mostraron pruebas satisfactorias de validez factorial y consistencia interna, lo que permitió comprobar su adecuación al contexto considerado. Por último, el *Artículo 3* propuso verificar el papel mediador de la orientación para la comparación social en la relación entre personalidad y afectividad negativa. Participaron 416 personas ($M_{edad} = 29,33$, $DP = 11,60$), 66,8% mujeres, que respondieron al Inventario de los Cinco Grandes Factores, a la Escala de Orientación hacia la Comparación Social, a la Escala de Depresión, Ansiedad y Estrés y a cuestiones demográficas. Los resultados mostraron que la afectividad negativa fue explicada por el rasgo de personalidad neuroticismo y la orientación hacia la comparación social. Por lo tanto, se probó los efectos de la personalidad sobre la afectividad negativa, mediados por la orientación hacia la comparación social. Se observaron efectos indirectos significativos de la orientación hacia la comparación social en la relación entre neuroticismo y depresión, ansiedad y estrés. Por tanto, se concluye que el neuroticismo puede inducir una mayor tendencia a la comparación social y, conjuntamente, estos factores interfieren en el surgimiento y mantenimiento de los síntomas de depresión, ansiedad y estrés. Los hallazgos de este estudio ofrecen recursos científicos que pueden ayudar en la comprensión de las relaciones sociales y en el desarrollo de nuevas investigaciones e intervenciones eficaces para la salud mental.

Palabras Clave: personalidad, orientación para la comparación social, afectividad negativa.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
ARTIGO TEÓRICO	16
ARTIGO 1	17
UM ESTUDO TEÓRICO DA RELAÇÃO ENTRE PERSONALIDADE, ORIENTAÇÃO PARA COMPARAÇÃO SOCIAL E AFETIVIDADE NEGATIVA	17
Resumo	18
<i>Abstract</i>	18
<i>Resumen</i>	18
Introdução	19
O Desenvolvimento Teórico da Comparação Social	21
A Comparação Social como Mecanismo Onipresente nas Relações Sociais	25
A Orientação para Comparação Social como uma característica da Personalidade	26
A Relação entre Orientação para Comparação Social e Afetividade Negativa	30
Considerações Finais	35
Referências.....	36
ARTIGOS EMPÍRICOS	45
ARTIGO 2	46
ADAPTAÇÃO DA ESCALA DE ORIENTAÇÃO PARA A COMPARAÇÃO SOCIAL (INCOM) PARA O CONTEXTO BRASILEIRO.....	46
Resumo	47
<i>Abstract</i>	47
<i>Resumen</i>	47
Introdução	48
Método	54
Estudo 1. Adaptação e Evidências de Validade e Precisão da Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM)	54
Participantes.....	54
Instrumentos.....	54
Procedimento	55
Análise de dados	56
Resultados.....	56
Método	59

Estudo 2. Comprovação da Estrutura Fatorial da Escala de Orientação para Comparação Social (INCOM).....	59
Participantes	59
Instrumentos.....	59
Procedimento	60
Análise de dados	60
Resultados	61
Discussão	64
Referências.....	69
ARTIGO 3	77
O EFEITO MEDIADOR DA ORIENTAÇÃO PARA COMPARAÇÃO SOCIAL ENTRE	
PERSONALIDADE E AFETIVIDADE NEGATIVA	77
Resumo	78
<i>Abstract</i>	78
<i>Resumen</i>	78
Introdução	79
Método	85
Participantes	85
Instrumentos.....	85
Procedimento	86
Análise de dados	86
Resultados	86
Discussão	92
Referências.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	109
ANEXOS	111
APÊNDICES	114

APRESENTAÇÃO

A psicologia social é marcada pela diversidade teórica e metodológica como um dos principais atributos para compreender o comportamento humano e suas reações afetivas. À vista disso, há sessenta anos a comparação social tem sido estudada para explicar o modo como as pessoas recolhem e lidam com informações sociais para avaliar a si mesmas e a realidade a sua volta. Esse mecanismo psicológico é, portanto, um fenômeno social onipresente em todas as relações e responsável por moldar atitudes, comportamentos e afetos (Álvaro & Garrido, 2017; Corcoran et al. 2011; Gerber et al., 2018; Suls & Wheeler, 2020).

Há evidências de que todas as pessoas se envolvem em alguma atividade de comparação social para avaliar aptidões e opiniões em determinados domínios de suas vidas, com o objetivo de diminuir incerteza subjetiva (Festinger, 1954). É provável também que nem todos reconheçam suas próprias ações de comparação, por isso, P. Gilbert et al. (1995) alegam que é um mecanismo parcialmente automático e que pode ser pertencente a constituição biológica.

Não obstante, as pessoas variam no modo como se comparam, e essa variação pode ser referente à um aspecto da personalidade, o que faz com que alguns indivíduos sejam mais propensos para se envolverem em comparações sociais. Dado que, ao comparar-se com outros, seja positivamente ou negativamente, evidencia-se as diferenças individuais (Diener & Fujita, 1997; Gibbons & Buunk, 1999). Em vista disso, é crescente na literatura comprovações empíricas que assinalam a relação entre personalidade e orientação para comparação social (Buunk et al., 2020a; Gerber et al., 2018; Gibbons & Buunk, 1999).

Porquanto, a personalidade é uma variável de representação das características pessoais, com padrões relativamente estáveis de pensamentos, comportamento e emoções. Diante disso, a presente pesquisa é desenvolvida por meio do modelo dos Cinco Grandes Traços da Personalidade (Big Five), considerando sua aplicabilidade em diversas culturas e

amostras (McCrae & John, 1992). Ademais, sua estrutura é organizada em traços, definidas de forma parcimoniosa, identificados como: *Abertura à Experiência*, que implica na disposição em buscar, detectar e compreender informações, e a vivência de novas experiências; *Conscienciosidade*, baseia-se na organização e exigência moral; *Amabilidade*, essa dimensão refere-se à qualidade das relações; *Extroversão*, que está relacionada a afetividade positiva e sociabilidade e por fim, *Neuroticismo*, que refere-se a propensão em mostrar e experienciar emoções negativas.

No entanto, dentre os traços de personalidade o neuroticismo é evidenciado como uma característica concernente a indivíduos que apresentam alta orientação para comparação social (Rozgonjuk et al., 2019). Uma resposta consistente sobre a motivação pelo qual as pessoas se envolvem em comparações sociais com frequência, se dá porque apresentam uma maior necessidade de obter informações, pois são naturalmente incertas e costumam fazer autoavaliações negativas do self (Gibbons & Buunk, 1999; Urzúa, et al., 2012). Costa e McCrae (1992) e Urzúa et al. (2012) destacam que a incerteza é um elemento constituinte do neuroticismo, tornando a relação com a orientação para comparação social consistente teoricamente.

Por consequência, a orientação para comparação social pode ser fator de risco, tanto no surgimento quanto na manutenção da afetividade negativa. Destaca-se a afetividade negativa como a disposição para sentir emoções negativas, a exemplo da depressão (Faranda, Lynne & Roberts, 2019), ansiedade (Mitchell & Schmidt, 2014) e estresse (Garanyan e Pushkina, 2016).

Pessoas com alta afetividade negativa comumente apresentam visão distorcida de si, baixa autoestima e maior necessidade de aprovação dos outros, o que aumenta o índice da tendência para se comparar socialmente. Dessa forma, uma característica fundamental do neuroticismo é o potencial para moldar a orientação para comparação social e para emanar sentimentos e comportamentos negativos da provenientes comparação social (Garanyan &

Pushkina, 2016; Suls & Wheller, 2020).

Dado o exposto, o presente estudo tem como objetivo geral verificar o papel mediador da orientação para comparação social na relação entre personalidade e afetividade negativa. Em razão disto, esta dissertação é composta por três artigos.

O Artigo 1, intitulado **Um Estudo Teórico da Relação entre Personalidade, Orientação para Comparação Social e Afetividade Negativa**, trata-se de uma revisão teórica que apresenta as contribuições das variáveis abordadas, importantes para explorar como a personalidade e a orientação para comparação social podem contribuir para surgimento e manutenção da afetividade negativa.

O Artigo 2, **Adaptação da Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM) para o Contexto Brasileiro**, tem por objetivo adaptar para o português brasileiro a medida Escala de Orientação para a Comparação Social – INCOM, reunindo evidências de validade e precisão. Por meio de dois estudos: o primeiro, de cunho exploratório para fornecer evidências psicométricas de validade fatorial e de consistência interna. E o segundo estudo confirmatório, para comprovação da estrutura e apresentar uma versão curta da INCOM.

O Artigo 3, **O Efeito Mediador da Orientação para Comparação Social entre Personalidade e Afetividade Negativa**, propõe verificar o papel mediador da orientação para comparação social na relação entre personalidade e afetividade negativa, especificamente testar um modelo explicativo da afetividade negativa, com a contribuição dos traços de personalidade e orientação para comparação social, especificamente, identificar o padrão de relação linear entre traços de personalidade, orientação para comparação social e afetividade negativa.

Posto isto, serão apresentados os três artigos, as considerações finais da dissertação, referências e anexos.

ARTIGO TEÓRICO

ARTIGO 1

**UM ESTUDO TEÓRICO DA RELAÇÃO ENTRE PERSONALIDADE,
ORIENTAÇÃO PARA COMPARAÇÃO SOCIAL E AFETIVIDADE NEGATIVA**

**A THEORETICAL STUDY OF THE RELATIONSHIP BETWEEN PERSONALITY,
ORIENTATION FOR SOCIAL COMPARISON AND NEGATIVE AFFECTIVITY**

**UN ESTUDIO TEORICO DE LA RELACIÓN ENTRE PERSONALIDAD,
ORIENTACIÓN HACIA LA COMPARACIÓN SOCIAL Y AFECTIVIDAD
NEGATIVA**

Rayssa Soares Pereira

Universidade Federal da Paraíba

Patrícia Nunes da Fonseca

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

A comparação social é um mecanismo psicológico que permite ao indivíduo avaliar informações sobre si e a realidade mediante as opiniões e aptidões. Embora seja um processo social básico, algumas pessoas apresentam maior orientação para se compararem do que outras, sendo considerada uma característica da personalidade, e indivíduos que se comparam com frequência tendem a experimentar a afetividade negativa. O presente artigo objetivou realizar uma revisão teórica sobre as contribuições da personalidade e orientação para comparação social no surgimento da afetividade negativa. Neste cenário, é crescente na literatura comprovações empíricas que destacam a relação entre personalidade e a orientação para comparação, no qual indica um fator de risco no aparecimento e manutenção da afetividade negativa. Tais achados podem contribuir para o desenvolvimento de novas pesquisas e intervenções que beneficiem o diagnóstico e tratamento para os efeitos prejudiciais afetividade negativa originados devido a elevada tendência em se comparar.

Palavras-chave: personalidade, orientação para comparação social, afetividade negativa.

Abstract

Social comparison is a psychological mechanism that allows the individual to evaluate information about himself and reality through opinions and aptitudes. Although it is a basic social process, some people are more oriented towards comparing themselves than others, being considered a personality trait, and individuals who compare frequently tend to experience negative affectivity. This article aimed to carry out a theoretical review on the contributions of personality and orientation for social comparison in the emergence of negative affectivity. In this scenario, empirical evidence is growing in the literature that highlights the relationship between personality and the orientation for comparison, which indicates a risk factor for the onset and maintenance of negative affectivity. These findings may contribute to the development of new research and interventions that benefit the diagnosis and treatment for negative affectivity harmful effects arising due to high tendency to compare.

Keywords: personality, orientation for social comparison, negative affectivity.

Resumen

La comparación social es un mecanismo psicológico que permite al individuo evaluar informaciones sobre sí mismo y la realidad a través de opiniones y habilidades. Aunque sea un proceso social básico, algunas personas presentan mayor orientación para compararse más que otras, siendo considerada un rasgo de la personalidad, y los individuos que comparan con frecuencia tienden a experimentar una afectividad negativa. El presente artículo objetivó realizar una revisión teórica sobre las contribuciones de la personalidad y orientación hacia la comparación social en el surgimiento de la afectividad negativa. En este escenario, está creciendo en la literatura evidencias empíricas que destacan la relación entre personalidad y la orientación hacia la comparación, lo que indica un factor de riesgo en la aparición y mantenimiento de la afectividad negativa. Dichos hallazgos pueden contribuir al desarrollo de nuevas investigaciones e intervenciones que beneficien el diagnóstico y tratamiento de los efectos nocivos de la afectividad negativa debido a la alta tendencia a compararse.

Palabras-clave: personalidad, orientación hacia la comparación social, afectividad negativa.

Introdução

A comparação social é uma característica central nas relações humanas (Buunk & Gibbons, 2007). Destacada por Festinger (1954) como um construto chave para compreensão das relações sociais entre indivíduos e grupos, e que abrange áreas importantes do funcionamento psicológico e social. Por essa razão, tem sido integrada às áreas de ciências sociais e psicológicas (Álvaro & Garrido, 2017; Buunk et al., 2020; Gerber et al., 2018).

Como sugerido por Suls e Wheeler (2020), a comparação social se refere à busca pelo conhecimento de si e do contexto em que o indivíduo está inserido. Goethals et al. (1991) conceituam como sendo uma autoavaliação fundamentada no uso e na análise da informação sobre a realidade social, que ocorre não somente através da obtenção de informações objetivas disponíveis no ambiente da realidade física, mas também da comparação com outros indivíduos. A comparação social, portanto, possibilita o processamento de informações sociais de modo mais eficiente e facilitado (Corcoran et al., 2011; Myers, 2014).

Nesta perspectiva, as pessoas necessitam confirmar suas crenças para se sentirem mais seguras sobre suas situações de vida e manterem uma imagem social positiva (Álvaro & Garrido, 2017). Consistente com esta argumentação, indivíduos mais incertos sobre vários aspectos de suas vidas são mais propensos a se envolverem em atividades de comparação (Buunk & Gibbons, 2007; Gerber et al., 2018; Gibbons & Buunk, 1999). Portanto, a teoria da comparação social de Festinger (1954) parte da premissa de que as pessoas apresentam uma tendência para avaliar com precisão se suas opiniões estão corretas e se estão aptos para desenvolverem determinadas atividades na tentativa de reduzir a incerteza.

Diante disso, a comparação social é um mecanismo onipresente nas relações sociais, responsável por moldar julgamentos, comportamentos e experiências de formas variadas (D. Gilbert et al., 1995; Gibbons & Buunk, 1999). Apesar de ser um mecanismo psicológico universal, alguns estudiosos afirmam que as pessoas diferem entre si no modo como se

comparam, seja na frequência ou na consequência psicológica vivenciada ao produzir experiências emocionais positivas e negativas, e que essas variações podem ser uma característica da personalidade (Buunk et al, 1990; Corcoran et al., 2011; Diener & Fujita, 1997; Suls & Wheeler, 2020).

A personalidade tem sido amplamente identificada como um construto capaz de explicar o desenvolvimento de reações emocionais negativas e a tendência para se comparar socialmente. Estudos destacam o traço Neuroticismo como um importante preditor desse processo, geralmente associado à depressão, ansiedade, estresse e baixa autoestima (Gibbons & Buunk, 1999; McCarthy & Morina, 2019; Olson & Evans, 1999; Wang, 2019).

Em síntese, pode-se dizer que a comparação social é um construto que contribui com o surgimento de alguns fenômenos psicológicos e sociais. Constata-se que desempenha um papel fundamental em estudos sobre afetos (Lewis & Weaver, 2015), desempenho acadêmico (Harvey & Keyes, 2019), tomada de decisões nas organizações (Buunk et al., 2005), relacionamentos românticos e funcionamento conjugal (Morry et al., 2018), comportamento do consumidor (Argo et al., 2006) e até adaptação social (Miao et al., 2018).

Dessa forma, justifica-se o desenvolvimento do presente artigo, que tem como objetivo realizar uma revisão teórica sobre as contribuições da personalidade e orientação para comparação social no surgimento da afetividade negativa. Em vista disso, apresenta o domínio desse processo no surgimento da afetividade negativa com enfoque na teoria da orientação para comparação social (Gibbons & Buunk, 1999), no qual estão dissertados nos seguintes tópicos:

- 1) O Desenvolvimento do Campo de Estudo da Comparação Social;
- 2) Comparação Social como Mecanismo Onipresente nas Relações Sociais;
- 3) A Orientação para Comparação Social como uma Característica da Personalidade;
- 4) A Relação da Orientação para Comparação Social e Afetividade Negativa.

Por fim, serão descritos como têm sido desenvolvidas as pesquisas que identificam a

tendência para comparação social como um importante fator para avaliação da construção social e dos efeitos emocionais negativos na vida cotidiana, a fim de auxiliar o direcionamento de futuras pesquisas.

O Desenvolvimento do Campo de Estudo da Comparação Social

Conforme as afirmações de Festinger (1954), há mais de 60 anos o contexto social nos fornece uma fonte significativa de informações acerca da comparação social, que são úteis para o autoconhecimento na ausência de informação mais objetivas. O campo de estudo sobre comparação social passou por algumas reformulações teóricas e metodológicas no decorrer dos anos, tornando-se uma área de pesquisa dinâmica e complexa, que abrange muitos paradigmas, abordagens e aplicações diferentes (Álvaro & Garrido, 2017; Buunk & Gibbons, 2005; Gerber et al., 2018; Torres & Neiva, 2011).

Wood (1996) organizou o campo de estudo da comparação social em três facetas: (1) obtenção de informações sociais (busca e construção das informações); (2) avaliação do resultado de comparação ligado ao *self* (semelhança-discrepância do alvo); e (3) reação cognitiva, afetiva e comportamental da avaliação das informações de comparação. Por conseguinte, uma série de modelos teóricos e empíricos foram desenvolvidos com o objetivo de delinear as condições de comparação social e suas reações.

Teoria Clássica da Comparação Social

A teoria clássica da comparação social (Festinger, 1954) surgiu após um estudo realizado por Festinger et al. (1950) ao analisarem a importância do Outro na formação de opiniões e como os membros de um grupo sustentam crenças similares. Segundo os autores, a manutenção de opiniões semelhantes é utilizada como forma de legitimação e validação dessas, o que pode refletir na formação e identificação com um grupo social (Álvaro & Garrido, 2017; Corcoran et al., 2011; Torres & Neiva, 2011).

Posteriormente, o autor (Festinger, 1954) acrescentou o domínio das aptidões e buscou

compreender o que leva as pessoas a validarem seus conhecimentos e capacidades, que inicialmente ocorrem comparando-as com a realidade física. E quando as informações não podem ser validadas com critérios objetivos externos, tendo em vista que nem sempre estão disponíveis, a comparação é realizada com outras pessoas (Álvaro & Garrido, 2017).

Essa teoria foi estruturada por meio de hipóteses e corolários, tendo suas previsões testadas por diversas pesquisas. De acordo com Festinger (1954, p. 117) “existe no organismo humano um desejo para avaliar suas opiniões e aptidões”, postulando que há um impulso universal para realizar tais avaliações (Torres & Neiva, 2011).

Por aptidão entende-se a avaliação da capacidade em realizar algo de modo preciso e descobrir o que é possível fazer em seu contexto. Ao avaliarem este construto as pessoas não querem saber se apenas são boas em determinadas atividades, mas se realizam tão bem quanto os outros. No que diz respeito às opiniões, crenças e valores são avaliados com o objetivo de chegar a um acordo se estão em conformidade com as de outras pessoas, para intenção de aumentar a certeza subjetiva (Gibbons & Buunk, 1999; Goethals & Darley, 1977). Festinger (1954) acrescenta ainda que uma avaliação equivocada dessas dimensões pode ocasionar sentimentos negativos.

Assim, a comparação social é descrita como processo estratégico realizado com o intuito de alcançar objetivos sociais, por motivos fundamentais como autoavaliação e autoaperfeiçoamento (Buunk & Gibbons, 2006; Suls & Wheeler, 2020). Festinger (1954) destaca que os indivíduos se autoavaliam porque desejam ter informações precisas e estáveis, e por isso são motivados para avaliar suas opiniões e aptidões. Embora apenas a autoavaliação seja discutida claramente na teoria, o autoaperfeiçoamento é identificado como outro motivo em conjunto a este, pois, ao se autoavaliarem, as pessoas usam informações sociais para aprenderem sobre suas capacidades e melhorá-las.

Outra importante característica apontada na teoria, é que as comparações são realizadas

com aqueles que partilham características semelhantes, considerando suas normas e padrões como critérios objetivos para que mantenham uma estabilidade social. Visto que em casos das comparações de opiniões e aptidões serem muito discrepantes, não há um fornecimento útil de informações para fazer uma avaliação precisa, o que pode ocasionar na diminuição da tendência para se comparar. Neste caso, uma solução seria "ignorar relativamente as diferenças e comparar-se com o seu próprio grupo" (Festinger, 1954, p. 136). Mais tarde essas alegações foram revisadas, expondo que os indivíduos podem também comparar-se com imagens diferentes da sua (Corcoran et al., 2011).

Quando as opiniões e aptidões forem divergentes do grupo em que o indivíduo está inserido, o grupo exercerá pressão para que haja uniformidade, ajustando as opiniões e comportamentos, ao passo que quando as divergências não forem resolvidas, o membro poderá ser rejeitado. Logo, há duas estratégias: resistir à pressão ou mudar de grupo, o que pode acarretar sentimentos de hostilidade (Álvaro & Garrido, 2017; Torres & Neiva, 2011). Em resumo, a noção de Festinger (1954) é que a base motivacional para o envolvimento em comparações é a incerteza, no qual estimula o ajustamento social (Buunk & Gibbons, 2007; McEwan, 2013; Suls & Wheeler, 2020).

Contudo, a teoria não foi isenta de críticas, ficando algumas questões sem solução, sendo referidas por Wills (1981) como obra prima de ambiguidade. Dentre essas ambiguidades está a hipótese de que a comparação social se limitava à avaliação de seus semelhantes para o fornecimento de subjetividade, porém, não delimitou quais critérios são utilizados para identificar quem são os semelhantes e explorar as reações afetivas da comparação. À vista disso, pesquisadores refinaram e ampliaram seus esforços teóricos e metodológicos (Gerber et al., 2018; P. Gilbert et al., 1995).

Comparação Ascendente - Descendente

Nas décadas posteriores ao surgimento da teoria clássica da comparação social,

algumas pesquisas foram feitas para explorar a alegação de Festinger (1954) em que há um impulso unidirecional para cima na avaliação das aptidões (Wills, 1981). Sendo referido posteriormente como comparações ascendentes, em que são escolhidos objetos de comparação superiores, isto é, pessoas que estão em um patamar favorável socialmente ou que apresente um melhor desempenho em alguma atividade.

A tendência para se comparar com pessoas que estão acima, tem como objetivo a manutenção de uma imagem social estável, e podem produzir emoções agradáveis, como inspiração e admiração (Corcoran et al., 2011). Embora Festinger (1954) afirme que os indivíduos se comparem com seus semelhantes a fim de diminuir as discrepâncias sociais, outros estudos constataam que as pessoas podem se comparar com imagens acima e diferentes da sua, mesmo que estas gerem emoções desagradáveis, como inveja e ressentimento, e sejam ameaçadora para o *self* (Lev-Ari et al., 2014).

Exemplo disso são comparações no contexto das redes sociais online (*Instagram* e *Facebook*), no modo como as imagens idealizadas da mídia afetam a autoavaliação, tendo em vista que pessoas famosas podem ser atraentes e possuírem padrões de vida por vezes inalcançáveis. Autores sugerem que aqueles que se comparam com “alvos perfeitos” devem estar menos satisfeitos consigo mesmo, e apontam como resultados dessas avaliações negativas o risco para surgimento de distúrbios alimentares como bulimia e anorexia, além de depressão e ansiedade (Fitzsimmons-Craft & Bardone-Cone, 2014; Feinstein et al., 2013). Portanto, a exposição a figuras idealizadas intensificam os efeitos prejudiciais no modo como as pessoas se autoavaliam (Lee et al., 2019; Lev-Ari et al., 2014).

Posteriormente, Wills (1981) por outro lado, propôs também que o alvo de comparação pode se modificar, considerando quando as pessoas se sentem psicologicamente ameaçadas realizam comparações descendentes, com indivíduos percebidos num posto social inferior ao seu, por essa direção gerar o afeto positivo, como orgulho e autoconfiança. Indivíduos com

elevada ansiedade social e baixa autoestima envolvem-se mais em comparações descendentes do que ascendentes (Mitchell & Schmidt, 2014). No entanto, emoções negativas também podem ser desencadeadas, a exemplo da preocupação, pena e desprezo (Buunk & Gibbons, 2007; Lee et al., 2016).

Em outras palavras, o processo de comparar-se pode acarretar várias emoções, sejam positivas ou negativas, resultantes de comparações ascendentes (superior – para cima) ou comparações descendentes (inferior – para baixo) (Buunk et al., 1990; Corcoran et al., 2011). Miao et al. (2018) constataram que alunos do ensino médio com tendência para se compararem, o fazem independente da direção, principalmente se tiverem uma visão distorcida de si e das situações.

A Comparação Social como Mecanismo Onipresente nas Relações Sociais

Festinger (1954), ao apresentar sua visão sobre as condições pelas quais o processo de comparação é desencadeado, declarou que a disposição para obter informações é uma característica universal das pessoas. Partindo desse pressuposto, pesquisas posteriores se atentaram que as comparações podem ser relativamente espontâneas e não intencionais (Jung & Kim, 2020; P. Gilbert et al., 1995).

Para Allan & Gilbert (1995, p. 149) a capacidade para se comparar é “filogeneticamente muito antigo e biologicamente poderoso para inibir ou facilitar o comportamento social”, sendo um atributo reconhecido em muitas espécies. À vista disso, a comparação é um mecanismo global nas relações sociais, uma característica humana universal (Suls & Wheeler, 2020; Gerber et al., 2018).

Baseados nessas declarações, estes mesmos autores (Allan & Gilbert, 1995) exploraram a comparação social pela abordagem da teoria evolucionista, sugerindo que esse comportamento é visto através dos mecanismos sociais como: seleção intra-sexual, investimento parental, altruísmo recíproco e a necessidade de inclusão em grupos sociais. Deste

modo, as comparações podem acontecer com pares de uma pessoa para outra, (relacionamentos conjugais), triangular, que ocorre quando são feitas comparações entre indivíduos alternativos (competição, escolha de um político) e grupos, podendo ser entre indivíduo-grupo ou grupo-grupo.

Também reiteram que além da escolha de diferentes alvos, a comparação pode ocorrer através de recursos sociais muito antigos, tais como: *Mais Forte-Mais Fraco*, que se refere à capacidade de desafiar, “manter e defender” sua posição, a exemplo do que ocorre nos esportes; *Mais-Menos Atraente para o Grupo*, em que o indivíduo exibe seus talentos e habilidades para receber aprovação do grupo de referência. *No Grupo-Fora do Grupo*, este tipo de comparação é baseado em diferença e similaridade com o grupo, no qual as pessoas fazem julgamentos se são iguais-diferentes entre os membros e se pertencem ou não ao grupo, bem como a avaliação entre inferioridade-superioridade do grupo; *Mais-Menos Favorecido pelos Pais*, esse recurso aconteceu principalmente entre irmãos, mas pode elucidar as relações não familiares, como professores ou patrões, em que os indivíduos competem por atenção favorável a aprovação.

Portanto, esta perspectiva aponta para importantes contribuições no desenvolvimento dessa linha de pesquisa, sugerindo que a comparação social tem uma função adaptativa, suas respostas são parcialmente automáticas, e de utilidade biológica para realizá-la (Buunk & Dijkstra, 2014). Seguindo essas alegações, outros estudiosos identificaram que apesar da comparação ser uma característica universal, foi observado que a existência de tal espontaneidade sugere outras razões adicionais pelas quais as pessoas se comparam com outros, a exemplo da personalidade (Gibbons & Buunk, 1999; Buunk & Gibbons, 2007).

A Orientação para Comparação Social como Uma Característica da Personalidade

Conforme observado na literatura, os indivíduos são universalmente motivados para se autoavaliarem por meio da comparação social, pois, esse mecanismo retém informações proveitosas sobre seu status em um determinado domínio (Álvaro & Garrido, 2017). Embora

seja um mecanismo social básico, estudos asseguram que as pessoas divergem nesse processo (Gibbons & Buunk, 1999; Jung & Kim, 2020).

Em razão disso, Gibbons e Buunk (1999) foram um dos primeiros autores que identificaram a orientação para comparação social (OCS) como uma diferença individual, a qual, é capaz de explicar a variação de afetos e comportamentos, que não estão relacionados apenas às influências temporárias de fatores contextuais. A OCS parte do entendimento que as pessoas diferem no que diz respeito à tendência em fazer comparações e apresentar uma maneira específica de interpretar tais informações. É uma variável importante para identificar até que ponto a frequência de comparação varia de uma pessoa para outra e prever o comportamento de comparação (Suls & Wheeler, 2020).

Uma explicação para essa variação é que a OCS se refere a uma característica da personalidade. Diener e Fujita (1997) afirmam que "[...] fazer qualquer comparação, muitas vezes pode ser uma função da personalidade de alguém " (p. 349). Porquanto, a personalidade é uma organização dinâmica dos sistemas psicofísicos que influenciam comportamentos e pensamentos (Rebollo & Harris, 2006). Schultz e Schultz (2015) reiteram que é uma característica externa, somada a atributos subjetivos, emocionais e sociais, e embora não seja inalterada, é resistente a mudanças. Sendo assim, é um construto integrador que afeta a maneira como a pessoa se adapta ao contexto no qual se insere.

Consoante ao que já foi exposto anteriormente, a personalidade é importante construto capaz de prever comportamentos e sentimentos do ser humano e afeta globalmente a orientação para comparação. Uma maior pontuação em determinados traços de personalidade pode indicar o que torna o indivíduo mais ou menos propenso a se comparar e ser afetado pelas informações provenientes da comparação (Gerber, Wheeler, & Sulz, 2018; Gibbons & Buunk, 1999).

Com base no modelo dos cinco grandes traços de personalidade (Big five, McCrae &

John, 1992), considerado um dos mais difundidos para descrever a estrutura da personalidade, é encontrado ampla associação com OCS (Buunk et al., 2020; Gibbons & Buunk, 1999). É um modelo conciso, que possibilita a descrição simples da personalidade, no qual argumenta que o indivíduo possui tendências inatas, que ao interagirem com o ambiente social culmina no comportamento (Costa & McCrae, 1992).

Liu e Campbell (2017) descrevem as facetas como: Abertura a Experiência, essa dimensão se refere ao intelecto e à capacidade e complexidade da imaginação humana, com comportamentos exploratórios e atribuição a importância de novas experiências, expressando-se em curiosidade, busca de novidades, estética, sentimentos, ações, ideias e valores. Conscienciosidade, essa dimensão se baseia na organização e perseverança. Reflete na organização, ordem, obediência ao dever, esforço de realização, autodisciplina e deliberação.

Ademais, a Amabilidade, a qual se refere-se à orientação interpessoal e qualidade das relações. Pessoas que pontuam alto são mais abertos, sinceros e preocupadas com os outros, guiados por seus sentimentos, envolvendo confiança, retidão, altruísmo, complacência, modéstia e sensibilidade e comportamentos harmoniosos. A Extroversão: diz respeito a sociabilidade, emoções positivas. Está ligada ao acolhimento, assertividade, atividade, procura de excitação e emoções positivas. Por fim, o Neuroticismo, que reflete na instabilidade emocional, associado a experimentação de emoções negativas. Pessoas que pontuam alto apresentam desajustamento e sofrimento emocional, sendo mais dependente dos outros, e está associado a ansiedade, depressão, autoconsciência, impulsividade e vulnerabilidade (Liu & Campbell, 2017; Monteiro et al., 2015).

Há evidências de que o Neuroticismo apresenta relação mais consistente entre OCS do que os outros fatores. Esses resultados demonstram que indivíduos com pontuação alta neste traço comparam-se com frequência, tendem a interpretar as informações de comparações sociais de forma negativa e experienciar estados negativos (Gibbons & Buunk, 1999; McCarthy

& Morina, 2019; Wang, 2019). Com base nesses achados, a literatura de comparação social reuniu esforços para construir a imagem com as principais características do indivíduo com maior OCS (Buunk et al., 2005; Garanyan & Pushkina, 2016; Suls & Wheeler, 2020).

A Pessoa 'Típica' em Orientação para Comparação Social

Conforme observado em estudos de OCS, há alguns recursos básicos que colaboram para a compreensão sobre quem é o indivíduo típico comparador, caracterizado como aquele que gasta mais tempo se comparando e vivenciam mais intensamente as reações afetivas, dentre os quais destaca-se: um “*self* mais ativado”, por necessitar estar mais consciente do seu próprio estado e da maneira que são percebidos pelos outros (Gibbons & Buunk, 1999; Gilbert et al., 1995; Buunk et al., 2020). Exemplo disso são os estudos que verificam a autoconsciência, referente a um grau de autoatenção reflexiva (Lee, 2014). McIntyre e Eisenstadt (2011) identificaram relação entre OCS e autorregulação, que é o processo pelo qual indivíduos confiam no *feedback* dos outros para se aproximarem ou se afastarem de autoestados indesejados, monitorando a magnitude da discrepância entre sua condição atual, ou seja, o eu real.

Outrossim, esses indivíduos têm se mostrado mais interessados naquilo que as pessoas pensam, sentem e fazem, o que os tornam mais suscetíveis à influência social e à conformidade com os padrões sociais. A OCS está associada à competitividade (Rentzsch & Gross, 2015), preocupação com normas sociais (Rom et al., 2017), empatia e sensibilidade geral às necessidades de outro (Buunk & Dijkstra, 2014). Como apontam Fleischmann et al. (2020), pessoas com disposição para se comparar com os outros são mais inseguras, inclinadas para se automonitorarem e reforçarem a autoapresentação social, o que reflete nas decisões dos dilemas morais.

Outro componente significativo é a relação entre OCS, afetividade negativa, alto grau de incerteza do *self*, e uma autoestima instável provenientes do neuroticismo. Neste caso,

peessoas que apresentam traços de neuroticismo são mais propensas a se envolverem em comparações e responderão menos positivamente a essas informações, tendendo a experienciar emoções negativas (Buunk et al., 2020; Garanyan & Pushkina, 2016). Urzúa et al. (2012) afirmam que devido ao autoconceito negativo, os indivíduos realizam autoavaliações negativas, aumentando a necessidade de comparações para diminuir a incerteza. Para além disso, é identificado a ruminação de sentimentos negativos (Curci et al., 2015). Isto posto, estudar as diferenças individuais é imprescindível para compreender a eficácia da OCS em prever comportamentos e reações afetivas na vida cotidiana (Jung & Kim, 2020; Suls & Wheeler, 2020).

A Relação entre Orientação para Comparação Social e Afetividade Negativa

Os efeitos da comparação social relacionado ao *self* tem sido investigado por meio de diversos caminhos metodológicos e teóricos (Gerber et al., 2018). Especificamente identificando que esse processo não acontece no vácuo, mas em um determinado contexto, realizado por alguém que apresenta características individuais que os distingue dos demais, seja na frequência pela qual se comparam, a motivação, a direção e até nas intensidade das consequências afetivas vivenciadas. Por isso, esse mecanismo psicológico é responsável por produzir uma variedade de emoções (Corcoran et al., 2011; Mussweiler, 2003).

A teoria da comparação social, portanto, constitui uma variável importante para compreender a afetividade negativa (AN), conceituada como uma dimensão individual de disposição em experienciar a emocionalidade negativa e de autoconceito. Os estados de humor para aqueles com alta AN compõe-se de sentimentos de angústia, nervosismo e tensão, também são mais inseguros e apresentam uma visão distorcida de si (Clark & Watson, 1991; Lovibond & Lovibond, 1995; Martins et al., 2019). Isto posto, a AN está vinculada ao sofrimento subjetivo diante de ameaças à autoestima, em especial, nos contextos interpessoais, no entanto, podendo ocorrer também mesmo na ausência de fator estressante manifesto.

A partir disso, Clark e Watson (1991) reiteram que embora a organização do conceito de AN seja constituído por outros estados emocionais, tem como característica central a depressão e ansiedade, que por sua vez se apresentam correlacionadas. A depressão é caracterizada pela diminuição do afeto positivo, descrença acerca das capacidades, sentimento da falta de valor próprio e indisposição. Já a ansiedade é marcada pela antecipação de acontecimentos negativos e preocupação. Essa estruturação de depressão e ansiedade proposta por esses autores, foi denominada de Modelo Tripartido, que consiste na apariação por três dimensões: a) o afeto negativo, presente na depressão e ansiedade; b) baixo afeto positivo comum na depressão; e, c) excitação fisiológica, específico da ansiedade. A combinação dessas condições levaram Lovibond e Lovibond (1995) operacionalizar este modelo, e descobriram que além da depressão e ansiedade, há um fator com características comuns nas duas condições, designado de estresse, definida por estado de tensão, irritabilidade e pouca tolerância a frustração.

Desta forma, eventos desafiadores podem fazer sobrevir casos de depressão e ansiedade. Algumas observações terapêuticas sugerem que uma maior tendência para se comparar negativamente associa-se positivamente a diversos problemas psicológicos, como depressão (Rozgonjuk et al., 2019), ansiedade social (Mitchell & Schmidt, 2014), estresse (Buunk et al., 2010), baixa autoestima (Urzúa et al., 2012) e inveja (Yang, 2017). Em estudo sobre a aproximação da comparação social e psicopatologia, Allan e Gilbert (1995) observaram que em grupos clínicos, há uma forte relação entre a comparação social e o quadro de comportamento obsessivo-compulsivo, sensibilidade interpessoal, ansiedade fóbica, ideação paranóica, depressão e ansiedade.

A Importância das Diferenças Individuais no Surgimento da Afetividade Negativa

Algumas pesquisas iniciais acerca das reações afetivas da OCS, destacam que decorrem principalmente da direção na qual a pessoa se compara, fazendo a de maneira ascendente e

descendente (Buunk & Gibbons, 2007; Lee et al., 2016). Nas comparações ascendentes, em que os indivíduos percebem que estão em uma situação inferior aos outros, podem se sentir frustrados e ressentidos, ao contrário, nas comparações descendentes, as pessoas podem experienciar sentimento de orgulho e alívio (Lee et al., 2019). No entanto, estudos evidenciam que independente da direção da comparação, pode-se provar de “altos e baixos”, ou seja, tanto as comparações ascendentes quanto descendentes podem ser ameaçadoras ou benéficas para o *self* (Buunk et al., 1990; Corcoran et al., 2011).

Em contraste com a literatura descrita anteriormente, essas investigações destacam que as reações afetivas não são inerentes à direção, pois é a elevada orientação para comparação e o tipo de autoavaliação realizada que podem ser indicações preditivas do surgimento da AN, que reagem como antecedentes a escolha do alvo. Logo, o efeito da comparação depende, em parte, das diferenças individuais que, por sua vez, possibilitam compreender como esses indivíduos se percebem e interpretam a si mesmos, antes de se envolverem em alguma atividade social (Buunk & Gibbons, 2007; Corcoran et al., 2011).

Logo, esses achados sugerem que o envolvimento em atividades de comparação social varia de acordo com a leitura que os indivíduos fazem de si, e o resultado dessa análise está interligado a esses fatores psicológicos (McCarthy & Morina, 2019). Para tanto, destaca-se que a teoria da comparação, segundo Festinger (1954), é em especial sobre a autoavaliação e, como retratado anteriormente, as reações afetivas resultam do foco de comparação e da proporção desse foco, para produzir um encadeamento de emoções (Suls & Wheeler, 2020).

Avaliações das Características Individuais

Uma vez que a comparação social se refere ao processo de avaliação das próprias características em relação às características de outras pessoas, algumas circunstâncias podem ser marcadas por angústia. Por isso, detectar a maneira como o conhecimento é buscado e ativado durante o processamento da comparação é fundamental para entender como se dá essa

autoavaliação e suas consequências (Buunk & Gibbons, 2006, 2007).

Corroborando com tal argumentação, Stapel e Tasser (2001), sugerem que o processo de ativação positiva ou negativa que desencadeiam mudanças no afeto, está relacionado inicialmente ao tipo de autoavaliação do indivíduo. Se for positiva, provavelmente sentimentos positivos sejam despertados, ou seja, alguém sentir-se positivo a respeito de si mesmo significa que as coisas estão indo bem, tal como esperado, não havendo necessidade de preocupação com informações de comparação social. Seguindo este raciocínio, uma autoavaliação negativa despertará afeto negativo, e neste caso, aumentará a necessidade de comparações sociais, tendo em vista que constituem uma ameaça para o *self* (Buunk & Gibbons, 2006; Buunk et al., 2020; Gibbons & Buunk, 1999).

Ante ao exposto, o efeito emocional despertado pela comparação é proveniente das características do indivíduo, dado que a avaliação positiva de si (autoaprovação) ou negativa (depreciação) se relaciona diretamente a autoestima, constituída da interpretação dos pensamentos e sentimentos de autovalor, utilizada para avaliar características e habilidades. Pessoas com baixa autoestim sentem-se mais ameaçadas, e possuem um olhar negativo de si, o que as tornam vulneráveis ao surgimento de problemas clínicos (*e.g* ansiedade e depressão). Já aqueles com autoestima estável são inclinados a valorizarem suas habilidades e se sentirem bem com seu desempenho (Buunk & Gibbons, 2007; Garanyan & Pushkina, 2016; D. Gilbert et al., 1995; Kernis, 2005; Lee et al., 2016).

Ademais, Lockwood e Kunda (1997) e Myers (2014) sugeriram que outra maneira pela qual a autoidentificação pessoal e social traz efeitos positivos ou negativos está relacionado ao “eu possível”, que inclui visões de quem podemos ser, e por sua vez, essas respostas são encontradas através da comparação. Tais descobertas constataam que a autoconstrução do eu, resultante da autoavaliação que o indivíduo faz, sejam crônicas ou induzidas pelo contexto, é um elemento imprescindível para indicar a direção da comparação social (Corcoran et al., 2011;

Myers, 2014).

Nessa perspectiva, pesquisas que constatarem o efeito da autoavaliação (positiva e negativa) em mulheres para identificar a satisfação corporal, em comparação com modelos, mostraram que mulheres satisfeitas com seus corpos se comparam com menos frequência e não sofreram efeitos negativos tanto quanto aquelas que estavam insatisfeitas, as quais têm uma necessidade maior de comparação e sofrem psiquicamente, independente dos padrões escolhidos (Knobloch-Westerwick, 2014; Watt & Konnert, 2018; Xiaojing, 2017).

A Incerteza como Motivador para o Envolvimento em Comparações Sociais

Como mostram Gibbons e Buunk (1999), pessoas que se comparam com frequência possuem uma maior necessidade de recolher informações sociais, por serem incertas sobre si mesmas e realizarem autoavaliações negativas, o que consequentemente acarreta o surgimento de sentimentos negativos. Festinger (1954) em suas formulações acerca da incerteza, alega que níveis elevados desse componente aumenta a atividade de comparação social.

Porquanto, a incerteza de opiniões e aptidões pode culminar em consequências psicológicas críticas e dolorosas, dado que a incerteza é um fator estressante (Buunk et al., 2010; McEwan, 2013; Suls & Wheeler, 2020). Assim, Costa e McCrae (1992) propõe que a incerteza é um componente próprio do neuroticismo, o que torna a relação com a comparação social teoricamente consistente. Estudos conseguintes corroboram com esses achados, demonstrando a relação existente entre níveis elevados de depressão e ansiedade com clareza de autoconceito e intolerância à incerteza (Campbell et al., 1996; Freeston et al., 1994). A associação entre depressão, ansiedade e comparação social sugere que as pessoas experienciam com maior frequência a incerteza (Butzer & Kuiper, 2006).

Em linha com essas previsões, o neuroticismo induz o surgimento da incerteza em níveis elevados, aumentando a necessidade de comparação social que, por sua vez, pode afetar no tipo de autoavaliação (McCarthy & Morina, 2019). De modo geral, as características individuais

são fatores importantes a serem considerados antes mesmo da escolha da direção (ascendente e descendente) (Buunk & Gibbons, 2007; Buunk et al., 2020; Corcoran et al., 2011; Suls & Wheeler, 2020).

Diante disso, McCarthy e Morina (2019) afirmam que a autoavaliação pode afetar o modo como buscamos informações, visto que a comparação social é um processo cognitivo que contribui para mudanças no afeto, dependendo de como os indivíduos interpretam as informações sociais e a si mesmos. Por conseguinte, as diferenças individuais (*e.g* traço neuroticismo e OCS) são construtos identificados como possíveis antecedentes da afetividade negativa (Buunk et al., 2010; Gerber et al., 2018; McCarthy & Morina, 2020; Rozgonjuk et al., 2019).

Considerações Finais

A comparação social é um fenômeno social onipresente, realizada para fornecer informações sociais, avaliar a si mesmo e adaptar-se em situações desafiadoras. Pesquisas tem-se atentado não somente para as diversas funções desse mecanismo, mas também para as diferenças individuais, no que diz respeito a necessidade de realizar comparações, o modo como podem afetar atitudes e comportamentos, e outras variedades de conteúdos na psicologia social, tendo em vista sua relação com outras variáveis (Buunk et al., 2020; Corcoran et al., 2011; Gerber et al., 2018).

Embora a literatura em comparação social tenha avançado nos últimos anos, ainda se faz necessário estudos empíricos que aprimorem o desenvolvimento teórico e metodológico, principalmente no Brasil, no qual são limitados a poucas áreas de aplicação (Torres & Neia, 2011). Especificamente sobre os processos que intervêm a relação entre orientação para comparação e afetividade, como retratado em casos anteriores, a associação entre neuroticismo, baixa autoestima, depressão e ansiedade (Buunk & Gibbons, 2007; Gibbons & Buunk, 1999; Rozgonjuk et al, 2019; Mitchell & Schmidt, 2014).

Tais estudos indicam que a comparação social desempenha uma função na manutenção de sintomas e cognições, a exemplo da ruminação de pensamentos depressivos (Curci et al., 2015), e comportamentos disfuncionais, como o frequente uso de redes sociais online (Yang & Robinson, 2018), a não adaptação social (Miao et al., 2018), o que pode influenciar em crenças negativas do self (McCarthy & Morina, 2019). Essas alegações trazem implicações para a necessidade do desenvolvimento de estudos e replicação de métodos que favoreçam o campo de pesquisa de orientação para comparação social para melhor compreensão das queixas em saúde mental, por beneficiar o diagnóstico e tratamento (Allan & Gilbert, 1995; Garanyan & Pushkina, 2016).

Referências

- Allan, S., & Gilbert, P. (1995). A social comparison scale: Psychometric properties and relationship to psychopathology. *Personality and Individual Differences*, 19(3), 293–299. [http://dx.doi.org/10.1016/0191-8869\(95\)00086-L](http://dx.doi.org/10.1016/0191-8869(95)00086-L)
- Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2017). *Psicologia social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. (Ed. Rev). AMGH
- Argo, J. & White, K. & Dahl, D. (2006). Social comparison theory and deception in the interpersonal exchange of consumption information. *Journal of Consumer Research*. 33. <http://dx.doi.org/doi: 99-108. 10.1086/504140>
- Buunk, B. & Collins, R. & Taylor, S. & Van Yperen, N. & Dakof, G. (1991). The Affective Consequences of Social Comparison: Either Direction Has Its Ups and Downs. *Journal of personality and social psychology*. 59. 1238-49. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.59.6.1238>
- Buunk, A.P. & Gibbons, F. X. (2005). Social comparison orientation: A new perspective on those who do and those who don't compare with others. *Social Comparison and Social*

Psychology: *Understanding Cognition, Intergroup Relations, and Culture*. 15-32.

<http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511584329.003>

Buunk, A. P., & Gibbons, F. X. (2006). Social comparison orientation: A new perspective on those who do and those who don't compare with others. In S. Guimond (Eds.), *Social comparison and social psychology: Understanding cognition, intergroup relations, and culture* (pp.15–32). Cambridge University Press. <https://psycnet.apa.org/record/2006-04288-001>

Buunk, A. P., & Gibbons, F. X. (2007). Social comparison: The end of a theory and the emergence of a field. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 102(1), 3–21. <http://dx.doi.org/10.1016/j.obhdp.2006.09.007>

Buunk, A., P., Belmont, J., M. Peiró, J., Zurriaga, R., & X. Gibbons, F. (2010). Social comparison as a predictor of changes in burnout among nurses, Anxiety, Stress, & Coping. *An International Journal*, 23 (2), 181-194, <http://dx.doi.org/10.1080/10615800902971521>

Buunk, A. & Dijkstra, P. (2014). Social comparison orientation and perspective taking as related to responses to a victim. *Psychology*, 5,441-450. <http://dx.doi.org/10.4236/psych.2014.55054>

Buunk, A.P., Gibbons, F.X., Dijkstra, P., & Zlatan, K. (2020). Individual differences in social comparison: The complex effects of social comparison orientation. In: J.Sulls, & R.L. Collins (Eds.), *Social comparison, judgement and behavior* (pp. 77-104). Oxford University Press. <https://oxford.universitypressscholarship.com/view/10.1093/oso/9780190629113.001.0001/oso-9780190629113-chapter-4>

Butzer, B., & Kuiper, N. A. (2006). Relationships between the frequency of social comparisons and self-concept clarity, intolerance of uncertainty, anxiety, and depression. *Personality and Individual Differences*, 41(1), 167–

176. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2005.12.017>

- Campbell, J. D., Trapnell, P. D., Heine, S. J., Katz, I. M., Lavallee, L. F., & Lehman, D. R. (1996). Self-concept clarity: Measurement, personality correlates and cultural comparison behavior. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 11, 167–180. http://www.paultrapnell.com/reprints/selfconceptclarity_jpsp96.pdf
- Clark, L. A., & Watson, D., (1991). Tripartite model of anxiety and depression: psychometric evidence and taxonomic implications. *Journal of Abnormal Psychology*. 100 (3),316–336. <https://doi.org/10.1037//0021-843x.100.3.316>
- Civitci, N., & Civitci, A. (2015). Social comparison orientation, hardiness and life satisfaction in undergraduate Students. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 205, 516-523. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.09.062>
- Corcoran, K. & Crusius, J. & Mussweiler, T. (2011). Social Comparison: Motives, Standards, and Mechanisms (Eds). In D. Chadee. *Theories in social psychology*, (pp. 119-139). https://www.researchgate.net/publication/265634849_Social_Comparison_Motives_Standards_and_Mechanisms
- Curci, A., Soleti, E., Lanciano, T., Doria, V., & Rimé, B. (2015). Balancing emotional processing with ongoing cognitive activity: The effects of task modality on intrusions and rumination. *Frontiers in Psychology*, 6 (12–75). <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01275>
- Diener, E., & Fujita, F. (1997). Social comparisons and subjective well-being. In B. P. Buunk & F. X. Gibbons (Eds.), *Health, coping, and well-being: Perspectives from social comparison theory* (pp. 329–357). Lawrence Erlbaum Associates Publishers. <https://psycnet.apa.org/record/1997-09050-010>
- Feinstein, B. A., Hershenberg, R., Bhatia, V., Latack, J. A., Meuwly, N., & D'avila, J. (2013). Negative social comparison on Facebook and depressive symptoms: Rumination as a

- mechanism. *Psychology of Popular Media Culture*, 2(3), 161–170. <http://dx.doi.org/10.1037/a0033111>
- Festinger, L., Schachter, S. & Back, K. (1950). *Social pressures in formal groups: A study of human in housing*. New York: Harper. <https://www.semanticscholar.org/paper/Social-pressures-in-informal-groups-%3A-a-study-of-in-Festinger/9cdabf4da4fcd220bed30147e099f53121008e9b>
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117–140. <http://dx.doi.org/10.1177/001872675400700202>
- Fleischmann, A., Lammers, J., Conway, P., & Galinsky, A. D. (2020). Kant be Compared: People High in Social Comparison Orientation Make Fewer—Not More—Deontological Decisions in Sacrificial Dilemmas. *Social Psychological and Personality Science*, (19)4. <https://doi.org/10.1177/1948550620947294>
- Garanyan N.G., & Pushkina E.S. (2016). Verification of the validity and reliability of the Russian version of the "Iowa-Netherlands Social Comparison Guidance Scale" methodology in a sample of students. *Advisory Psychology and Psychotherapy*, 24(2), 64–92. <http://dx.doi.org/10.17759 / cpp.2016240205>
- Gerber, J. P., Wheeler, L., & Suls, J. (2018). A social comparison theory meta-analysis 60+ years on. *Psychological Bulletin*, 144(2), 177–197. <http://dx.doi.org/10.1037/bul0000127>
- Gibbons, F. X., & Buunk, B. P. (1999). Individual differences in social comparison: Development of an orientation scale for social comparison. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(1), 129–142. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.76.1.129>
- Gilbert, P., Price, J., & Allan, S. (1995). Social comparison, social attractiveness and evolution: How might they be related? *New Ideas in Psychology*, 13 (2), 149–165. [http://dx.doi.org/10.1016/0732-118X\(95\)00002-X](http://dx.doi.org/10.1016/0732-118X(95)00002-X)

- Gilbert, D. & Giesler, R. & Morris, K. (1995). When Comparisons Arise. *Journal of personality and social psychology*. 69. 227-36. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.69.2.227>
- Goethals, G. R., & Darley, J. (1977). Social comparison theory: An attributional approach. In J. Suls, & R. Miller (Eds.), *Social comparison processes: Theoretical and empirical perspectives* (pp. 259–278). Washington, DC: Hemisphere. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4612-4634-3_2
- Goethals, G. R., Messick, D. M., Allison, S. T. (1991). The uniqueness bias: Studies of constructive social comparison. In J. M. Suls & T. A. Wills (Eds.), *Social comparison: Contemporary theory and research* (pp. 149–173). Hillsdale, NJ: Erlbaum. <https://oxford.universitypressscholarship.com/view/10.1093/oso/9780190629113.001.0001/oso-9780190629113-chapter-4>
- Harvey, A. J. & Keyes, H. (2019): How do I compare thee? An evidence-based approach to the presentation of class comparison information to students using Dashboard. *Innovations in Education and Teaching International*. <https://doi.org/10.1080/14703297.2019.1593213>
- Jung, W. H., & Kim, H. (2020). Intrinsic functional and structural brain connectivity in humans predicts individual social comparison orientation. *Frontiers in Psychiatry*, 11. <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyt.2020.00809>
- Kernis, M. H. (2005). Measuring self-esteem in context: The importance of stability of self-esteem in psychological functioning. *Journal of Personality*, 73(6), 1569-1605. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-6494.2005.00359.x>
- Knobloch-Westerwick, S. (2014). Thinspiration: self-improvement versus self-evaluation social comparisons with thin-ideal media retrayals. *Health Communication*, 30 (11), 1089–1101. <http://dx.doi.org/10.1080/10410236.2014.921270>

- Lev-Ari, L., Baumgarten-Katz, I. & Zohar, A. (2014). Mirror, mirror on the wall: how women learn body dissatisfaction. *Eating Behaviors*, 15, 397-402. <http://dx.doi.org/10.1016/j.eatbeh.2014.04.015>
- Lee, S. & Chen, Y. & Harmon, M. (2016). Reality TV, materialism, and associated consequences: An exploration of the influences of enjoyment and social comparison on reality TV's cultivation effects. *Atlantic Journal of Communication*, 24, 228-241. <http://dx.doi.org/10.1080/15456870.2016.1208659>
- Lee, B., Suh, T., & Sierra, J. J. (2019). Understanding the effects of physical images on viewers in social comparison contexts: a multi-study approach. *Journal of Promotion Management*, 1-18. doi: 10.1080 / 10496491.2019.1612496
- Lewis, N. & Weaver, A. (2015). Emotional Responses to Social Comparisons in Reality Television Programming. *Journal of Media Psychology Theories Methods and Applications*, 28. <http://dx.doi.org/10.1027/1864-1105/a000151>
- Liu, D., & Campbell, K. W. (2017). The Big Five personality traits, Big Two metatraits and social media: A meta-analysis. *Journal of Research in Personality*, 70, 229-240. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2017.08.004>
- Lockwood, P., & Kunda, Z. (1997). Superstars and me: Predicting the impact of role models on the self. *Journal of Personality and Social Psychology*, 73, 91-103. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.73.1.91>
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33(3), 335-343. doi:10.1016/0005-7967(94)00075-u

- Martins, B. G., Silva, W. R., Maroco, J., & Campos, J. A. D.B. (2019). Escala de depressão, ansiedade e estresse: propriedades psicométricas e prevalência das afetividades. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 68(1), 32-41. <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000222>
- Mitchell, M. A. & Schmidt, N. B. (2014). An experimental manipulation of social comparison in social anxiety, *Cognitive Behaviour Therapy*, 43 (3), 221-229, <https://doi.org/10.1080/16506073.2014.914078>
- McCrae, R. R., & John, O. P. (1992). An introduction to the five-factor model and its applications. *Journal of Personality*, 60(2), 175-215. <https://doi.org/10.1111/j.1467-64.1992.tb00970.x>
- Monteiro, R. P., Gouveia, R. S. V., Patrick, C. J., Carvalho, H. W., Medeiros, E. D., Pimentel, C. E., & Gouveia, V. V. (2015). A psicopatia no contexto dos cinco grandes fatores da personalidade. *Psico(PUCRS)*, 46 (4). <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2015.3.20314>
- Morry, M. M., Sucharyna, T. A., & Petty, S. K. (2018). Relationship social comparisons: Your facebook page affects my relationship and personal well-being. *Computers in Human Behavior*, 83, 140–167. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2018.01.038>
- McCarthy, P. A. & Morina, N. (2019). Exploring the association of social comparison with depression and anxiety: A systematic review and meta-analysis, *Clin Psychol Psychother*. 2020, 1–32. <http://dx.doi.org/10.1002 / cpp.2452>
- McIntyre, K. P. & Eisenstadt, D. (2011). Social comparison as a selfregulatory measuring stick, *Self and Identity*, 10(2), 137-151. <http://dx.doi.org/10.1080/15298861003676529>
- Mussweiler, T. (2003). Comparison processes in social judgment: Mechanisms and consequences. *Psychological Review*, 110(3), 472–489. doi:10.1037/0033-295x.110.3.472

- McEwan, B. (2013). Sharing, caring, and surveilling: An actor-partner interdependence model examination of Facebook relational maintenance strategies. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16, 863-869. <http://dx.doi.org/10.1089/cyber.2012.0717>
- Mccarthy, P. & Morina, N. (2020). Exploring the association of social comparison with depression and anxiety: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology & Psychotherapy*. <http://dx.doi.org/10.1002/cpp.2452>
- Olson, B. D., & Evans, D. L. (1999). The Role of the Big Five Personality Dimensions in the Direction and Affective Consequences of Everyday Social Comparisons. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25(12), 1498–1508. <http://dx.doi.org/10.1177/01461672992510006>
- Rebollo, I. & Harris, J. R. (2006). Genes, ambiente e personalidade. In C.E. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.). *Introdução à Psicologia das diferenças individuais* (pp. 300-322). Artmed
- Rentzsch, K., & Gross, J. J. (2015). Who Turns Green with Envy? Conceptual and Empirical Perspectives on Dispositional Envy. *European Journal of Personality*, 29(5), 530–547. <http://dx.doi.org/10.1002/per.2012>
- Rozgonjuk, D., Ryan, T., Kuljus, J., Täht, K., & Scott, G. (2019). Social comparison orientation mediates the relationship between neuroticism and passive Facebook use. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 13(1). <http://dx.doi.org/10.5817/CP2019-1-2>
- Stapel, D. A., & Tesser, A. (2001). Self-activation increases social comparison. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 742–750. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.81.4.742>
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2015). *Teorias da personalidade* (3a Ed.). Cengage Learning

- Suls, J. R., & Wheeler, L. (2020). Looking up and ahead: the social comparison of abilities, personal attributes, and opinions. In Suls, J. R., Collins, L. & Wheeler, L. *Social comparison, judgment, and behavior* (pp. 53-104). Oxford University Press.
<https://oxford.universitypressscholarship>
- Torres, C. & Neiva, R. E. (2011). *Psicologia Social: Principais temas e vertentes*. Artmed
- Úrzua, A. & Zúñiga, P. B., & Buunk, A. P. (2012). The age and sex in the social comparison orientation. *Terapia Psicológica*, 30, 79-88. <http://teps.cl/index.php/teps/article/view/114>
- Wang, D. (2019). A study of the relationship between narcissism, extraversion, body-esteem, social comparison orientation and selfie-editing behavior on social networking sites. *Personality and Individual Differences*, 146, 127–129.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2019.04.012>
- Watt, A. & Konnert, C. (2018). Body satisfaction and self-esteem among middle-aged and older women: the mediating roles of social and temporal comparisons and self-objectification. *Aging & Mental Health*. 24. 1-8. <http://dx.doi.org/10.1080/13607863.2018.1544222>
- Wills, T. A. (1981). Downward comparison principles in social psychology. *Psychological Bulletin*, 90, 245–271. <http://dx.doi.org/10.1037/0033-2909.90.2.245>
- Wood, J. V. (1996). What is social comparison and how should we study it? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 22(5), 520–537.
<http://dx.doi.org/10.1177/0146167296225009>
- Xiaojing, A. (2017). Social networking site uses, internalization, body surveillance, social comparison and body dissatisfaction of males and females in mainland China. *Asian Journal of Communication*, 27(6), 616-630.
<http://dx.doi.org/10.1080/01292986.2017.1365914>
- Yang, C., & Robinson, A. (2018). Not necessarily detrimental: Two social comparison orientations and their associations with social media use and college social adjustment.

Computers in Human Behavior, 84, 49–57. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2018.02.020>

ARTIGOS EMPÍRICOS

ARTIGO 2

ADAPTAÇÃO DA ESCALA DE ORIENTAÇÃO PARA A COMPARAÇÃO SOCIAL (INCOM) PARA O CONTEXTO BRASILEIRO

ADAPTATION OF SCALE FOR SOCIAL COMPARISON ORIENTATION (INCOM) FOR THE BRAZILIAN CONTEXT

ADAPTACIÓN DE LA ESCALA DE ORIENTACIÓN HACIA LA COMPARACIÓN SOCIAL (INCOM) AL CONTEXTO BRASILEÑO

Rayssa Soares Pereira
Universidade Federal da Paraíba

Patricia Nunes da Fonseca
Universidade Federal da Paraíba

Artigo submtido na *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación - e Avaliação Psicológica (RIDEP)*

Resumo

O estudo objetivou reunir evidências de precisão e validade da Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM) em contexto brasileiro. Especificamente, verificou-se o padrão de relação com autoestima, sexo e idade. Realizaram-se dois estudos com participantes da população geral. No primeiro ($n = 356$), foi realizada a adaptação da INCOM e uma análise fatorial exploratória, sugerindo-se uma estrutura bifatorial. No segundo ($n = 300$), foram executadas análises fatoriais confirmatórias testando modelos alternativos (uni e bifatorial), corroborando a adequação do modelo bifatorial. Também realizou-se a correlação de Pearson (r), evidenciando uma relação negativa entre os fatores da comparação social (aptidão e opinião) e a autoestima, indicando validade convergente. Não foram verificadas diferenças significativas entre sexos. Quanto a idade, encontrou-se relação negativa com o fator aptidão. A partir dos resultados, constatou-se precisão satisfatória nos dois estudos. Conclui-se que a INCOM reuniu evidências psicométricas e pode auxiliar na avaliação de indivíduos com tendência para comparação social e seus correlatos.

Palavras-chave: Comparação social; opinião; aptidão; autoestima; instrumento.

Abstract

The study aimed to gather evidence of reliability and validity of the Comparison Orientation Scale (INCOM) in a Brazilian context. Specifically, the pattern of relationships with self-esteem, sex and age was examined. Two studies were conducted with participants from the general population. In the first ($n = 356$), the INCOM was adapted, and an exploratory factor analysis was carried out, which suggested a bifactorial structure. In the second ($n = 300$), confirmatory factor analyses were performed, testing alternative models (unifactorial and bifactorial), which corroborated the adequacy of the bifactorial model. Pearson's correlation (r) was also performed and showed a negative relationship between the factors of social comparison (aptitude and opinion) and self-esteem, indicating convergent validity. No significant sex differences were found. As for age, a negative relationship with the aptitude factor was found. Satisfactory reliability was found in both studies. It is concluded that the INCOM gathered psychometric evidence and can assist in the assessment of individuals with a tendency for social comparison and its correlates.

Keywords: Social comparison; opinion; skill; self-esteem; instrument.

Resumen

El estudio objetivó reunir evidencias de validez y precisión de la Escala de Orientación hacia la Comparación Social (INCOM) en contexto brasileño, específicamente verificar el patrón de la relación con la autoestima. Fueran realizados dos estudios con participantes oriundos de la población general del Brasil. En el primero ($n = 356$) fue realizada la adaptación de la INCOM y ejecutada un análisis factorial exploratorio, que sugirió una estructura bifactorial. En el segundo ($n = 300$) fueran ejecutados análisis factoriales confirmatorios probando modelos alternativos (uni y bifactorial), que corroboró a la adecuación del modelo bifactorial. Realizó la correlación de *Pearson* (r) que evidenció una relación negativa entre los factores de la comparación social (aptitud y opinión) y la autoestima, indicando validez convergente. Por tanto, constató precisión satisfactoria en ambos estudios, concluye que el INCOM es válido, fiable, y puede ayudar en la evaluación de individuos con la tendencia hacia la comparación social y sus correlatos.

Palabras clave: Comparación social; opinión; aptitud física; estima; instrumento.

Introdução

As pessoas obtêm informações de outras e as utilizam para darem sentido a si mesmas e ao mundo (Buunk & Gibbons 2006; Civitci & Civitci, 2015). Esse fato tem sido investigado por diferentes áreas do conhecimento, a exemplo da psicologia social e sociologia, que abordam estudos sobre o self e a influência social, principalmente sobre a maneira pela qual os indivíduos adquirem essas informações para se compararem socialmente (Buunk et al., 2020a).

A comparação social é um importante agente no processo de dar significado ao que está no entorno das pessoas. Pode ser compreendido como um mecanismo psicológico que possibilita ao indivíduo avaliar as informações sobre si e a realidade a sua volta, e de influenciar seus julgamentos e comportamentos, pois há a necessidade de as pessoas legitimarem seus conhecimentos, crenças, valores e atitudes (Álvaro & Garrido, 2017; Garanyan & Pushkina, 2016; Lins et al., 2016).

Nesse cenário, percebe-se a relevância da comparação social no entendimento do comportamento humano. O termo “comparação social” foi utilizado inicialmente por Festinger em 1954, quando desenvolveu uma teoria sistemática (Álvaro & Garrido, 2017). O autor postula em sua primeira hipótese que as pessoas apresentam uma tendência para avaliar suas opiniões e aptidões em comparação com outras pessoas (Festinger, 1954).

A comparação de opiniões avalia crenças e valores, com o objetivo de aumentar a certeza subjetiva. Dessa forma, questiona o que se deve pensar e sentir sobre X, isto é, diz respeito à forma de pensar sobre um objeto e/ou situação. As pessoas, ao se compararem, buscam saber se a sua maneira de ver o mundo está correta (Festinger, 1954).

No caso das aptidões, as pessoas podem questionar se são capazes de fazer algo e se o podem realizar no contexto em que vivem, a fim de saberem as possibilidades de ações e as melhores decisões a tomar (Festinger, 1954). Além disso, não se questiona apenas a

possibilidade de realizar ou não a atividade, mas, o quão bem é capaz de executá-la, o que demonstra uma avaliação do indivíduo acerca do seu desempenho (Goethals & Darley, 1977).

Essas comparações ocorrem porque os indivíduos são guiados por desejos de autoavaliação, autoaprimoramento e autoaperfeiçoamento para manterem-se com uma imagem positiva e estável socialmente, uma vez que a comparação aumenta a certeza subjetiva dos indivíduos (Álvaro & Garrido, 2017; Garanyan & Pushkina, 2016; Lins et al., 2016). Festinger (1954) destaca que a incerteza é um importante motivador para a realização da comparação, pois ajuda no fornecimento de informações e na diminuição dessas incertezas.

Porém, deve-se salientar que nem todas as comparações são processos intencionados e estratégicos em que os indivíduos reconhecem suas próprias atividades de comparação, pois muitas ocorrem espontaneamente e sem intenção (Gilbert et al., 1995). Entretanto, apesar de ser considerado um processo social básico, as pessoas diferem em sua disposição para se comparar com outros (Buunk et al., 2020a; Gibbons & Buunk, 1999). Devido a isso, compreende-se que este fenômeno pode ser considerado como um impulso psicológico universal, parcialmente automático e interligado à constituição biológica individual (Buunk & Dijkstra, 2014).

Nessa direção, Diener e Fujita (1997) sugerem que uma maior inclinação para comparação, seja positiva ou negativa, está vinculada aos traços de personalidade, a exemplo do neuroticismo, o qual refere à tendência em mostrar e experienciar emoções negativas, e se correlaciona positivamente com a comparação (Wang, 2019). Por esta razão, Gibbons e Buunk (1999) definiram a tendência para se envolver em comparação como “orientação para comparação social” com o objetivo de caracterizar essas diferenças individuais.

Nesse contexto, estudar a relação entre personalidade e comparação social é imprescindível, pois, possibilita uma compreensão ampla sobre o que significa uma alta ou baixa orientação e quem é o indivíduo “típico” comparador. A literatura o define como alguém

que apresenta alta tendência de comparação (Buunk et al., 2020a; Gibbons & Buunk, 1999). Diante disso, a disposição para comparação social diverge em função das características individuais, da frequência, motivações, direção pelo qual se compara e até mesmo das consequências ocasionadas pela comparação (Buunk & Dijkstra, 2014, 2015; Gibbons & Buunk, 1999).

Estudos ressaltam que a orientação se modifica de acordo com a faixa etária, haja vista que os jovens possuem uma maior tendência para se comparar, sendo mais receptivos para avaliações externas. Os mais velhos, comparam menos suas habilidades, pois já trazem em suas experiências de vida conhecimento sobre em que área do saber humano têm mais aptidões (Callan et al., 2015; Garanyan & Pushkina, 2016; Schneider & Schupp, 2011).

Quanto ao sexo, Buunk et al.(2020b), Schneider e Schupp (2011) e Garanyan e Pushkina (2016) encontraram evidências de que os homens possuem uma maior tendência para comparar suas aptidões, ao passo que as mulheres comparam mais opiniões. Corroborando com Lins et al. (2016), foi identificado que adolescentes portugueses, especificamente as mulheres, valorizavam mais as opiniões a respeito de si do que os homens, os quais consideravam as aptidões.

Outrossim, pessoas com alta orientação são mais afetados por tais comparações, podendo sentir-se piores ou melhores a respeito de suas condições de vida (Buunk & Gibbons, 2006; Buunk et al., 2020a). Conjectura-se que autoavaliações negativas aumentam a frequência de comparação social, pois um autoconceito negativo pode ser um indicativo de que o indivíduo não está satisfeito e, por isso, busca mais informações (Gibbons & Buunk, 1999). Sobretudo se a informação for discrepante com o alvo de comparação social, a probabilidade do surgimento de depressão (Faranda & Lynne, 2019), ansiedade social (Mitchell & Schmidt, 2014), angústia (Janet Raat et al., 2014) e inveja (Appel et al., 2016) aumentam a probabilidade.

Pesquisas mostram que pessoas com baixa autoestima e depressivas são mais motivadas a se compararem do que aquelas que têm autoestima elevada e não são depressivas. Isso ocorre porque o selfs e encontra em estado de ameaça e, portanto, há uma necessidade de restaurar sua autoestima e melhorar seu estado emocional (Buunk et al., 2012; Lewis & Weaver, 2019; Mccathy & Morina, 2020).

Em contrapartida, Buunk et al. (2020a) reiteram que a comparação nem sempre é nociva, uma vez que, ao se avaliarem positivamente provam emoções positivas, tal como bem-estar (Frieswijk et al., 2007), contentamento (McIntyre & Eisenstadt, 2011) e orgulho (Santos et al., 2019), de preferência se tiverem certeza sobre si e conseguirem exibir uma imagem favorável socialmente. Também podem expressar empatia e sensibilidade para ajudar as pessoas, por se relacionarem mais facilmente com outros (Buunk & Dijkstra, 2014).

Diante desse panorama, uma maior tendência para se comparar eleva o interesse e a necessidade dessas informações, e intervém no desenvolvimento de reações afetivas, atitudes e comportamentos (McCarthy & Morina, 2020). Sendo assim, percebe-se a importância desse construto em diversas áreas práticas e a utilização de ferramentas que a mensurem (Lins et al., 2016; Savchenko et al., 2019), tal como o desempenho acadêmico (Harvey & Keyes, 2019), status de identidade (Gyberg & Frisén, 2017), satisfação corporal (Xiao-jing, 2017), relacionamentos conjugais (Morry & Sucharyna, 2018) ou comportamentos alimentares (Fitzsimmons-Craft, & Bardone-Cone, 2014).

Considerando o conceito de orientação para comparação social previamente abordado, Gibbons e Buunk (1999) elaboraram a Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM), que se trata de um instrumento composto por 11 itens, distribuídos em dois fatores denominados Aptidão e Opinião. Inicialmente, a INCOM foi testada e validada nos contextos estadunidense e holandês, apoiando a estrutura bifatorial, com níveis adequados de precisão.

Segundo Gibbons e Buunk (1999), o fator opinião refere-se ao interesse do indivíduo em saber se suas opiniões estão em conformidade com as das pessoas e se serão aceitas por outros. Já o fator aptidão, diz respeito à relevância dada pelo indivíduo na avaliação que faz do seu desempenho em alguma atividade, e se este apresenta um nível elevado quando comparado com os pares. Os autores afirmam que essas dimensões são altamente correlacionadas, posto que medem o mesmo fundamento básico desse mecanismo psicológico, ou seja, o aumento da autocompreensão e a eficácia para prever comportamento de comparação social. Por conseguinte, constataram uma estrutura uni fatorial. No entanto, a estrutura bifatorial é a mais recomendada pelos autores. Em relação à consistência interna, foram encontrados alfas de *Cronbach* de 0,78 e 0,85 para os fatores Aptidão e Opinião, respectivamente, nas amostras norte-americanas, e 0,78 e 0,84 nas amostras holandesas.

Averiguando as qualidades psicométricas do instrumento em outros países, verificou-se no contexto espanhol (Buunk et al., 2005) uma estrutura bifatorial semelhante à da versão original do instrumento, com consistência interna de 0,80 e 0,81. A validade convergente constatou correlações positivas com autoconsciência, orientação interpessoal e neuroticismo, e correlações negativas com autoestima e otimismo.

Na Alemanha, Schneider e Schupp (2011) confirmaram a estrutura original da INCOM. Entretanto, nesta versão, propôs-se a redução da escala, divididos entre os dois fatores teorizados, devido ao mau funcionamento dos itens invertidos. Também, foram encontradas diferenças em relação à idade, em que os participantes mais velhos se comparavam menos do que os jovens.

Em Portugal, Lins et al. (2016) evidenciaram uma estrutura bidimensional, conforme o estudo original, e confiabilidade de 0,74, apresentando correlações positivas e evidências de validade convergente com autoestima, self-comparado, materialismo e impulsividade na compra, e verificaram diferenças em função do sexo. Já na Rússia, Garanyan e Pushkina (2016)

apontaram indicadores aceitáveis de consistência interna entre 0,71 e 0,64 com estrutura bifatorial, como no original. Além disso, verificaram a validade convergente da INCOM com problemas de estresse emocional, como depressão, ansiedade, ciúme e inveja.

Outra versão na língua espanhola foi avaliada por Buunk et al. (2020b), no Chile e Espanha. Nas duas amostras, não foram identificadas a mesma estrutura fatorial descrita no original, devido ao mau funcionamento dos itens invertidos. O item 09 não alcançou a carga fatorial adequada, por isso, optaram por reduzir o instrumento para 8 itens. Ambos os estudos encontraram um efeito negativo entre os resultados da Escala de Orientação para a Comparação Social e idade, sinalizando que os participantes mais jovens pontuam mais alto. Em relação ao sexo, as mulheres pontuaram mais que os homens na frequência de comparação.

Portanto, tais estudos possibilitaram reunir evidências de validade do instrumento em diferentes países dos correlatos da comparação social em distintas culturas, como anteriormente explanado. Todavia, ainda que a INCOM esteja sendo utilizada em diversos países, não se encontraram estudos com amostras brasileiras, demonstrando, assim, uma lacuna no âmbito nacional, o que justifica o desenvolvimento desta pesquisa, que tem por objetivo adaptar para o português brasileiro a medida Escala de Orientação para a Comparação Social - INCOM (Gibbons & Buunk, 1999), reunindo evidências psicométricas.

Estudo 1

Método

Adaptação e Evidências de Validade e Precisão da Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM)

Participantes

Contou-se com uma amostra não probabilística (por conveniência), de 356 pessoas da população geral, de diferentes estados brasileiros, sendo a maioria de São Paulo (32,3%), com

idade média de 35,42 anos ($DP=8,29$; amplitude 27 a 64 anos), 73% do sexo feminino, casados (65,7%).

Instrumentos

Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM; Gibbons & Buunk, 1999). É composto por 11 itens, que avaliam os níveis de orientação para comparação social por 2 fatores (Aptidão e Opinião), respondidos numa escala tipo *Likert* de 5 pontos (1= discordo totalmente e 5= concordo totalmente).

Na adaptação da versão em português brasileiro o conteúdo dos itens com conotações negativas foi revisto. Assim, o item 05 originalmente descrito “Não sou uma pessoa que se compara com as outras”, redigido para “Sou uma pessoa que se compara com as outras” e o item 11 “Eu nunca comparo a minha condição de vida com a das outras pessoas” para “Eu comparo a minha condição de vida com a das outras pessoas”. Optou-se por estas reformulações para que os itens apresentassem uma leitura mais compreensível. Procedimento similar foi adotado em contexto português por Lins et al. (2016), dado que, na versão alemã (Schneider & Schupp, 2014) e versão espanhola (Buunk et al., 2020b), os itens com semântica negativa apresentaram mau funcionamento, resultando em baixas cargas fatoriais.

Questionário Sociodemográfico. Para caracterizar os participantes foram feitas perguntas como idade, sexo, estado, estado civil e escolaridade.

Procedimento

Inicialmente, utilizou-se a escala em português de Portugal (Lins et al., 2016) para adaptar para o português brasileiro, comparando-a com a versão em inglês (Gibbons & Buunk, 1999), com a finalidade de observar as equivalências dos itens nas duas versões, atentando-se para as diferenças culturais de cada idioma. Posteriormente, realizou-se a validação semântica, verificando os possíveis ajustes dos itens, como sugere Pasquali (2016). Em função disso, contou-se com a participação de 30 pessoas da população geral, com níveis de escolaridade

entre ensino fundamental a superior, para avaliar se o formato do instrumento e os itens estavam compreensíveis. Ressalta-se que durante o processo de validação semântica da INCOM, optou-se por alterar a redação dos itens 05 e 11, que originalmente apresentava semântica negativa à comparação social. Esses itens foram redigidos de maneira a avaliar a tendência para comparação social.

A coleta de dados ocorreu em formato eletrônico, através do SurveyMonkey, por link divulgado mediante a técnica bola de neve. Informava-se o objetivo da pesquisa, sigilo, anonimato, caráter voluntário e a possibilidade de desistência sem ônus. A pesquisa seguiu as recomendações éticas para pesquisas com seres humanos, conforme as Resoluções 510/16 e 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CAAE: 31351320.4.0000.5188 e Parecer: 4.039.914).

Análise de Dados

Para a realização das análises, recorreu-se ao SPSS (versão 21), em que se executaram estatísticas descritivas (média, desvio padrão, frequência), multivariadas (análise fatorial exploratória, com extração dos Eixos Principais), além de calcular os índices de consistência interna (alfa de *Cronbach* = α).

Resultados

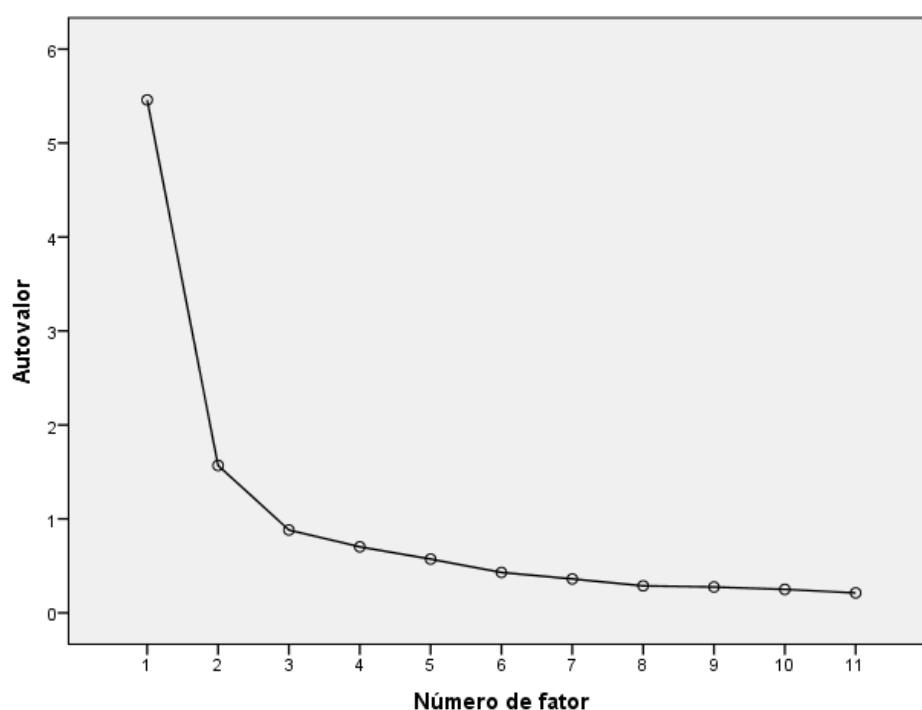
Inicialmente, foi observada a adequação do instrumento para a realização da Análise Fatorial Exploratória (AFE), verificada pelo índice de Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO = 0,88$) e o teste de esfericidade de *Bartlett*, $\chi^2 (55) = 2.182,308$; $p < 0,001$. O critério de *Kaiser* admite valores iguais ou superiores a 0,60 (Tabachnick & Fidell, 2013).

Por conseguinte, foi realizada uma AFE, considerando o método de extração dos eixos principais, de modo a não fixar o número de fatores a extrair e adotando a rotação *varimax*, como aplicado por Gibbons e Buunk, (1999). Ressalta-se que, também, foi igualmente feita uma rotação oblíqua (*Direct Oblimin*), por ser o método atualmente mais recomendado em ciências sociais (Damásio, 2012). Em suma, o método oblíquo levaria às mesmas conclusões

em termos de seleção dos itens e da sua posição relativa, apenas com a diferença da diminuição das correlações secundárias. Esta última análise não será apresentada por limitações de espaço, mas os resultados podem ser obtidos contatando os autores.

Por meio da AFE, foi possível observar uma estrutura formada por dois fatores, que apresentaram valores próprios (eigenvalue) superiores a 1, respectivamente: 5,46 e 1,57 (Critério de Kaiser), explicando 63,89% da variância total da medida. Foi adotado como critério de saturação das cargas fatoriais valores iguais ou superiores a $|0,30|$. Os resultados podem ser visualizados na Figura 1.

Figura 1



Representação Gráfica do Valores Próprios (Critério de *Cattell*)

Tabela 1
Estrutura fatorial da INCOM

Descrição dos itens	Fatores		h ²
	I	II	
05. Sou uma pessoa que se compara com as outras.	0,85*	0,16	0,74
03. Se eu quero saber se o que estou fazendo está bem feito, eu comparo o que eu estou fazendo com a forma como os outros fazem.	0,75*	0,26	0,63
02. Eu sempre presto muita atenção à forma como eu faço as coisas comparando com a forma como os outros fazem.	0,73*	0,22	0,58
06. Eu me comparo com os outros em relação ao que tenho conquistado na vida.	0,72*	0,23	0,57
04. Eu comparo como estou me desenvolvendo socialmente (por exemplo: habilidades sociais, popularidade) em relação às outras pessoas.	0,71*	0,28	0,59
11. Eu comparo a minha condição de vida com a das outras pessoas.	0,68*	0,24	0,52
01. Eu comparo como as pessoas mais próximas a mim se comportam (Ex. Família, amigos, namorado(a)) com relação a como agem com as outras pessoas.	0,57*	0,18	0,35
08. Eu tento saber o que os outros pensam quando têm problemas semelhantes aos meus.	0,19	0,75*	0,60
10. Se eu quero saber mais sobre algo, tento saber o que os outros pensam sobre isso.	0,31	0,71*	0,61
09. Sempre gosto de saber o que as pessoas fariam no meu lugar.	0,36	0,71*	0,63
07. Eu gosto de conversar com os outros sobre as opiniões e experiências em comum.	0,11	0,59*	0,36
Número de itens	07	04	
Valor próprio	5,46	1,57	
% da Variância explicada %	49,63	14,26	
α de Cronbach	0,90	0,82	

Nota: F1 = Aptidão; F2 = Opinião; *carga fatorial considerada satisfatória, isto é, iguais ou > |0,36|. h² = comunalidade. α = alfa de Cronbach.

Na Tabela 1, observa-se que a medida ficou representada por uma estrutura bifatorial. O Fator I foi nomeado de Aptidão, agrupou sete itens, com saturações variando de 0,59 (Item 01) a 0,92 (item 05). A consistência interna avaliada pelo coeficiente alfa de Cronbach, (α) e a homogeneidade (correlação média inter-itens, $r_{i.i}$) = 0,56, variando de 0,38 (itens 01 e 11) a 0,74 (item 06 e 11). O Fator II, nomeado de Opinião, reuniu quatro itens. As saturações variaram de 0,63 (item 07) a 0,79 (item 08). A confiabilidade (α) foi de 0,82 e a homogeneidade

(ri.i)= 0,53, variando de 0,39 (itens 07 e 09) a 0,69 (itens 09 e 10).

Também foram verificadas possíveis diferenças de médias em função do sexo dos participantes. Os testes t independentes indicaram não haver variação da média entre homens e mulheres: Aptidão [$M_{homens} = 3,65$, $DP = 1,39$; $M_{mulheres} = 3,78$, $DP = 1,47$; $t(354) = -0,75$; $p > 0,05$], Opinião ($M_{homens} = 4,81$; $DP = 1,23$; $M_{mulheres} = 4,91$; $DP = 1,33$; $t(354) = -0,64$; $p > 0,05$].

Posteriormente, procurou-se conhecer a relação entre os fatores da comparação social e a idade dos participantes, sendo realizadas correlações de Pearson. Especificamente para o fator Aptidão, apresentou relação negativa e significativa ($r = -0,17$; $p < 0,05$). Já no Opinião não foi verificada uma relação significativa ($r = 0,03$, $p > 0,05$).

Os resultados evidenciaram a validade e precisão da INCOM. Considerando o caráter exploratório do presente estudo, procedeu-se com um estudo adicional para assegurar as qualidades psicométricas e reunir evidências complementares. Nesse caso, realizou-se uma técnica mais robusta (Análise Fatorial Confirmatória, AFC), descrita a seguir.

Estudo 2

Método

Comprovação da Estrutura Fatorial da Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM)

Participantes

Contou-se com uma amostra não probabilística (por conveniência), de 300 pessoas da população geral, de diferentes estados brasileiros, sendo em maioria do estado da Paraíba (87,7%), com idade média de 21,77 anos ($DP = 2,51$; amplitude 18 a 26 anos), em sua maioria do sexo feminino (74,8%), casados (59,1%), católicos (34%), graduandos (58,5%) e que se declararam pertencentes da classe média (47,2%).

Instrumentos

Os participantes responderam a INCOM na versão adaptada e o questionário

sociodemográfico, acrescentando-se:

Escala de Autoestima de Rosenberg, adaptada para o Brasil por Hutz e Zanon (2011). É uma medida unidimensional composta por 10 itens, dentre os quais os itens 3, 5, 8, 9 e 10 são invertidos, com afirmações relacionadas a um conjunto de sentimentos de autoestima e autoaceitação que avalia a autoestima global (e.g., 02. *Eu acho que eu tenho várias boas qualidades*). O instrumento é respondido em uma escala tipo *Likert* de 4 pontos (1= concordo totalmente e 4= discordo totalmente). No presente estudo, a consistência interna foi de 0,89.

Procedimento

Os procedimentos realizados no presente estudo foram similares ao do Estudo 1, inclusive as orientações previstas na Resolução 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Análise de dados

Contou-se com o SPSS 21, realizando-se análises descritivas (média, desvio padrão e frequência) e cálculo da consistência interna (Alfa de *Cronbach*) e homogeneidade. Com o AMOS 21, empregaram-se análises fatoriais confirmatórias, considerando tais indicadores: (1) o χ^2 (qui-quadrado), que comprova a probabilidade de o modelo teórico se ajustar aos dados; considerando sua razão em relação aos graus de liberdade ($\chi^2/g.l.$), seus valores devem ficar entre 2 e 3 (adequado), sendo aceitável até 5; (2) o *Comparative Fit Index* (CFI) e 3) *Tucker-Lewis Index* (TLI), consideram-se valores superiores a 0,90 (modelo ajustado); (4) a *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), com intervalo de confiança de 90% (IC90%), com valores inferiores a 0,06 indicando ajuste satisfatório, admitindo-se até 0,10 (Hair et al., 2009; Marôco, 2014).

Para comparar os modelos alternativos contou-se com os indicadores: $\Delta\chi^2$, CAIC (*Consistent Akaike information Criterion*) e ECVI (*Expected Cross Validation Index*). Diferença estatisticamente significativa do $\Delta\chi^2$, penalizando o modelo com maior χ^2 , e valores

< de CAIC e ECVI sugerem um modelo mais adequado. Foi avaliada a confiabilidade composta (CC) para cada fator, sendo utilizado para superar a deficiência do alfa de *Cronbach*, que é influenciado pelo número de itens (Hair et al., 2009; Marôco, 2014). A CC é um indicador complementar de consistência interna, considerado mais fidedigno, pois leva em consideração as cargas fatoriais e estimativas de erro verificadas no modelo de equações estruturais (Valentini & Damásio, 2016).

Além do mais, procedeu-se com a execução da correlação de Pearson, com a finalidade de reunir evidências de validade convergente para construtos relacionados. Para que sejam reunidas tais evidências as magnitudes da correlação devem configurar entre 0,20 a 0,50 (Nunes & Primi, 2010). Dessa forma, foram relacionados os dois fatores da tendência para comparação social (aptidão e opinião) e com o fator geral da autoestima.

Resultados

Inicialmente, foram realizadas Análises Fatoriais Confirmatórias (AFCs), visando reunir evidências psicométricas de construto sobre o Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM). Buscou-se testar o modelo composto por dois fatores encontrado no Estudo 1, confrontando com um modelo alternativo unifatorial, com todos os itens da medida, saturando em um fator geral. Para tanto, foram consideradas versões distintas da INCOM: a versão composta por 11 itens, utilizada no Estudo 1, e da versão reduzida composta por seis itens, proposta por Schneider e Schupp (2011). Os resultados são observados na Tabela 2.

Tabela 2
Indicadores de Ajuste dos Modelos da INCOM

Mod	χ^2	Gl	χ^2/gl	TLI	CFI	RMSEA (IC90%)	CAIC	ECVI	$\Delta\chi^2$ (Gl)
Bi M1	156,44	42	3,73	0,85	0,92	0,13 (0,11-0,14)	406,96	0,99	—
Uni M1	487,49	44	13,67	0,69	0,75	0,18 (0,17-0,20)	634,97	1,78	234,72 (1)*
Bi M2	9,25	8	1,15	0,98	0,99	0,06 (0,01-0,09)	105,49	0,12	—
Uni Mp2	187,72	9	20,41	0,63	0,78	0,26 (0,22-0,29)	265,16	.	178,47 (1)*

Nota: M1 = modelo com os 11 itens; M2 = modelo com os 6 itens compondo a versão reduzida. χ^2/gl = razão qui-quadrado / graus de Liberdade; CFI = Comparative Fit Index; TLI = Tucker-Lewis Index; RMSEA = Root-Mean-Square Error Aproximation, IC 90% = Intervalo de Confiança de 90%; CAIC = Consistent Akaike Information Criterion; ECVI = Expected Cross-Validation Index; * $p < 0,001$.

Por meio da Tabela 2, foram observados, índices de ajuste para a medida composta por 11 itens comparando os modelos uni e bifatorial. Verifica-se que o modelo bifatorial apresentou indicadores de ajuste próximos do aceitável, sendo estatisticamente superior ao modelo unifatorial, o qual também apresentou índices de ajuste do modelo considerados inadequados.

De acordo com os resultados da SEM (*Structural Equation Modeling*) os indicadores de adequação do modelo composto por dois fatores ficaram próximo do recomendado. Procurando-se identificar um modelo mais adequado, foram observados os IMs (Índices de Modificação) para as saturações (*Lambdas*, λ) e os erros de medida (Deltas, δ). No caso, constatou-se que seria recomendável correlacionar os δ dos itens 06 (*Eu me comparo com os outros em relação ao que tenho conquistado na vida.*) e 11 (*Eu comparo a minha condição de vida com a das outras pessoas.*) do fator Aptidão (IM = 85.85). A estrutura fatorial resultante reuniu melhores indicadores de ajuste aos dados empíricos: 156,44 (42) $\chi^2/gl = 3,73$, [CFI = 0,94, TLI = 0,92, RMSEA (IC90%) = 0,10 (0,08-0,11)].

Posteriormente, foram realizadas AFCs, considerando a versão reduzida da medida. O modelo bifatorial apresentou indicadores de ajuste adequados e foi estatisticamente superior àqueles do modelo unifatorial, sendo que este último não atingiu o nível de ajustamento

adequado.

Em observância a esses resultados, evidenciou-se que o modelo com dois fatores representa o construto de forma mais adequada, mesmo considerando versões distintas da medida (com 11 ou 6 itens), fato corroborado pelos indicadores CAIC e ECVI observados nas Figuras 1 e 2, que apresentaram valores menores no modelo bifatorial. Entretanto, apenas o modelo bifatorial representado pela versão reduzida apresentou melhores indicadores de ajuste. Por outro lado, foi observado que todos os *lambdas* (λ) apresentaram valores diferentes de zero ($\lambda \neq 0$; $F > 3,84$, $p < 0,05$). Nas Figuras 1 e 2 é possível verificar as saturações das duas versões da INCOM, compostas por 11 itens e 6 itens, respectivamente.

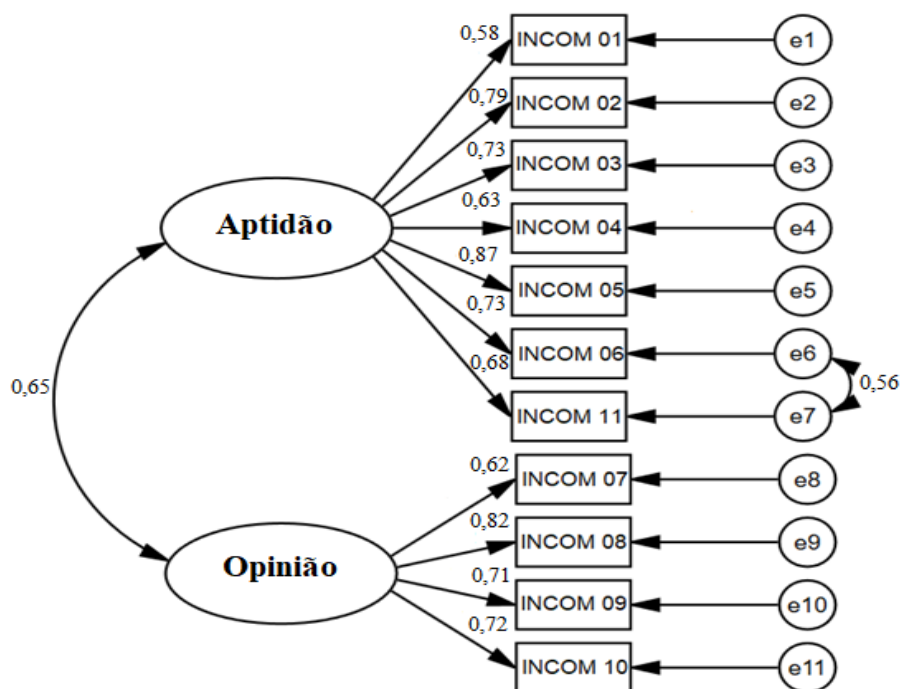


Figura 1

Estrutura Fatorial da versão composta por onze itens da INCOM.

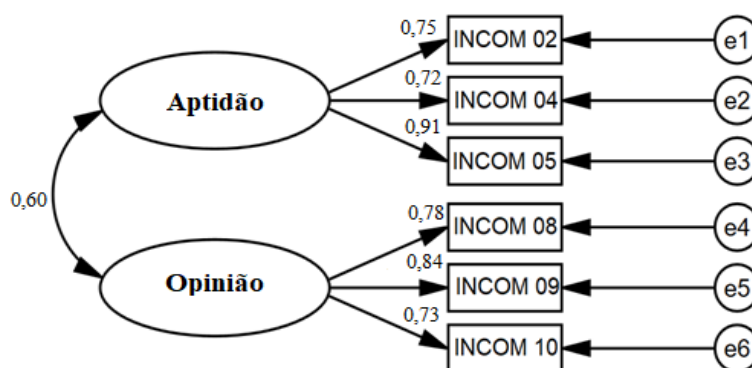


Figura 2

Estrutura Fatorial da versão reduzida da INCOM, composta por seis itens.

Por fim, calcularam-se os coeficientes de consistência interna, o alfa de Cronbach (α), a homogeneidade (correlação média inter-item = $r_{i.i}$) e Confiabilidade Composta (CC). Desse modo, foram considerados os fatores teóricos da medida. A versão que reuniu onze itens alcançou os seguintes valores: Aptidão ($\alpha = 0,89$, $r_{i.i} = 0,54$ e $CC = 0,89$) e Opinião ($\alpha = 0,83$, $r_{i.i} = 0,55$ e $CC = 0,83$); ao passo que a versão reduzida apresentou os seguintes valores: Aptidão ($\alpha = 0,83$, $r_{i.i} = 0,62$ e $CC = 0,84$); Opinião ($\alpha = 0,82$, $r_{i.i} = 0,62$ e $CC = 0,83$).

Também foram reunidas evidências de validade convergente para medidas externas, levando em conta as duas versões da INCOM, compostas, respectivamente por 11 e 6 itens. Foram realizadas o somatório dos dois escores dos fatores da INCOM, e o somatório do fator geral medida de autoestima (EAR). Assim, por meio da análise de correlação, foi possível observar relações negativas ($p < 0,01$) com a pontuação total da autoestima com os dois fatores da orientação para comparação social. Para a versão da INCOM composta por 11 itens, verificou-se os seguintes valores: aptidão ($r = -0,46$; $p < 0,05$) e opinião ($r = -0,20$). Já com a versão da INCOM composta por seis itens, verificou-se os seguintes valores: aptidão ($r = -0,43$; $p < 0,05$) e opinião ($r = -0,22$; $p < 0,05$). Estes resultados indicam que pessoas que pontuam alto nos dois fatores da tendência para comparação social, possivelmente tendem a apresentar baixa autoestima, como teoricamente esperado.

Por fim, considerando as duas versões da INCOM, foram realizados testes t

independentes, que indicaram não haver variação da média em função do Sexo dos participantes. Para a versão da INCOM composta por 11 itens, os resultados foram os seguintes: Aptidão ($M_{homens} = 4,53$, $DP = 1,39$; $M_{mulheres} = 4,31$, $DP = 1,44$; $t(316) 1,23$; $p > 0,05$], Opinião ($M_{homens} = 5,18$; $DP = 1,21$ / $M_{mulheres} = 4,96$; $DP = 1,40$; $t(1,29)$; $p > 0,05$]. Já com a versão da INCOM composta por 6 itens, os resultados foram: Aptidão ($M_{homens} = 4,73$, $DP = 1,35$; $M_{mulheres} = 4,73$, $DP = 1,58$; $t(316) 1,05$; $p > 0,05$], Opinião ($M_{homens} = 4,47$; $DP = 1,42$; $M_{mulheres} = 4,19$; $DP = 1,56$; $t(316) 1,42$; $p > 0,05$].

Discussão

A presente pesquisa objetivou adaptar e validar a Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM) para o contexto brasileiro. Nesse sentido, para que fossem alcançados os objetivos, foram realizados dois estudos, o primeiro de condição exploratória e o segundo de cunho confirmatório, utilizando-se de análises mais robustas. Em síntese, entende-se que o objetivo foi alcançado, pois os estudos empíricos demonstraram evidências satisfatórias de validade fatorial e consistência interna (homogeneidade, alfa de Cronbach e Confiabilidade Composta), atestando a sua adequação para o contexto brasileiro.

Quanto aos achados principais referentes à validade da medida, no *Estudo 1*, realizou-se uma análise fatorial exploratória que permitiu reunir evidências psicométricas sobre a INCOM. No caso específico, por meio de uma análise dos eixos principais, foi possível encontrar uma estrutura de dois fatores (Aptidão e Opinião) como teorizado (Gibbons & Buunk, 1999), corroborada por meio da análise fatorial confirmatória no *Estudo 2*. Ademais, o modelo original foi confrontado com um alternativo unifatorial, tendo em conta que inicialmente os autores da escala original apontaram a possibilidade de o construto ser representado por uma solução unifatorial.

Entretanto, tal estrutura não tem sido sustentada em estudos posteriores (Lins et al., 2016; Schneider & Schupp, 2014), como corroborado no presente estudo, reforçando o seu caráter bidimensional, que tem sido observado em diferentes culturas (Buunk et al., 2020b; Buunk et al., 2005; Gibbons & Buunk, 1999; Lins et al., 2016; Schneider & Schupp, 2011). Dessa forma, pode-se inferir que as duas versões da INCOM (de 6 e 11 itens) apresentam parâmetros adequados como versão reduzida da medida, apresentando melhores índices de ajuste. Para a versão composta por 11 itens, foi necessário realizar uma ressignificação no modelo, uma vez que se consideram geralmente aceitáveis ressignificações mínimas no modelo

visando melhorias (Marôco, 2014).

Assim, Hair et al. (2009) argumentam que as ressignificações (ligações adicionadas no modelo) devem ser justificadas teoricamente. Os itens cujos erros foram correlacionados representam e são agrupados em um mesmo fator teórico, isto é, no fator Aptidão, o que justifica a sua ressignificação. Segundo Brown (2006), um erro do modelo é correlacionado quando os itens têm conteúdos muito próximos, pois tal proximidade pode resultar na sua sobreposição. Essa similaridade é verificada no conteúdo dos itens correlacionados: item 06 “*Eu me comparo com os outros em relação ao que tenho conquistado na vida*” e item 11 “*Eu comparo a minha condição de vida com a das outras pessoas*”. Além disso, uma possível sobreposição dos itens é reforçada também pelos pesos fatoriais dos *lambdas*, que estão figurando entre .71 e .74.

Referente à consistência interna (precisão), nos dois estudos o coeficiente alfa de Cronbach foi superior ao ponto de corte comumente adotado, .70 (Cohen et al., 2014), reforçado no *Estudo 2* pela confiabilidade composta, com valores iguais ou superiores a .70 (Marôco, 2014). Esses resultados foram endossados pela homogeneidade verificada nos dois fatores, que apresentaram média das correlações inter-itens superiores ao que é comumente utilizado de .20 (Clark & Watson, 1995), reforçando a qualidade psicométrica da INCOM. Tais resultados são coerentes com aqueles observados para outras culturas, mesmo considerando diferentes versões da INCOM (Gibbons & Buunk, 1999; Schneider & Schupp, 2011; Lins et al., 2016).

Foram também reunidas evidências complementares de validade e, especificamente, testou-se a validade convergente para medidas externas. Para tanto, consideraram-se os fatores da tendência para comparação (Aptidão e Opinião), para os quais se tem evidenciado uma relação negativa com autoestima (Buunk et al., 2012; Gibbons & Buunk, 1999; Urzúa et al., 2012), fato esse constatado na presente pesquisa, pois os fatores da tendência para comparar e a autoestima apresentaram relações negativas e moderadas (Nunes & Primi, 2010), como teoricamente previsto.

Tem-se observado que pessoas com baixa autoestima manifestam reprovação de si, marcada pelo sentimento de incapacidade e autoincerteza, devido à pouca clareza de autoconceito (Hutz, et al., 2014). Nesses casos, são mais propensas a se envolverem em comparações de suas aptidões, em razão de que essa dimensão fornece informações mais precisas e estáveis sobre suas vidas e seu desempenho ao realizar determinadas atividades do que a comparações de opiniões que, por outro lado, são mais sensíveis a modificações (Gibbons & Buunk, 1999). Kim e colaboradores (2017) relatam que a comparação de aptidão se relaciona

negativamente com bem-estar subjetivo e autoaceitação. A partir da avaliação da aptidão, as pessoas têm a possibilidade de diminuir o grau de incerteza, restaurar sua autoestima e melhorar sua situação, visto que o self se encontra ameaçado (Buunk et al., 2012; Miao et al., 2018).

Foi verificada ainda a variabilidade da tendência para se comparar em função do sexo no Estudo 1 e 2. No entanto, apesar de pesquisas mostrarem diferenças em função do sexo, este estudo não as corroborou. No que diz respeito à relação entre orientação para comparação e a idade, avaliado somente no Estudo 1, visto que a amostra do Estudo 2 é homogênea em termos de idade, somente o fator aptidão apresentou relação negativa e significativa.

Resultado semelhante pode ser encontrado em Lins et al. (2016), em que adolescentes portugueses valorizam mais a comparação de aptidão do que a da opinião, isso porque aquele fator possibilita reter informações mais consistentes e duradouras, o que possibilita aumentar a certeza subjetiva (Gibbons & Buunk, 1999). Isto posto, faz-se necessário buscar um conjunto mais heterogêneo de participantes de diferentes faixas etárias e sexo, especificamente comparar grupos de jovens e adultos, uma vez que se tem mostrado diferenças significativas entre esses grupos nos dois fatores de orientação para comparação social (Buunk et al., 2020b; Schneider & Schupp, 2011; Garanyan & Pushkina, 2016).

Dado o exposto, deve-se ter em conta que esta pesquisa não se isenta de limitações. Nesse sentido, aponta-se a limitação da amostra, já que os participantes foram recrutados de maneira não probabilística (por conveniência), de diferentes regiões brasileiras, o que não reflete a população brasileira em sua totalidade, não permitindo fazer generalizações. Outra limitação se refere ao fato de a medida ser de autorrelato, possibilitando o surgimento de vieses da desejabilidade social, inerente de pesquisas psicossociais (Pechorro et al., 2011).

Além disso, foi considerada apenas uma única variável externa (autoestima), avaliada com base em correlações, limitando a inferência quanto a esse tipo de validade específica. Por isso, seria interessante conhecer a relação com outras variáveis, como em que medida os traços de personalidade afetam este construto, investigar os riscos e benefícios do uso de redes sociais e os efeitos sobre o bem-estar psicológico. Isso ocorre porque estudos sugerem que as pessoas com elevada tendência para se compararem são aquelas que utilizam as mídias digitais com maior frequência, a exemplo do *Instagram* ou *Facebook*. Por causa disso, tendem a desenvolver preocupações de autoapresentação e a experienciar sentimentos negativos, advindos de tais comparações com outros usuários das redes sociais, diminuindo o bem-estar psicológico (Appel et al., 2016; Faranda & Lynne, 2019; Vries et al., 2018).

Entende-se que identificar os indivíduos que apresentem uma maior tendência para se comparar é útil para desenvolver intervenções específicas, uma vez que ela pode ser um fator

de risco para a saúde mental, considerando o contexto em que estão inseridos (Mccarthy & Morina, 2020). Há evidências que alta orientação para a comparação se associa a fenômenos clínicos, como transtorno de ansiedade, depressão e estresse (Faranda & Lynne, 2019; Garanyan & Pushkina, 2016; Mitchell & Schmidt, 2014) e uso abusivo de álcool (Litt et al., 2019).

Janet Raat et al. (2014), ao analisarem a orientação para comparação social em alunos da educação médica, evidenciaram que aqueles com altos níveis de estresse apresentam maior risco de experienciar angústia. Portanto, desenvolver intervenções psicoterapêuticas na prática clínica pode ajudar os alunos a se conscientizarem sobre como a autoavaliação negativa, por meio da comparação social, afeta o desempenho acadêmico, a autoeficácia e a autoconfiança, alertando-os sobre pensamentos negativos de ruminação da comparação. Já Litt et al. (2019) verificaram que pessoas que apresentam níveis mais elevados de comparações sociais, têm uma probabilidade menor de reduzir o consumo de álcool ao longo do tempo. Dessa forma, os autores sugerem que uma breve intervenção motivacional sobre o álcool pode mitigar esses efeitos de comparação social.

Estudos futuros poderiam buscar outras técnicas de mensuração, a exemplo de medidas implícitas (Gouveia et al., 2012). Poderiam também optar pelo refinamento da medida, com uso de avaliação psicométrica, aplicando modelos de TRI, por exemplo, o modelo de resposta graduada (Samejima, 1969), e aplicá-la com medidas correlatas que apresentam alguma relação, tais como autoconceito e satisfação com a vida (Buunk et al., 2005; Callan et al., 2015; Schneider & Schupp, 2011). Essa estratégia possibilitaria verificar outros tipos de validade referentes à estrutura interna da medida (convergente e discriminante) e replicar esse modelo em outras amostras, inclusive avaliando os modelos alternativos considerados na presente pesquisa, para averiguar a pertinência dos mesmos (Hair et al., 2009; Marôco, 2014).

Os resultados desse estudo asseguram evidências de validade e precisão da INCOM. Por fim, o estudo contribuiu para o campo científico, pois disponibiliza uma medida que avalia a orientação para a comparação social, na versão português do Brasil, para uso de profissionais e pesquisadores interessados na temática. Tal ferramenta pode auxiliar e incentivar investigações sobre a temática em questão, e possibilitar avanços no que tange a sua relação com outras variáveis psicossociais.

Referências

- Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2017). *Psicologia social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. (Ed. Rev). AMGH.
- Appel, H., Gerlache, A. L., & Crusius, J. (2016). The interaction between using facebook, social comparison, envy and depression. *Current Opinion in Psychology*, 9, 44-49. <http://dx.doi.org/10.1016/j.copsyc.2015.10.006>
- Arigo, D., & Butryn, M. L. (2018). Prospective relations between social comparison orientation and weight loss outcomes, *Behavioral Medicine*, 45(3), 1-17. <http://dx.doi.org/10.1080/08964289.2018.1481010>
- Buunk, A. P., Belmont, J., M. Peiró, J., Zurriaga, R., & X. Gibbons, F. (2005). Diferencias individuales en la comparación social: propiedades de la escala española de orientación hacia la comparación social. *Latinoamericana de Psicología*, 37(3), 561-579. https://www.researchgate.net/publication/26594615_Diferencias_individuales_en_la_comparacion_social_propiedades_de_la_escala_espanola_de_orientacion_hacia_la_comparacion_social
- Buunk, A. P., & Gibbons, F. X. (2006). Social comparison orientation: A new perspective on those who do and those who don't compare with others. In S. Guimond (Ed.), *Social comparison and social psychology: Understanding cognition, intergroup relations, and culture* (p. 15-32). Cambridge University Press. <https://psycnet.apa.org/record/2006-04288-001>
- Buunk, A. P., Dijkstra, P., Bosch, Z. A., Dijkstra, A., & Barelds, D. P. H. (2012). Social comparison orientation as related to two types of closeness. *Journal of Research in Personality*, 46(3), 279-285. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2012.02.008>

- Buunk, A. P. & Dijkstra, P. (2014). Social comparison orientation and perspective taking as related to responses to a victim. *Psychology*, 5, 441-450. <http://dx.doi.org/10.4236/psych.2014.55054>
- Buunk, A. P., & Dijkstra, P. (2015). Rival characteristics that provoke jealousy: A study in Iraqi Kurdistan. *Evolutionary Behavioral Sciences*, 9, 116-127. <http://dx.doi.org/10.1037/ebs0000030>
- Buunk, A. P., Gibbons, F.X., Dijkstra, P., & Zlatan, K. (2020a). Individual differences in social comparison: The complex effects of social comparison orientation. In: Sulls, J., & Collins, R. L. (Eds.), *Social comparison, judgement and behavior* (pp. 77-104). Oxford University Press. <http://dx.doi.org/10.1093/oso/9780190629113.001.0001>
- Buunk, A. P., Barelds, D., Urzúa, M. A., Zurriaga, R., González-Navarro, P., Dijkstra, P. D., & Gibbons, F. (2020b). The Psychometric Structure of the Spanish Language Version of The Iowa-Netherlands Comparison Orientation Measure in Spain and Chile. *The Spanish Journal of Psychology*, 21(23), e9. <http://dx.doi.org/10.1017/sjp.2020.1>
- Brown, T. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. The Guilford Press.
- Callan, M. J., Kim, H., & Matthews, W. J. (2015). Age differences in social comparison tendency and personal relative deprivation. *Personality and Individual Differences*, 87, 196-199. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2015.08.003>
- Civitci, N., & Civitci, A. (2015). Social comparison orientation, hardiness and life satisfaction in undergraduate Students. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 205, 516-523. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.09.062>
- Clark, L. A., & Watson, D. (1995). Constructing validity: Basic issues in objective scale development. *Psychological Assessment*, 7(3), 309-319. http://www.personal.kent.edu/~dfresco/CRM_Readings/Clark_and_Watson_1995.pdf
- Cohen, R. J., Swerdlik, M. E., & Sturman, E. D. (2014). *Testagem e avaliação psicológica:*

Introdução a testes e medidas (8th ed.). AMGH.

- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213-228.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-04712012000200007%20
- Diener, E., & Fujita, F. (1997). Social comparisons and subjective well-being. In B. P. Buunk & F. X. Gibbons (Eds.), *Health, coping, and well-being: Perspectives from social comparison theory* (pp. 329–357). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
<https://psycnet.apa.org/record/1997-09050-010>
- Dijkstra, P., Bosch, Z. A., Dijkstra, A., & Barelds, D. P. H. (2012). Social comparison orientation as related to two types of closeness. *Journal of Research in Personality*, 46(3), 279-285. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jrp.2012.02.008>
- Faranda, M., & Lynne, R. (2019). Social comparisons on Facebook and offline: the relationship to depressive symptoms. *Personality and Individual Differences*, 141, 13-17.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2018.12.012>
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117-140.
<http://dx.doi.org/10.1177/001872675400700202>
- Fitzsimmons-Craft, E. E., & Bardone-Cone, A. M. (2014). One-year temporal stability and predictive and incremental validity of the Body, Eating, and Exercise Comparison Orientation Measure (BEECOM) among college women. *Body Image*, 11(1), 27-35.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.bodyim.2013.09.003>
- Frieswijk, N., Buunk, A., Steverink, N., & Slaets, J. (2007). Subjective well-being in frail older persons: Why social comparison orientation and self-management are important. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 20, 105-124.
https://www.researchgate.net/publication/286305069_Subjective_well-

being_in_frail_older_persons_Why_social_comparison_orientation_and_self-
management_are_important

- Garanyan N. G., & Pushkina E. S. (2016). Verification of the validity and reliability of the Russian version of the "Iowa-Netherlands Social Comparison Guidance Scale" methodology in a sample of students. *Advisory Psychology and Psychotherapy*, 24(2), 64-92. <http://dx.doi.org/10.17759/cpp.2016240205>
- Gibbons, F. X., & Buunk, B. P. (1999). Individual differences in social comparison: Development of an orientation scale for social comparison. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(1), 129-142. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.76.1.129>
- Gilbert, P., Price, J., & Allan, S. (1995). Social comparison, social attractiveness and evolution: How might they be related? *New Ideas in Psychology*, 13(2), 149-165. [http://dx.doi.org/10.1016/0732-118X\(95\)00002-X](http://dx.doi.org/10.1016/0732-118X(95)00002-X)
- Goethals, G. R., & Darley, J. (1977). Social comparison theory: an attributional approach. In J. Suls, & R. Miller (Eds.), *Social comparison processes: Theoretical and empirical perspectives* (pp. 259-278). Washington, DC: Hemisphere.
- Gyberg, F., & Frisén, A. (2017). Identity status, gender, and social comparison among young adults. *An International Journal of Theory and Research*, 17(4), 239-252. <http://dx.doi.org/10.1080/15283488.2017.1379905>
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Mendes, L. A., & Freire, S. E. A. Introdução às Medidas Implícitas: conceitos, técnicas e contribuições. *Diaphora | Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul* 12(1), 80-92. <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/50>.
- Hair, J. F., Jr., Black, W. C., Babin, B. J., Anderson, R. E., & Tatham, R. L. (2009). *Análise multivariada de dados*. (6th ed.) Porto Alegre, RS: Bookman.
- Harvey, A. J., & Keyes, H. (2019): How do I compare thee? An evidence-based approach to

- the presentation of class comparison information to students using Dashboard, *Innovations in Education and Teaching International*, . <http://dx.doi.org/10.1080/14703297.2019.1593213>
- Hutz, C. S., & Zanon, C. (2011). Revisão da adaptação, validação e normatização da escala de autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*, 10(1), 41-49. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/avp/v10n1/v10n1a05.pdf>
- Janet Raat, A. N., Schönrock-Adema, J., Van Hell, E. A., Kuks, J. B. M., & Cohen-Schotanus, J. (2014). Student distress in clinical workplace learning: differences in social comparison behaviours. *Advances in Health Sciences Education*, 20(1), 101–111. <http://dx.doi.org/10.1007/s10459-014-9513-9>
- Lins, S. L. B., Campos, M., Leite, A. C., & Carvalho, C. L., Cardoso, S., & Natividade, J. C. (2016). Evidências de validade da Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM) para o contexto de adolescentes portugueses. *Associação Portuguesa de Psicologia*, 30(1), 1-14. <http://dx.doi.org/10.17575/rpsicol.v30i1.1034>
- Litt, D. M., Waldron, K. A., Wallace, E. C., & Lewis, M. A. (2019). Alcohol-specific social comparison as a moderator of the norms-behavior association for young adult alcohol use. *Addictive Behaviors*, 90, 92-98. <http://dx.doi.org/10.1016/j.addbeh.2018.10.029>
- Marôco, J. (2014). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software e aplicações* (2.ed.). Pêro Pinheiro, Report Number.
- Marques, T. P., Pinto, A. M., & Alvarez, M.-J. (2016). Estudo Psicométrico da Escala de Avaliação dos Riscos e Oportunidades dos Jovens Utilizadores do Facebook. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 41(1), 145-158. <https://www.aidep.org/sites/default/files/articles/R41/Art12.pdf>
- Mccarthy, P., & Morina, N. (2020). Exploring the association of social comparison with depression and anxiety: A systematic review and meta-analysis. *Clinical Psychology &*

- Psychotherapy*. <http://dx.doi.org/10.1002/cpp.2452>
- McIntyre, K. P., & Eisenstadt, D. (2011). Social comparison as a selfregulatory measurin,g stick, *Self and Identity*, 10(2), 137-151. doi: 10.1080/15298861003676529
- Mitchell, M, A., & Schmidt, N. B. (2014) An Experimental Manipulation of Social Comparison in Social Anxiety, *Cognitive Behaviour Therapy*, 43(3), 221-229. <http://dx.doi.org/10.1080/16506073.2014.914078>
- Morry, M. M., & Sucharyna, T. A. (2018). Relationship s ocial comparisons in dating and marital relationships: Adding relationship social comparison interpretations. *The Journal of Social Psychology*, 154(4), 1-19. <http://dx.doi.org/10.1080/00224545.2018.1498826>
- Nunes, C. H. S. S., & Primi, R (2010). Aspectos técnicos e conceituais da ficha de avaliação dos testes psicológicos. Em Conselho Federal de Psicologia - CFP (Org.), *Avaliação psicológica: diretrizes na regulamentação da profissão* (pp. 101-128). Brasília: CFP.
- Pasquali, L. (2012). *TRI – Teoria de Resposta ao Item: teoria, procedimentos e aplicações*. Apriss Editora.
- Pasquali, L. (2016). *TEP – Técnicas de Exame Psicológico: os Fundamentos*. (2 ed). Vetor editora.
- Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R. A., Jesus S. N., & Simões, M. R. (2018). A Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5: Validação numa amostra escolar de jovens portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação Psicológica*, 52(3), 15-25. <https://www.aidep.org/sites/default/files/2019-07/RIDEP52-Art2.pdf>
- Santos, T. M., Amaro, L. M., & Joseph, N. T. (2019) Social Comparison and Emotion across Social Networking Sites for Mothers, *Communication Reports*, 32(2), 82-97, <https://doi.org/10.1080/08934215.2019.1610470>.
- Savchenko, T. N.S, Samoylenko, E. S., & Korbut, A. V. (2019). Psychometric properties of

- instruments of measurement of social comparison orientation. *Experimental Psychology*, 12, 112-130. <https://doi.org/10.17759/exppsy.2019120209>
- Samejima, F. A. (1969). Estimation of latent trait ability using a response pattern of graded scores. *Psychometric Monograph Supplement*, 17, *Psychometric Society*. <http://dx.doi.org/10.1002/j.2333-8504.1968.tb00153.x>
- Schneider, S., & Schupp, J. (2011). The social comparison scale: testing the validity, reliability and applicability of the Iowa-Netherlands comparative orientation measure (INCOM) in the German population. *German Socio-Economic Panel Study (SOEP) paper*. <https://ssrn.com/abstract=1772742>
- Schneider, S. M., & Schupp, J. (2014). Individual differences in social comparison and its consequences for life satisfaction: introducing a short scale of the Iowa–Netherlands Comparison Orientation Measure. *Social Indicators Research*, 115(2), 767-789. <http://dx.doi.org/10.1007/s11205-012-0227-1>
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using multivariate statistics* (6th ed.) Pearson Education.
- Úrzua, A. & Zúñiga, P. B., & Buunk, A. P. (2012). The age and sex in the social comparison orientation. *Terapia Psicológica*, 30, 79-88. <http://teps.cl/index.php/teps/article/view/114>
- Valentini, F. S. L., & Damásio, B. F. (2016). Variância média extraída e confiabilidade composta: indicadores de precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2), 1-7. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e322225>
- Vogel, E. A., Rose, J. P., Okdie, B. M., Eckles, K., & Franz, B. (2015). Who compares and despairs? The effect of social comparison orientation on social media use and its outcomes. *Personality and Individual Differences*, 86, 249-256. <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2015.06.026>

- Vries, D. A. Möller, M., Wieringa, M. S., Eigenraam, A. W., & Hamelink, K. (2018). Social comparison as the thief of joy: Emotional consequences of viewing strangers' *Instagram* posts. *Media Psychology*, 21(2), 222-245. <http://dx.doi.org/10.1080/15213269.2016.1267647>
- Wang, D. (2019). A study of the relationship between narcissism, extraversion, body-esteem, social comparison orientation and selfie-editing behavior on social networking sites. *Personality and Individual Differences*, 146, 127-129. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2019.04.012>
- Xiaojing, A. (2017). Social networking site uses, internalization, body surveillance, social comparison and body dissatisfaction of males and females in mainland China. *Asian Journal of Communication*, 27(6), 616-630. <http://dx.doi.org/10.1080/01292986.2017.1365914>

ARTIGO 3

**O EFEITO MEDIADOR DA ORIENTAÇÃO PARA COMPARAÇÃO SOCIAL
ENTRE PERSONALIDADE E AFETIVIDADE NEGATIVA**

**THE MEDIATING EFFECT OF THE SOCIAL COMPARISON ORIENTATION
BETWEEN PERSONALITY AND NEGATIVE AFFECTIVITY**

**EL EFECTO MEDIADOR DE LA ORIENTACIÓN HACIA LA COMPARACIÓN
SOCIAL ENTRE PERSONALIDAD Y AFECTIVIDAD NEGATIVA**

Rayssa Soares Pereira

Universidade Federal da Paraíba

Patrícia Nunes da Fonseca

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Objetivou-se testar um modelo explicativo da afetividade negativa (ansiedade, depressão e estresse) com a contribuição dos traços de personalidade e da orientação para comparação social. Especificamente, buscou-se identificar o padrão de relação linear entre personalidade, orientação para comparação social e afetividade negativa. Contou com 416 pessoas da população geral do Brasil ($M_{idade} = 29,33$, $DP = 11,60$), 66,8% mulheres, que responderam ao Inventário dos Cinco Grandes Fatores, Escala de Orientação para Comparação Social, Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS 21) e questões demográficas. Correlações, seguidas de regressões e modelos de mediação demonstraram a contribuição do traço de personalidade neuroticismo e das dimensões opinião e aptidão da orientação para comparação social na explicação da afetividade negativa. Portanto, evidencia-se o efeito das diferenças individuais para o surgimento e manutenção da afetividade negativa, podendo auxiliar na compreensão dessas variáveis para o desenvolvimento de estratégias eficazes visando diminuir tais sintomas. **Palavras-chave:** Neuroticismo; Orientação para Comparação Social; Depressão; Ansiedade; Estresse.

Abstract

The objective was to test an explanatory model of negative affectivity (depression, anxiety and stress) with the contribution traits personality and social comparison orientation. Specifically, we sought to identify the pattern of linear relationship between personality, social comparison orientation and negative affectivity. There were 416 people from the general population from Brazil ($M_{age} = 29,33$, $SD = 11,60$), 66,8% women, who answered the Big Five Factors Inventory, Scale for Social Comparison Orientation, Depression Scale, Anxiety and Stress and demographic issues. Correlations, followed by regressions and mediation models, demonstrated the contribution of the neuroticism personality trait and the opinion and aptitude dimensions of the social comparison orientation in the explanation of negative affectivity. Therefore, the effect of individual differences on the emergence and maintenance of negative affectivity is evidenced, which may help to understand these variables for the development of effective strategies to reduce such symptoms.

Keywords: Neuroticism; Orientation for social comparison; Depression; Anxiety; Stress.

Resumen

Objetivo probar un modelo explicativo de la afectividad negativa (depresión, ansiedad, estrés) con la contribución personalidad y orientación hacia la comparación social. Especificamente, buscó identificar el patrón de relación lineal entre la personalidad, la orientación hacia la comparación social y afectividad negativa. Contó con 416 personas de la población general de Brasil ($M_{edad} = 29,33$, $DP = 11,60$), 66,8% mujeres, que contestaron al Inventário de los Cinco Grandes Factores, Escala de Orientación hacia la Comparación Social, Escala de Depresión, Ansiedad y Estrés y cuestiones demográficas. Correlaciones, seguidas de regresiones y modelos de mediación mostraron la contribución del rasgo de personalidad neuroticismo y de las dimensiones opinión y aptitud de la orientación hacia la comparación social en la explicación de la afectividad negativa. Por tanto, se evidencia el efecto de las diferencias individuales sobre la aparición y mantenimiento de la afectividad negativa, lo que puede ayudar a comprender estas variables para el desarrollo de estrategias efectivas para reducir dichos síntomas.

Palabras clave: Neuroticismo; Social comparison orientation; Depresión; Ansiedad; Estrés.

Introdução

O aumento do sofrimento psíquico no mundo é preocupante. A cada década vem crescendo o número de casos de distúrbios e transtornos psicológicos na população mundial (OMS, 2017). Segundo a Organização Mundial de Saúde (2017) dentre os países América Latina, o Brasil é o país que apresenta um maior número de pessoas com ansiedade (9,3%) e depressão (5,8%).

Este cenário vem preocupando a comunidade científica, sobretudo porque a tendência de crescimento dos problemas na saúde mental das pessoas se tornou ainda maior com a pandemia da COVID-19, como relata a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS, 2021). De acordo com pesquisa da Fiocruz (2020), cerca de 40% dos brasileiros afirmaram sentir-se depressivos e 50% ansiosos, principalmente jovens adultos.

Neste sentido, pesquisas evidenciam que as pessoas podem vir a experimentar afetividade negativa, como angústia, tristeza, raiva, medo e, principalmente, depressão, ansiedade e estresse (**Duan & Zhu, 2020**; Martins et al., 2019; Vignola & Tuci, 2014). Como consequência, poderão ter a redução da produtividade, afastamento laboral, baixo desempenho acadêmico ou, até mesmo, diminuição na qualidade de vida (Buunk et al., 2020; Fernandes et al., 2018).

A respeito deste tema, a Psicologia Social poderá contribuir com a investigação de variáveis que sirvam de proteção das vivências dos afetos negativos (Buunk et al, 2020). Notadamente, pesquisas sugerem o traço de personalidade neuroticismo como um importante fator que ajuda a desencadear sintomas de depressão, ansiedade e estresse uma vez que é considerada como um dos principais aspectos psicológicos relacionados a altos níveis de vivências afetivas negativas (Boudouda & Gana, 2020; Noronha et al., 2015; Schultz & Schultz, 2015; Watson et al., 1995).

Outra variável que pode afetar no comportamento das pessoas frente às circunstâncias

e, portanto, ajudar a compreender a relação entre personalidade e afetividade negativa é a orientação para comparação social (OCS) (Festinger, 1954; Lee & Park, 2019). Para Gibbons e Buunk (1999), é a tendência de se realizar comparações com outras pessoas a fim de se autoavaliar.

Evidências apontam que a orientação para comparação social é uma característica da personalidade, por isso, algumas pessoas são mais motivadas para se compararem e serem afetadas por estas informações (Diener & Fujita, 1997; Garanyan & Pushkina, 2016; Noronha et al., 2015). Em função dessa associação, a personalidade e orientação para comparação social são responsáveis por afetar vários domínios da vida cotidiana e produzirem emoções prejudiciais para saúde mental e física (Gerber et al., 2018; McCarthy & Morina, 2019). Não obstante, antes de expor a parte empírica do presente artigo, é fundamental apresentar os principais conceitos e pesquisas acerca das variáveis abordadas.

Personalidade, Orientação para Comparação Social e Afetividade Negativa

No presente estudo, adotou-se o Modelo dos Cinco Grandes Traços de Personalidade (Big five, McCrae & John, 1992). O qual considera a personalidade como um conjunto de traços relativamente contínuos que definem comportamentos e atitudes específicas de uma pessoa (Noronha et al., 2015; Schultz & Schultz, 2015).

Neste modelo, a personalidade é subdividida em cinco traços: a) *abertura à experiência*, que se fundamenta na busca e vivência de experiências; b) *conscienciosidade*, refere-se a organização, cumprimento moral e capacidade de lidar com desafios; c) *amabilidade*, que versa da disposição para agradabilidade e pró-sociabilidade; d) *extroversão*, que está relacionada à sociabilidade e emoções positivas e, por fim, e) *neuroticismo*, que diz respeito ao desajustamento emocional (Noronha et al., 2015).-

Os estudos mostram que dos traços de personalidade o neuroticismo é um preditor e fator de risco para a manifestação e manutenção de problemas psicológicos, pois já há relação

entre depressão e ansiedade com alto neuroticismo. Comprovando-se que há relação entre depressão, ansiedade e alto neuroticismo, baixa conscienciosidade e extroversão, e nenhuma associação com amabilidade e abertura para a experiência (Boudouda & Gana, 2020).

Com base em tais evidências, a personalidade é responsável ainda por impactar no modo como as pessoas buscam e lidam com informações sociais para uma melhor compreensão sobre si e o contexto em que vivem (Gibbons & Buunk, 1999; Suls & Wheeler, 2020). O processamento dessas informações é denominado de comparação social, um mecanismo psicológico utilizado para realizar autoavaliações, as quais podem influenciar os julgamentos, emoções e comportamentos (Festinger, 1954).

Todas as pessoas realizam comparações sociais em determinado momento de suas vidas. Como um fenômeno universal, objetivam minimizar a incerteza subjetiva para avaliarem as aptidões e opiniões (Festinger 1954; Suls & Wheeler, 2020). As aptidões e opiniões são dimensões que, em conjunto, fornecem informações sociais de modo preciso: as opiniões possibilitam ao indivíduo legitimar e ponderar se suas crenças e valores estão em conformidade com as das outras pessoas; e as aptidões permitem examinar suas capacidades ao executarem uma atividade (Buunk et al., 2020; Festinger, 1954).

Festinger (1954) relata que as pessoas desejam estar em conformidade com as demais do seu grupo social e, para isso, dependem de parâmetros não sociais, a exemplo da personalidade. Diante disso, Diener e Fujita (1997) interpretam a comparação social como um mecanismo espontâneo, pertencente a um aspecto da personalidade, porquanto, alguns indivíduos podem apresentar maior orientação para se comparar do que outros.

Isso posto, Gibbons e Buunk (1999) definem a orientação para comparação social (OCS) como uma diferença individual. Para investigarem essa variação, elaboraram a Escala de Orientação para Comparação Social (INCOM), cuja finalidade é avaliar a tendência para se comparar, por intermédio das dimensões opinião e aptidão.

Apesar de serem dimensões diferentes, estão correlacionadas e surgem frequentemente de forma conjunta nas mais diversas situações cotidianas. Por exemplo, em contexto de competição, para examinar precisamente sua ação em certa atividade proposta, o indivíduo pode utilizar das declarações diretas ou indiretas das pessoas a sua volta para preverem a exatidão de seu desempenho (Suls & Wheeler, 2020).

Embora Festinger (1954) não tenha tratado da ordem de importância entre aptidão e opinião, ambas podem interferir no processo de autoavaliação. A aptidão é uma dimensão mais objetiva e apurada do que a opinião, que é mais sensível às modificações, o que colabora para que as pessoas dêem mais ênfase a aptidão. A teoria propõe que se o indivíduo percebe que suas opiniões são muito diferentes dos outros, pode mudá-las sem muitas dificuldades, porém, há maiores obstáculos para modificar as aptidões completamente (Gibbons & Buunk, 1999; Miao et al., 2018).

Em geral, ao destacar as diferenças individuais da comparação social, a literatura tem levantado questionamento sobre o que acontecesse se as consequências da comparação forem favoráveis ou desfavoráveis na autoavaliação. É presumido que haja um elevado nível de OCS por causa de um maior grau de incerteza do autoconceito, baixa autoestima, o que acarretaria uma vivência de afetividade negativa e uma conformidade a padrões sociais, características vinculadas ao traço de personalidade neuroticismo. Ao contrário, quanto mais baixo é a OCS, menor a necessidade de se ter mais informações sociais. Nesse caso, maior será a certeza subjetiva e a realização de autoavaliação positiva (Buunk et al., 2020; Gerber et al., 2018).

Dessa maneira, a consistência da OCS e o neuroticismo resultam na manifestação de sofrimento psíquico, além de limitações em vários domínios da vida, a exemplo da adaptação social (Miao et al., 2018), baixo desempenho acadêmico e laboral (Buunk et al., 2020; Civit & Civit, 2015; Whiteside & Barclay, 2016), problemas de relacionamentos (Morry et al., 2018; Sulz & Wheeler, 2020) e frequente uso de redes sociais *online* (Faelens et al., 2019). Portanto,

autoavaliações provenientes da comparação social para aqueles com traço neurótico, pode tornar essas pessoas mais interessadas e vulneráveis às reações afetivas negativas (Garanyan & Pushkina, 2016; McCarthy & Morina, 2019).

A variação no processo de autoavaliação possibilita compreender os comportamentos disfuncionais relacionados à afetividade negativa e pode beneficiar o diagnóstico e tratamento, visando a redução do envolvimento em comparação social e os seus efeitos negativos. Gerber et al. (2018) e McCarthy e Morina (2019) justificam que há necessidade de pesquisas que envolvam a comparação social e saúde mental, uma vez que a OCS serve como um atributo avaliador das relações sociais e diferenças individuais.

A afetividade negativa (AN) refere-se à disposição para vivenciar estados emocionais negativos e demonstrar sentimentos derivados de avaliações e decisões em situações negativas, no qual o indivíduo se percebe confrontado pelas circunstâncias. Os principais estados emocionais negativos relacionados a AN são a depressão, ansiedade e estresse (Clark et al., 1991), os quais podem acarretar efeitos danosos ao bem estar e a qualidade de vida dos indivíduos (Martins et al., 2019).

A depressão e a ansiedade têm por base conceitual a AN, constituída por uma sintomatologia que inclui a angústia, o humor negativo e a cognição distorcida. Além de se apresentarem de forma relacionada, sobrepondo uma a outra, o que dificulta a sua identificação empírica, ou seja, apesar de serem definidas de maneira distinta, podem apresentar sintomas inespecíficos nas duas condições (Clark & Watson, 1991; Martins et al., 2019; Watson et al., 1995). Com o intuito de melhor estudar a AN, Clark e Watson (1991) propuseram um modelo Tripartido de Ansiedade e Depressão, postulando que tanto a ansiedade quanto a depressão apresentam uma condição geral que é partilhada, a saber, os afetos negativos, angústia geral, e a hiperativação fisiológica.

Partindo da premissa teórica do Modelo Tripartido (Clark & Watson, 1991), para

mensurar a depressão e ansiedade, Lovibond e Lovibond (1995) elaboraram um instrumento que especificasse simultaneamente as principais características que as diferenciassem, e constataram um fator de sobreposição mista, denominado-o de Estresse. A depressão se caracteriza pelo baixo afeto positivo, diminuição da autoestima e falta de disposição; a ansiedade está relacionada à precipitação de eventos negativos e hiperestimulação fisiológica e, por fim, o estresse, que se refere à tensão, irritabilidade e baixa capacidade de frustração. Ressalta-se que, tanto a ansiedade quanto o estresse pode ter uma natureza positiva, posto que ajudam na adaptação do indivíduo ao meio, todavia, quando em excesso, afeta a saúde mental das pessoas (Martins et al., 2019; Vignola & Tucci, 2014).

Finalmente, constata-se que a personalidade, orientação para comparação social e afetividade negativa estão associadas teoricamente e empiricamente. Partindo dessa ideia, questiona-se: como a orientação para comparação social, personalidade e afetividade negativa se relacionam? Diante disso, surgiram as seguintes hipóteses: 1) o traço de personalidade neuroticismo prediz afetividade negativa; 2) o traço de personalidade neuroticismo prediz a orientação para comparação social; 3) a orientação para comparação social prediz a afetividade negativa; e, 4) a orientação para comparação social medeia a relação entre traço neuroticismo e afetividade negativa.

Deste modo, o estudo objetivou testar o papel mediador da orientação para comparação social na relação entre personalidade e afetividade negativa. Especificamente, identificar o padrão de relação linear entre personalidade, orientação para comparação social e afetividade negativa.

Método

Participantes

Contou-se com uma amostra não probabilística (por conveniência) de 416 pessoas da população geral de diferentes estados brasileiros, sendo 84,4% da Paraíba, 3,4% de São Paulo

e 2,4% Pernambuco com idade média de 29,33 anos (variando de 18 a 66 anos; $DP = 11,60$). A maioria do sexo feminino (66,8%), solteiros (64,4%) e com ensino superior incompleto (38,5%).

Instrumentos

Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade – ICGFP (John et al., 1991). Adaptado para o Brasil por Gouveia et al. (2021), é composto por 20 itens agrupados em cinco fatores: extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura à experiência, (e.g. item 02 “É minucioso, detalhista no trabalho”; item 07 “É inventivo, criativo”). Respondidos em uma escala *Likert* de 5 pontos (1 = discordo totalmente a 5= concordo totalmente). Com alfas de *Cronbach* de 0,69 para o fator abertura à experiência, 0,56 (conscienciosidade), 0,72 (extroversão), 0,69 (amabilidade) e 0,69 (neuroticismo).

Escala de Orientação para a Comparação Social – INCOM (Gibbons & Buunk; 1999): adaptada para o Brasil por Pereira et al. (submetido) tem o objetivo de avaliar a orientação para comparação social (OCS). Nesta pesquisa, utilizou-se a versão reduzida, composto por 6 itens, distribuídos em dois fatores, denominados Aptidão e Opinião, (e.g. “item 5. Sou uma pessoa que se compara com as outras” e “item 8. Eu tento saber o que os outros pensam quando têm problemas semelhantes aos meus.”). Respondidos em uma escala tipo *Likert* de 5 pontos (1= discordo totalmente e 5= concordo totalmente). Com alfas de *Cronbach* de 0,90 para o fator Aptidão e 0,82 para Opinião.

Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse – DASS 21 (Lovibond & Lovibond, 1995): adaptada para o Brasil por Vignola e Tucci (2014). Objetiva identificar estados afetivos negativos da ansiedade, depressão e estresse. É constituída por 21 itens distribuídos em três fatores: depressão, ansiedade e estresse (e.g. item 10 “Senti que não tinha nada a esperar do futuro”, item 13 “Senti-me desanimado (a) e deprimido (a)”). Respondida numa escala do tipo *Likert* de 4 pontos (0 = não se aplicou de maneira alguma a 3= aplicou-se muito ou na maioria

do tempo). Com alfas de *Cronbach* de 0,92 para a depressão, 0,90 para o estresse e 0,86 para a ansiedade.

Questionário Sociodemográfico: trata-se de um conjunto de perguntas (idade, sexo, estado onde reside, estado civil, escolaridade) que objetivam caracterizar os participantes.

Procedimento

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba (CAAE: 31351320.4.0000.5188 e parecer: 4.039.914/2020). Seguiram-se os critérios exigidos nas Resoluções 510/16 e 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. A coleta de dados foi realizada em formato eletrônico, através do *Google Docs*. O *link* com os instrumentos foi disponibilizado para os participantes através de *e-mail* e redes sociais *online* (*Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*). Em que informou-se o objetivo da pesquisa, o anonimato das respostas, o caráter voluntário da participação e a necessidade de concordar com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Análise de Dados

Utilizou-se o SPSS (versão 27), para análises descritivas e dispersão (média, desvio padrão, frequência), correlação de *Pearson* entre as variáveis, seguidas de regressões múltiplas. Por fim, na extensão *Process* (Hayes, 2020) foram executas as análises de mediação apenas com as variáveis estatisticamente significativas na etapa anterior, sendo assim, os modelos foram elaborados a partir da seguinte direção: os traços de personalidade como variáveis independentes, os fatores da afetividade negativa como variáveis dependentes e os fatores de orientação para comparação social como variáveis mediadoras.

Resultados

Estatísticas descritivas e correlações entre as principais variáveis

Com o objetivo de verificar o padrão de relação dos traços de personalidade, orientação para comparação social (Aptidão e Opinião) e afetividade negativa, especificamente os fatores

da DASS 21 (depressão, ansiedade e estresse) foram realizadas correlações de *Pearson*. Como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1

Correlações bivariadas entre as variáveis (N = 416).

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Abertura à experiência	1									
2. Conscienciosidade	0,31**	1								
3. Extroversão	0,42**	0,30**	1							
4. Amabilidade	0,13**	0,30**	0,38**	1						
5. Neuroticismo	0,37	-0,08	-0,11*	-0,13**	1					
6. Aptidão	0,07	-0,17**	-0,12**	-0,16**	0,35**	1				
7. Opinião	0,23	-0,10*	0,06	0,11	0,32**	0,51**	1			
8. Depressão	-0,04	-0,20**	-0,24**	-0,17**	0,50**	0,45**	0,31**	1		
9. Ansiedade	0,50	-0,08*	-0,13**	-0,63**	0,54**	0,33**	0,32**	0,72**	1	
10. Estresse	0,29	-0,14**	-0,15**	0,11*	0,69**	0,38**	0,34**	0,76**	0,79**	1

Nota: $p < 0,01$ **; $p < 0,05$ *.

Os resultados demonstraram relações estatisticamente significativas entre os traços de personalidade e os fatores da afetividade negativa (DASS 21): positiva, com neuroticismo [depressão ($r = 0,50$; $p < 0,01$), ansiedade ($r = 0,54$; $p < 0,01$) e estresse ($r = 0,69$; $p < 0,001$)]. Negativa com conscienciosidade [depressão ($r = -0,20$; $p < 0,01$), ansiedade ($r = -0,08$; $p < 0,04$) e estresse ($r = -0,14$; $p < 0,02$)]; com extroversão [depressão ($r = -0,24$; $p < 0,01$), ansiedade ($r = -0,13$; $p < 0,01$) e estresse ($r = -0,15$; $p < 0,01$)] e com amabilidade [depressão ($r = -0,17$; $p < 0,01$) e estresse ($r = -0,11$; $p < 0,01$)].

Ademais, foram identificadas relações estatisticamente significativas entre os fatores da Escala de Orientação para Comparação Social e os traços de personalidade: com o fator aptidão, relação positiva com neuroticismo ($r = 0,35$; $p < 0,01$) e negativa com conscienciosidade ($r = -0,17$; $p < 0,01$), amabilidade ($r = -0,16$; $p < 0,01$) e extroversão ($r = -0,12$; $p < 0,01$). Igualmente, com o fator opinião, relação positiva com o traço neuroticismo ($r = 0,32$; $p < 0,01$) e negativa com conscienciosidade ($r = -0,10$; $p < 0,01$).

Por fim, foram obtidas correlações positivas e estatisticamente significativas entre os

fatores da Escala de Orientação para Comparação Social e os fatores da DASS 21: o fator aptidão se correlacionou com depressão ($r = 0,45$; $p < 0,01$), estresse ($r = 0,33$; $p < 0,01$) e ansiedade ($r = 0,38$; $p < 0,01$); e o fator opinião se correlacionou com depressão ($r = 0,31$; $p < 0,01$), ansiedade ($r = 0,32$; $p < 0,01$) e estresse ($r = 0,34$; $p < 0,01$).

Análises de regressão

Com o intuito de buscar evidências mais consistentes acerca da relação entre as variáveis, foram realizadas análises de regressões para examinar os efeitos entre os traços de personalidade e (1) afetividade negativa (DASS 21: depressão, ansiedade e estresse) e (2) orientação para comparação social (opinião e aptidão). Além disso, foram feitas análises entre os fatores de orientação para comparação social e os da afetividade negativa.

Inicialmente, testaram-se os efeitos dos traços de personalidade na afetividade negativa (DASS 21) em depressão, observou-se um modelo significativo [$R^2 = 0,30$; $F(4;411) = 44,64$; $p < 0,001$], com neuroticismo ($\beta = 0,47$, $t = 11,42$; $p < 0,001$), conscienciosidade ($\beta = -0,11$, $t = -2,53$; $p < 0,001$), e extroversão ($\beta = -0,15$, $t = -3,36$; $p < 0,001$); já com amabilidade ($\beta = -0,19$, $t = 0,041$; $p < 0,683$) perde-se a significância. Em ansiedade, observou-se um modelo significativo [$R^2 = 0,30$; $F(3; 412) = 59,47$; $p < 0,001$] com neuroticismo ($\beta = 0,53$, $t = 3,36$; $p < 0,001$); mas com conscienciosidade ($\beta = -0,018$, $t = -0,0410$; $p < 0,68$) e extroversão ($\beta = -0,068$, $t = -1,56$; $p < 0,11$) perde a significância. No fator estresse, observou-se um modelo significativo [$R^2 = 0,46$; $F(4;411) = 87,16$; $p < 0,001$] com neuroticismo ($\beta = 0,66$, $t = 17,94$; $p < 0,001$) e conscienciosidade ($\beta = -0,078$, $t = 1,99$; $p < 0,04$), mas não foi significativo com extroversão ($\beta = -0,072$, $t = 1,79$; $p < 0,07$) e amabilidade ($\beta = 0,028$, $t = 0,069$; $p < 0,48$).

Em seguida, testaram-se os efeitos dos traços de personalidade com os fatores de orientação para comparação social: no fator aptidão, observou-se um modelo significativo [$R^2 = 0,15$; $F(4;411) = 18,42$; $p < 0,001$] com neuroticismo ($\beta = 0,33$, $t = 7,18$; $p < 0,001$) e conscienciosidade ($\beta = -0,012$, $t = -2,46$; $p < 0,001$), mas com amabilidade ($\beta = -0,081$, $t = -1,59$;

$p < 0,11$) e extroversão ($\beta = -0,014$, $t = -0,283$; $p < 0,77$) perde a significância. No fator opinião, observou-se um modelo significativo [$R^2 = 0,10$; $F(2;413) = 24,70$; $p < 0,001$] com Neuroticismo ($\beta = 0,31$, $t = 6,64$; $p < 0,001$), mas com a conscienciosidade ($\beta = -0,081$, $t = -1,74$; $p < 0,08$) perde a significância.

Por último, testou-se os efeitos dos fatores da escala de orientação para comparação social (aptidão e opinião) com os da afetividade negativa (depressão, ansiedade e estresse). No fator depressão, observou-se um modelo significativo [$R^2 = 0,21$; $F(2;413) = 54,634$; $p < 0,001$] com aptidão ($\beta = 0,39$, $t = 7,70$; $p < 0,001$) e opinião ($\beta = 0,11$, $t = 2,11$; $p < 0,03$). De modo semelhante, constatou-se um modelo significativo no fator ansiedade [$R^2 = 0,14$; $F(2;413) = 34,75$; $p < 0,001$] com aptidão: ($\beta = 0,22$, $t = 4,20$; $p < 0,001$) e opinião: ($\beta = 0,21$, $t = 3,54$; $p < 0,001$). Seguido pelo fator estresse [$R^2 = 0,17$; $F(2;413) = 44,203$; $p < 0,001$] que também apresentou significância com aptidão: ($\beta = 0,28$, $t = 5,34$; $p < 0,001$) e opinião: ($\beta = 0,21$, $t = 3,89$; $p < 0,001$).

A partir dos resultados obtidos, verificou-se que o traço de personalidade neuroticismo apresentou valor preditivo significativo nas regressões hierárquicas com os fatores da DASS 21 (afetividade negativa) e com os da escala de orientação para comparação social, ao contrário dos demais traços (extroversão, amabilidade e conscienciosidade). Dessa forma, tal traço foi escolhido para compor o modelo de mediação como variável independente na explicação da tendência para se comparar socialmente e experienciar a afetividade negativa, o qual será testado a seguir.

Análise de Mediação

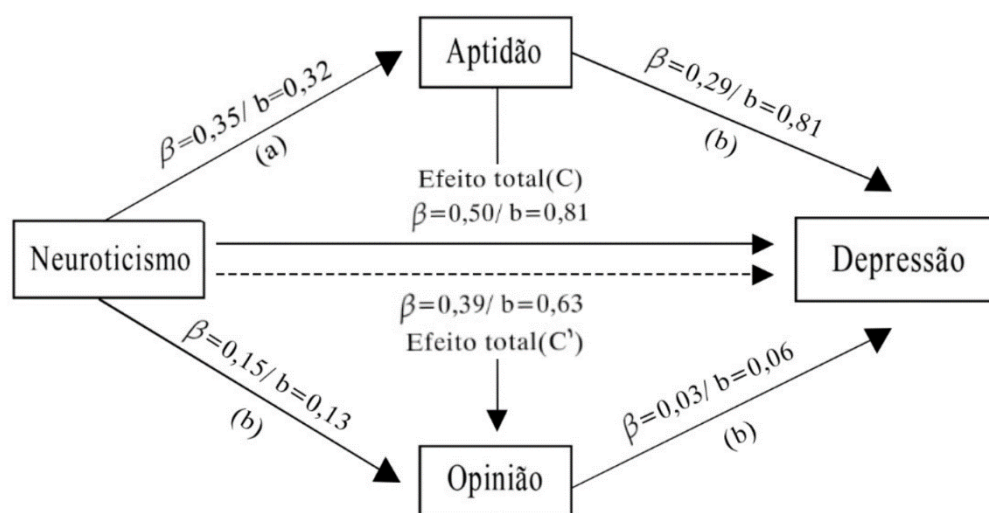
Considerando os resultados e a relação teórica proposta, foram averiguados três modelos de mediação paralela com a variável antecedente (neuroticismo), variáveis mediadoras (aptidão e opinião) e consequentes (depressão, ansiedade e estresse). O efeito nos três modelos do neuroticismo em aptidão foi estatisticamente significativo [$\beta = 0,35$, $b = 0,32$,

95% IC (0,24; 0,41), $t = 7,74$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,12$ (12%)] e em Opinião [$\beta = 0,15$, $b = 0,13$, 95% IC (0,06; 0,21), $t = 3,49$, $p < 0,005$]. Também o efeito de Aptidão em Opinião [$\beta = 0,45$, $b = 0,43$, 95% IC (0,35; 0,51), $t = 10,32$, $p < 0,001$] em todos os três modelos de mediação.

No modelo com Depressão, o efeito total Neuroticismo na Depressão foi estatisticamente significativo [$\beta = 0,50$, $b = 0,81$, 95% IC (0,68; 0,95), $t = 11,84$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,25$ (25%)]. Ao incluir as variáveis mediadoras no modelo, o efeito direto mediado por Aptidão e Opinião diminui o coeficiente de neuroticismo, no entanto, esse continua estatisticamente significativo [$\beta = 0,39$, $b = 0,63$, 95% IC (0,49; 0,77), $t = 8,95$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,34$ (34%)]. De igual modo o impacto da Aptidão (M1) em depressão (y) [$\beta = 0,29$, $b = 0,51$, 95% IC (0,34; 0,67), $t = 6,09$, $p < 0,001$], porém, não sendo significativo o efeito de Opinião (M2) em depressão [$\beta = 0,03$, $b = 0,06$, 95% IC (-0,10; 0,24), $t = 0,75$, $p < 0,44$].

Figura 1

Modelo 1



Modelo de Mediação Depressão.

No modelo com Ansiedade, o efeito total neuroticismo na ansiedade foi estatisticamente significativo [$\beta = 0,54$, $b = 0,79$, 95% IC (0,67; 0,91), $t = 13,21$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,30$ (30%)]. Após introduzir as variáveis mediadoras no modelo, o efeito direto mediado por

Aptidão e Opinião diminuí o coeficiente de neuroticismo, mas continua estatisticamente significativo [$\beta = 0,47$, $b = 0,68$, 95% IC (0,56; 0,81), $t = 10,74$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,33$ (33%)]. Também ocorreu com o efeito da Aptidão (M1) na ansiedade (y) [$\beta = 0,10$, $b = 0,26$, 95% IC (0,011; 0,31), $t = 2,12$, $p < 0,03$], no entanto, Opinião (M2) na ansiedade (y) [$\beta = 0,12$, $b = 0,20$, 95% IC (0,049; 0,36), $t = 2,58$, $p < 0,001$] é mais significativo.

Modelo 2

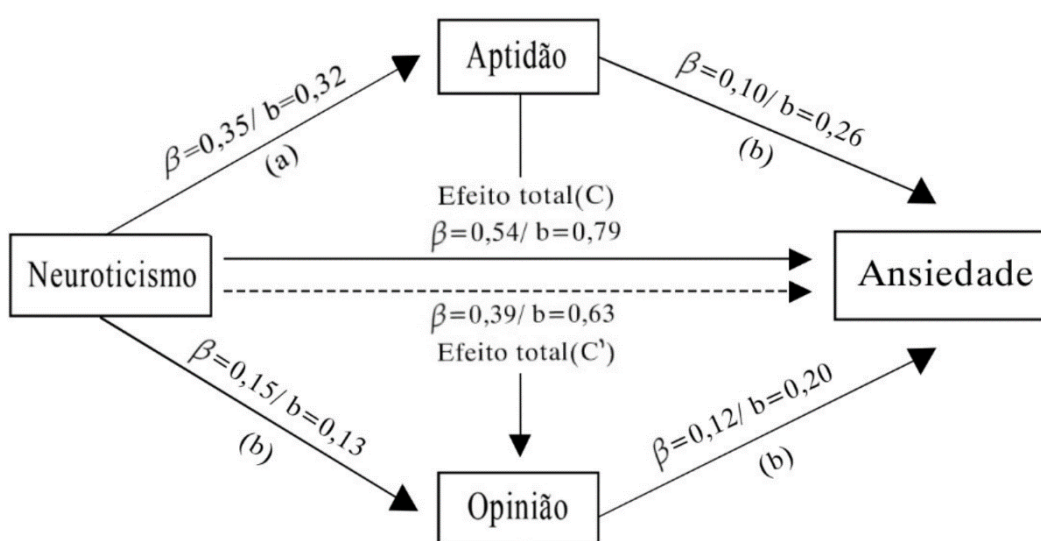


Figura 2

Modelo de Mediação Ansiedade.

No modelo com Estresse, o efeito total neuroticismo no estresse foi estatisticamente significativo [$\beta = 0,66$, $b = 1,07$, 95% CI (0,96; 1,19), $t = 18,27$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,44$ (44%)]. Com a introdução das variáveis mediadoras no modelo, o efeito direto mediado por Aptidão e Opinião reduz o coeficiente, porém, continua estatisticamente significativo [$\beta = 0,59$, $b = 0,96$, 95% CI (0,83; 1,07), $t = 15,41$, $p < 0,001$; $R^2 = 0,48$ (44%)]. Igualmente aconteceu com o impacto da Aptidão (M1) no estresse (y) [$\beta = 0,12$, $b = 0,25$, 95% CI (0,0718; 0,36), $t = 2,94$, $p < 0,03$] e Opinião (M2) no estresse (y) [$\beta = 0,09$, $b = 0,17$, 95% CI (0,0182; 0,32), $t = 2,20$, $p < 0,02$].

Modelo 3

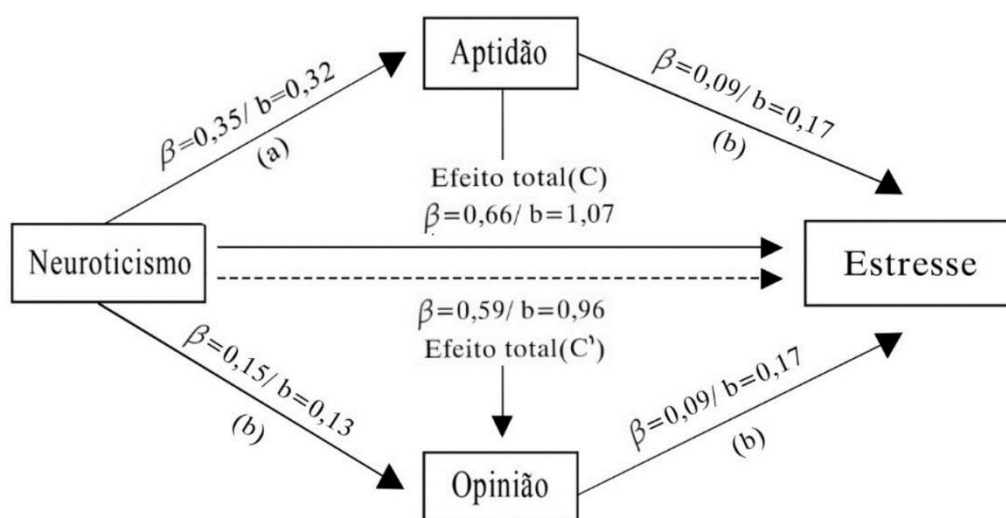


Figura 3

Modelo de Mediação Estresse.

Discussão

Essa pesquisa teve por objetivo testar o papel mediador da orientação para comparação social (aptidão e opinião) na relação entre personalidade (neuroticismo) e afetividade negativa (depressão, ansiedade e estresse). Os resultados confirmam a importância do neuroticismo e OCS na predição da afetividade negativa e, conjuntamente, esses fatores culminam na depressão, ansiedade e estresse (Boudouda & Gana, 2020; Navrady, et al, 2017).

Como esperado na hipótese 1, o traço neuroticismo apresenta relações positivas e explicou a afetividade negativa, corroborando com Boudouda e Gana (2020) e Noronha et al. (2015), que destacam forte relação com neuroticismo, tais sentimentos surgem devido a instabilidade emocional e de autoconceito. Por outro lado, os traços extroversão (comunicação e otimismo), amabilidade (agradabilidade e altruísmo) e conscienciosidade (organização e responsabilidade) apresentaram relações negativas com depressão, ansiedade e estresse, como teoricamente esperado. Isto porque, os indivíduos com traços denominados positivos experienciam afetividade positiva, são autoconfiantes, e suas relações sociais são mais

satisfatórias e assertivas (Gerber et al., 2018).

No que diz respeito a hipótese 2, o neuroticismo prediz a orientação para comparação social. Os resultados mostram que os indivíduos com alta OCS passam mais tempo se comparando por se sentirem inseguros e serem mais intolerantes a incerteza. Pois, o neuroticismo é destacando como uma particularidade daqueles que necessitam de mais informações de comparação e as vivenciam mais intensamente suas consequências (Faelens et al., 2019). No estudo de Rozgonjuk et al. (2019), o neuroticismo se apresenta como preditor da OCS. Já os traços conscienciosidade, amabilidade e extroversão estão correlacionados negativamente, sugerindo que tais traços têm o potencial de diminuir a probabilidade de vivências sociais negativas (Zanon et al., 2015).

A hipótese 3 foi corroborada, uma vez que, a orientação para comparação social (aptidão e opinião) prediz afetividade negativa (depressão, ansiedade e estresse). Como retratado anteriormente, a OCS pode afetar emoções e comportamentos que estão relacionados a esses sintomas e diminuir o bem estar psicológico e psicossocial, sobretudo em estados de ameaça percebida (Arigo & Butryn, 2018). A associação positiva entre essas variáveis nos permite inferir, por exemplo, que alunos com alta OCS apresentam menos resistência psicológica, que se refere a combinação de pensamento, emoção e comportamento que auxiliam na contenção de efeitos negativos, diminuindo assim, sentimentos positivos e satisfação com a vida e em consideração àqueles alunos com baixa OCS (Civit & Civit, 2015).

Por fim, conforme os resultados das correlações e regressões múltiplas, a hipótese 4 pôde ser confirmada. Isto posto, três modelos de mediação foram testados, tendo em conta o traço de personalidade neuroticismo como variável antecedente, os fatores aptidão e opinião de orientação para comparação social como mediadoras.

Como observado, os resultados demonstraram mediações parciais, em que o neuroticismo explica depressão, ansiedade e estresse, mas, ao ser mediado por aptidão e

opinião, essas sintomatologias passam a ser explicadas de melhor forma, isto é, pessoas que pontuam alto no traço neuroticismo e em OCS tendem a apresentar afetividade negativa mais intensamente. Pode-se dizer que a inferência do neuroticismo e da tendência para comparação social nas emoções deriva em parte das características individuais, a exemplo da autoestima, isso porque, indivíduos com baixa autoestima tendem a se comparar com maior frequência e realizarem autoavaliações negativas a respeito de si, tornando-se assim suscetíveis ao sofrimento psíquico (Faelens et al., 2019; Garanyan & Pushkina, 2016).

No modelo de Depressão, o neuroticismo desempenha um papel explicador imprescindível, contudo, observa-se que a inclusão da orientação para comparação social (aptidão e opinião) demonstrou efeito direto significativo. Isto reforça o argumento de que pessoas depressivas são inseguras e pessimistas quanto a si mesma e sua realidade, em vista disso, necessitam de informações para terem clareza de autoconceito (Suls & Wheeler, 2020).

Neste modelo, o fator opinião não explica diretamente a relação entre neuroticismo e depressão, mas sim com aptidão. Enquanto o efeito passando diretamente por aptidão explicou a relação. Em geral, pessoas com alto neuroticismo traçam metas difíceis para si, desconsiderando suas capacidades em realizar e concluir seus objetivos, tornando-se menos confiantes, por isso, buscam mais informações sobre suas aptidões por ser uma dimensão mais consolidada do que as opiniões (Gibbons & Buunk, 1999; Faelens et al., 2019; Sulz & Wheeler, 2020).

A ação da orientação para comparação social tem sido evidenciada, principalmente no contexto da internet, uma vez que as redes sociais *online* (*e.g. Instagram e Facebook*) estão associadas a crença de que as pessoas têm uma vida ideal, são mais felizes e realizadas, o que pode desencadear sintomas depressivos e fazer com que aqueles com alta orientação para se comparar usem as redes sociais com maior frequência como fonte de avaliação, se julgam negativamente e tenham menor percepção de competência social e possibilidade de

concretização de seus objetivos de vida (Rozgonjuk et al., 2019).

Acerca do modelo de Ansiedade, também foi verificado efeito direto significativo na presença da orientação para comparação social (aptidão e opinião) na relação com neuroticismo. Conforme descrito por Mitchel e Schmidt (2014) pessoas ansiosas apresentam preocupações sócio avaliativas excessivas e necessitam de referências sociais. Por isso, estão sempre em busca de validar suas crenças, e examinar suas situações de vida diante de metas estabelecidas e se estas atendem aos padrões sociais, o que pode gerar tensão diante do futuro, sentindo-se sobrecarregadas. Acredita-se que a autoavaliação negativa é responsável por manter a ansiedade, acima de tudo ao comparar si mesmo para os outros. Lee e Park (2019) conduziram um estudo para avaliar o papel da OCS no desenvolvimento de ansiedade social em estudantes, e constataram que quando os participantes se compararam, preocupam-se com avaliações negativas das outras pessoas, e passam a evitar situações sociais.

No modelo de Ansiedade, o fator opinião apresentou maior significância do que aptidão. Apoiado nas afirmações de Faelens et al. (2019) elaboraram um estudo evidenciando que o uso de redes sociais *online* torna as pessoas mais expostas a comparação social e a ruminação de sintomas de ansiedade e estresse. Posto que indivíduos mais afetados pela preocupação de autoapresentação, colocam como padrão de avaliação as opiniões dos outros, em virtude das dificuldades de autoconceito e baixa autoestima.

Já na testagem do modelo de Estresse, evidenciou-se relação consistente com neuroticismo e ao incluir a orientação para comparação social (aptidão e opinião) na relação houve efeito direto significativo. Assim, pode-se presumir a associação de uma alta OCS a sentimentos intensos e desconforto psicológico, principalmente diante de um estado de ameaça. Essas ameaças podem ser baseadas nas avaliações das demandas situacionais, em que se esgotam os recursos pessoais para minimizá-las (Buunk et al., 2020; Faelens et al., 2019; Gerber et al., 2018).

Concernente a essa perspectiva, Garanyan e Pushkina (2016) declaram que estudantes com maior disposição para se comparar manifestam quadros de estresse diário em diversos aspectos da vida acadêmica, e possuem baixa capacidade de resistência a determinados acontecimentos, podendo sentir-se frustrados e desiludidos. Buunk et al. (2010) desenvolveram uma pesquisa com enfermeiros testificando que aqueles com maior grau de incerteza, comparavam frequentemente suas competências com seus colegas de trabalho, e experienciavam angústia. Porquanto, a incerteza é um fator estressante, principalmente em profissionais da saúde, que em casos mais graves passam a desenvolver a síndrome de *burnout*.

Diante desse cenário, deve-se destacar a relevância do neuroticismo e da OCS para compreensão de como as pessoas buscam e lidam com informações sociais, e na previsão das reações afetivas (Morry et al., 2018). Além disso, tais estudos possibilitam desvendar caminhos teóricos e metodológicos, principalmente para elaboração de intervenções práticas que ajudem na qualidade de vida das pessoas em diferentes contextos (Miao et al., 2018; Suls & Wheeler, 2020).

Tal como Whiteside e Barclay (2016), que estudaram os benefícios de traçar intervenções no contexto de trabalho e organizações. Esses autores esclarecem que trabalhadores com alta OCS estão mais vulneráveis aos afetos negativos e esgotamento laboral, sendo benéfico ensinar para essas pessoas a lidarem com informações de comparação social. Exemplificando que um gerente, em determinadas situações, ao dar *feedback* e realçar os desempenhos dos funcionários pode desincentivar comparações sociais negativas entre a equipe de trabalho (Suls & Wheeler, 2020).

Por outro lado, desenvolver estratégias de autorregulação emocional pode ajudar as pessoas a interpretarem claramente as situações e amortecer a tendência em realizar comparações sociais negativas, e diminuir os índices de ansiedade e desadaptação social (Miao et al., 2018). Outrossim, tendo em vista que há uma ampla associação de OCS a

fenômenos clínicos (*e.g.* desajustamento emocional, preocupação, depressão, transtornos alimentares) nota-se que o presente estudo possibilita reflexões futuras sobre implicações práticas que visem melhorar o processo de autoavaliação, e possam minimizar as interpretações negativas da comparação (Buunk et al., 2020; Garanyan & Pushkina, 2016; Gerber et al., 2018; McCarthy & Morina, 2019).

Considerações Finais

Com base no exposto, entende-se que este estudo contribuiu para aumentar informações a acerca do papel das diferenças individuais no surgimento e manutenção da afetividade negativa. Os resultados revelam o traço de personalidade neuroticismo e a orientação para comparação social como variáveis significativas na explicação da sintomatologia de depressão, ansiedade e estresse.

Ressalta-se que esta pesquisa não se isenta de limitações, dentre as quais: (a) a amostra por conveniência, que não permite generalização dos resultados; (b) o uso das medidas de autorrelato, que pode possibilitar respostas com vieses da desejabilidade social, tendo em vista a possibilidade de falseamento das respostas (Pechorro et al., 2018).

Frente as limitações, sugere-se a realização de novas pesquisas que abarquem uma diversificação de amostra em relação a idade, comparando grupos de jovens e adultos, bem como, o sexo. Seria interessante também empregar medidas que reduzissem a desejabilidade social, a exemplo das medidas implícitas (Gouveia et al., 2012). Também investigar as principais variáveis deste estudo em contextos específicos, por exemplo, grupos e organizações, redes sociais *online*, bem como, comparar amostras clínicas, de pessoas com diagnóstico de depressão e ansiedade, com amostras não clínicas.

Portanto, esses achados oferecem suporte teórico e metodológico para o desenvolvimento de estudos futuros e intervenções eficazes. Visto que, a comparação social é um construto de valor para a manutenção de sintomas afetivos negativos, tal estudo possibilita

auxiliar profissionais da área de psicologia por exemplo, no diagnóstico e tratamento em contextos clínicos, corporativos e educacionais (Garanyan & Pushkina, 2016).

Referências

- Arigo, D., & Butryn, M. L. (2018). Prospective relations between social comparison orientation and weight loss outcomes, *Behavioral Medicine*, 45(3), 1-17. <https://doi.org/10.1080/08964289.2018.1481010>
- Boudouda, N. E., & Gana, K. (2020). Neuroticism, conscientiousness and extraversion interact to predict depression: A confirmation in a non-Western culture. *Personality and Individual Differences*, 167, 110-219. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2020.110219>
- Buunk, A., P., Belmont, J., M. Peiró, J., Zurriaga, R., & X. Gibbons, F. (2010). Social comparison as a predictor of changes in burnout among nurses, *Anxiety, Stress, & Coping. An International Journal*, 23(2), 181-194, <https://doi.org/10.1080/10615800902971521>
- Buunk, A.P., Gibbons, F.X., Dijkstra, P., & Zlatan, K. (2020). Individual differences in social comparison: The complex effects of social comparison orientation. In: Sulls, J. & Collins, R.L. (Eds.), *Social comparison, judgement and behavior* (pp.77-104). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190629113.001.0001>
- Clark, L. A., & Watson, D., (1991). Tripartite model of anxiety and depression: psychometric evidence and taxonomic implications. *Journal of Abnormal Psychology*. 100 (3), 316–336. <https://doi.org/10.1037//0021-843x.100.3.316>
- Civiti, N., & Civiti, A. (2015). Social comparison orientation, hardiness and life satisfaction in undergraduate Students. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 205, 516-523. <http://dx.doi.org/10.1016/j.sbspro.2015.09.062>
- Diener, E., & Fujita, F. (1997). Social comparisons and subjective well-being. In B. P. Buunk & F. X. Gibbons (Eds.), *Health, coping, and well-being: Perspectives from social comparison theory* (pp. 329–357). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

- <https://psycnet.apa.org/record/1997-09050-010>
- Duan, L., & Zhu, G. (2020). Psychological interventions for people affected by the COVID-19 epidemic. *The Lancet*, 7, 300-302. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(20\)30073-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(20)30073-0)
- Faelens, L., Hoorelbeke, K., Fried, E., De Raedt, R., & Koster, E. H. W. (2019). Negative influences of Facebook use through the lens of network analysis. *Computers in Human Behavior*, 96, 13-22. <https://doi.org/10.31234/osf.io/q9tus>
- Fernandes, M. A. et al. (2018). Prevalência dos transtornos de ansiedade como causa de afastamento de trabalhadores. *Brasileira de Enfermagem*, 71(5), 2213-2220. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0953>
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117–140. <http://dx.doi.org/10.1177/001872675400700202>
- Fiocruz. (2020). Pesquisa da Fiocruz mapeia como a pandemia tem afetado a vida dos brasileiros. Laboratório de Informação em Saúde do IciCT/Fiocruz. <https://www.iciCT.fiocruz.br/content/pesquisa-da-fiocruz-mapeia-como-pandemia-tem-afetado-vida-dos-brasileiros>
- Garanyan N.G., & Pushkina E.S. (2016). Verification of the validity and reliability of the Russian version of the "Iowa-Netherlands Social Comparison Guidance Scale" methodology in a sample of students. *Advisory Psychology and Psychotherapy*, 24(2), 64-92. <https://doi.org/10.17759/cpp.2016240205>
- Gerber, J. P., Wheeler, L., & Suls, J. (2018). A social comparison theory meta-analysis 60+ years on. *Psychological Bulletin*, 144(2), 177–197. <https://doi.org/10.1037/bul0000127>
- Gibbons, F. X., & Buunk, B. P. (1999). Individual differences in social comparison: Development of an orientation scale for social comparison. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(1), 129-142. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.76.1.129>

- Gouveia, V. V., Araújo, R. C. R., A., Oliveira, I. C. V., Gonçalves, M. P., Milfont, T. L., Gabriel Lins de Holanda Coelho, G. L. H., ..., & Gouveia, R. V. (2021). A short version of the Big Five Inventory (BFI-20): evidence on construct validity. *Interamerican Journal of Psychology*. <https://doi.org/10.30849/ripijp.v55i1.1312>
- Gouveia, V. V., Athayde, R. A. A., Mendes, L. A., & Freire, S. E. A. (2012). Introdução às Medidas Implícitas: conceitos, técnicas e contribuições. *Diaphora | Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul* 12(1), 80-92. <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/50>
- Hayes, A.F. (2018). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach* (2nd Edition). New York: Guilford Press. The documentation for PROCESS. <http://www.guilford.com/p/hayes3>
- Lee, Y. J., & Park, J. H. (2019). The influence of social anxiety on the social comparison trend of high school students and the moderating effect of the maladaptive cognitive emotion control strategy. *Korean Child Stud*, 40 (1), 39-50. <https://doi.org/10.5723/kjcs.2019.40.1.39>
- Lovibond, P. F., & Lovibond, S. H. (1995). The structure of negative emotional states: Comparison of the Depression Anxiety Stress Scales (DASS) with the Beck Depression and Anxiety Inventories. *Behaviour Research and Therapy*, 33(3), 335–343. doi:10.1016/0005-7967(94)00075-u
- Martins, B. G., Silva, W. R., Maroco, J., & Campos, J. A. D. B. (2019). Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse: propriedades psicométricas e prevalência das afetividades. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 68(1), 32-41. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000222>
- Miao, H., Li, Z., Yang, Y., & Guo, C. (2018). Social Comparison Orientation and Social Adaptation Among Young Chinese Adolescents: The Mediating Role of Academic Self-Concept. *Frontiers in Psychology*, 9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01067>

- McCrae, R. R., & John, O. P. (1992). An introduction to the five-factor model and its applications. *Journal of Personality*, 60(2), 175-215. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1992.tb00970.x>
- McCarthy, P. A. & Morina, N. (2019). Exploring the association of social comparison with depression and anxiety: A systematic review and meta-analysis, *Clin Psychol Psychother*. 2020, 1–32. <https://doi.org/10.1002 / cpp.2452>
- Morry, M. M., Sucharyna, T. A., & Petty, S. K. (2018). Relationship social comparisons: Your facebook page affects my relationship and personal well-being. *Computers in Human Behavior*, 83, 140–167. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.01.038>
- Noronha, A. P. P., Martins, D. F., Campos, R. R. F., & Mansão, C. S. M. (2015). Relações entre afetos positivos e negativos e os cinco fatores de personalidade. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 20(2), 92-101. <https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150011>
- Organização Mundial de Saúde (2017). Relatório mundial da saúde: Aumenta o número de pessoas com depressão no mundo. Organização Pan-Americana de Saúde. https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5354:aumenta-o-numero-de-pessoas-com-depressao-no-mundo&Itemid=839
- Organização Pan-Americana de Saúde (2021). OPAS destaca crise de saúde mental pouco reconhecida causada pela COVID-19 nas Américas. <https://www.paho.org/pt/noticias/24-11-2021-opas-destaca-crise-saude-mental-pouco-reconhecida-causada-pela-covid-19-nas>
- Pereira, R. S., Fonseca, P. N., Lins, S. B., & Silva, P. G. N (submetido). Adaptação da Escala de Orientação para a Comparação Social (INCOM) para o contexto brasileiro. *Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación - e Avaliação Psicológica (RIDEP)*, 2020
- Pechorro, P., Nunes, C., Gonçalves, R. A., Jesus S. N., & Simões, M. R. (2018). A Escala de Respostas Socialmente Desejáveis-5: Validação numa amostra escolar de jovens portugueses. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico y Evaluación – e Avaliação*

- Psicológica*, 52(3), 15-25. <https://www.aidep.org/sites/default/files/2019-07/RIDEP52-Art2.pdf>
- Rozgonjuk, D. R., T., Kuljus, J., Täht, K., & Scott, G. (2019). Social comparison orientation mediates the relationship between neuroticism and passive Facebook use. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 13(1). <https://doi.org/10.5817/CP2019-1-2>
- Schultz, D. P., & Schultz, S. E. (2015). *Teorias da personalidade* (3ª ed.). São Paulo, SP: Cengage Learning
- Suls, J. R., & Wheeler, L. (2020). Looking Up and Ahead: The Social Comparison of Abilities, Personal Attributes, and Opinions. In Suls, J. R., Collins, L. & Wheeler, L (Eds). *Social Comparison, Judgment and Behavior* (pp. 53-104). Oxford University Press. <https://oxford.universitypressscholarship>
- Vignola, R. C. B., & Tucci, A. M. (2014). Adaptation and validation of the depression, anxiety and stress scale (DASS) to Brazilian Portuguese. *Journal of Affective Disorders*, 155, 104–109. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.10.031>
- Vinuto, J. (2014). *A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto*. Temáticas, Campinas, 22(44), 203-220. <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>
- Watson, D., Clark, L., Weber, K., Assenheimer, J., Staruss, M. & McCormick, R. (1995). Testing a tripartite model: II. Exploring the symptom structure of anxiety and depression in student, adult, and patient samples. *Journal of Abnormal Psychology*, 104 (1), 15-25. https://www.researchgate.net/publication/15302269_Testing_a_Tripartite_Model_II_Exploring_the_Symptom_Structure_of_Anxiety_and_Depression_in_Student_Adult_and_Patient_Samples/citation/download
- Whiteside, D. B., & Barclay, L. J. (2016). The face of fairness: Self-awareness as a means to

promote fairness among managers with low empathy. *Journal of Business Ethics*, 137, 721–730. <https://doi.org/10.1007/s10551-014-2357-7>

Zanon, C. & Rosin, A. & Teixeira, M. (2015). Bem-estar subjetivo, personalidade e vivências acadêmicas em estudantes universitários. *Interação em Psicologia*.18. <https://doi.org/10.5380/psi.v18i1.27634>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado teve como objetivo verificar o papel mediador da orientação para comparação social na relação entre personalidade e afetividade negativa, especificamente a depressão, ansiedade e estresse. Para tanto, foram elaborados três artigos. O Artigo 1, de natureza teórica, possibilitou aprofundar o conhecimento acerca da orientação para comparação social, e como esta variável tem-se desenvolvido nas últimas décadas. Segue-se uma discussão sobre os principais mecanismos utilizados para obter e interpretar informações sociais e a inclinação para comparar-se, todas estas interligadas a personalidade, no qual é responsável por delinear as reações afetivas provenientes da comparação social.

Por conseguinte, realizou-se mais dois artigos empíricos. O Artigo 2, teve o intuito de validar a Escala de Orientação para a Comparação Social – INCOM para o contexto brasileiro, uma vez que, há uma lacuna no âmbito nacional de disponibilidade de instrumentos que avaliem as diferenças individuais no processo de comparação social. Este artigo dividiu-se em dois estudos, o primeiro de cunho exploratório, que permitiu identificar a estrutura bifatorial (Aptidão e Opinião) da INCOM, como teoricamente proposto. Posteriormente, o segundo de cunho confirmatório, que comprovou a estrutura. Foi proposto também uma estrutura unifatorial, porém, não apresentando adequações. E uma versão reduzida da medida, demonstrando ter índices mais satisfatórios que a versão completa.

Evidências de validade convergente com a Escala de Autoestima de Rosenberg – EAR foi proposto, evidenciando relação negativa entre os fatores da comparação social (aptidão e opinião), observa-se que pessoas com baixa autoestima manifestam reprovação de si e necessitam realizar comparações sociais para se autoavaliarem. Em síntese, a INCOM indica evidências de validade e precisão satisfatórias, que pode auxiliar em investigações sobre a

temática e avanços sobre relação com outras variáveis.

Finalmente, o Artigo 3 foi elaborado um modelo explicativo da afetividade negativa, identificando a depressão, ansiedade e estresse, por meio do traço neuroticismo de personalidade e orientação para comparação social. Os resultados apontam que quanto maior o neuroticismo, maior a tendência de comparação social, e associadas, interferem na afetividade negativa. De modo geral, modelo explicativo proposto expõe como estas variáveis perpassam o campo dos afetos e interferem em vários domínios da vida do indivíduo. Portanto, o neuroticismo desempenha um papel explicador imprescindível na afetividade negativa, e que a orientação para comparação social medeia a relação parcialmente. Neste sentido, as diferenças individuais norteiam a identificação do perfil daqueles indivíduos que são mais incertos sobre si e são afetados negativamente pelas consequências da comparação social. E por essa razão, tornam-se mais vulneráveis para desenvolverem problemas psicológicos e comportamentos disfuncionais.

Frente aos artigos apresentados, pode-se reiterar que a dissertação contribui para ampliar os conhecimentos a respeito do campo teórico e prático da comparação social como variável que favorece a explicação da relação entre personalidade e afetividade negativa. Sobretudo no Brasil, que há ainda escassez de estudos empíricos que embasem a implicação das diferenças individuais nas relações sociais e saúde mental

Limitações e sugestões de estudos futuros

Apesar dos resultados contribuírem para compreensão da relação entre as variáveis abordadas, algumas limitações podem ser encontradas, dentre elas o tipo de amostra, que sendo de conveniência não possibilita a generalização dos achados. Para além disso, a pesquisa é de natureza correlacional, e por isso, não há como inferir relação de causalidade entre as variáveis.

Também deve-se considerar a desejabilidade social, o que possibilita que os participantes deem respostas socialmente aceitas.

Faz-se necessário que estudos futuros considerem as limitações citadas anteriormente. Novas pesquisas podem utilizar medidas implícitas para diminuir o efeito da desejabilidade sociais. Considerar uma diversidade amostral entre sexo e idade, pois, comprova-se que podem ser aspectos importantes no modo como as pessoas se comparam, bem como amostras clínicas com diagnóstico de depressão, ansiedade e estresse. E para identificar quais outros fatores interagem com os processos de orientação para comparação social leva às autoavaliações destrutivas, pode-se utilizar de outras medidas correlatas como satisfação com a vida, perfeccionismo, comportamento obsessivo compulsivo e inveja, em diversos contextos sociais (*e.g* redes sociais online e universidade).

REFERÊNCIAS

- Álvaro, J. L., & Garrido, A. (2017). *Psicologia social: perspectivas psicológicas e sociológicas*. (Ed. Rev). AMGH
- Buunk, A. P., Gibbons, F.X., Dijkstra, P., & Zlatan, K. (2020a). Individual differences in social comparison: The complex effects of social comparison orientation. In: Sulls, J., & Collins, R. L. (Eds.), *Social comparison, judgement and behavior* (pp. 77-104). Oxford University Press. <http://dx.doi.org/10.1093/oso/9780190629113.001.0001>
- Corcoran, K. & Crusius, J. & Mussweiler, T. (2011). Social Comparison: Motives, Standards, and Mechanisms (Eds). In D. Chadee. *Theories in social psychology*, (pp. 119-139). https://www.researchgate.net/publication/265634849_Social_Comparison_Motives_Standards_and_Mechanisms
- Diener, E., & Fujita, F. (1997). Social comparisons and subjective well-being. In B. P. Buunk & F. X. Gibbons (Eds.), *Health, coping, and well-being: Perspectives from social comparison theory* (pp. 329–357). Lawrence Erlbaum Associates Publishers. <https://psycnet.apa.org/record/1997-09050-010>
- Festinger, L. (1954). A theory of social comparison processes. *Human Relations*, 7, 117-140. <http://dx.doi.org/10.1177/001872675400700202>
- Garanyan N.G., & Pushkina E.S. (2016). Verification of the validity and reliability of the Russian version of the "Iowa-Netherlands Social Comparison Guidance Scale" methodology in a sample of students. *Advisory Psychology and Psychotherapy*, 24(2), 64-92. <http://dx.doi.org/10.17759/cpp.2016240205>
- Gerber, J. P., Wheeler, L., & Suls, J. (2018). A social comparison theory meta-analysis 60+ years on. *Psychological Bulletin*, 144(2), 177–197. <https://doi.org/10.1037/bul0000127>

- Gilbert, P., Price, J., & Allan, S. (1995). Social comparison, social attractiveness and evolution: How might they be related? *New Ideas in Psychology*, 13(2), 149-165. [http://dx.doi.org/10.1016/0732-118X\(95\)00002-X](http://dx.doi.org/10.1016/0732-118X(95)00002-X)
- Gibbons, F. X., & Buunk, B. P. (1999). Individual differences in social comparison: Development of an orientation scale for social comparison. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76(1), 129-142. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.76.1.129>
- Mitchell, M, A., & Schmidt, N. B. (2014) An Experimental Manipulation of Social Comparison in Social Anxiety, *Cognitive Behaviour Therapy*, 43(3), 221-229. <http://dx.doi.org/10.1080/16506073.2014.914078>
- McCrae, R. R., & John, O. P. (1992). An introduction to the five-factor model and its applications. *Journal of Personality*, 60(2), 175-215. <https://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1992.tb00970.x>
- Rozgonjuk, D. R., T., Kuljus, J., Täht, K., & Scott, G. (2019). Social comparison orientation mediates the relationship between neuroticism and passive Facebook use. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 13(1). <https://doi.org/10.5817/CP2019-1-2>
- Suls, J. R., & Wheeler, L. (2020). Looking Up and Ahead: The Social Comparison of Abilities, Personal Attributes, and Opinions. In Suls, J. R., Collins, L. & Wheeler, L (Eds). *Social Comparison, Judgment and Behavior* (pp. 53-104). Oxford University Press. <https://oxford.universitypressscholarship>
- Úrzua, A. & Zúñiga, P. B., & Buunk, A. P. (2012). The age and sex in the social comparison orientation. *Terapia Psicológica*, 30, 79-88. <http://teps.cl/index.php/teps/article/view/114>

ANEXOS

ANEXO I – Adaptação da Escala de Orientação para a Comparação Social para o Contexto Brasileiro (INCOM)

INSTRUÇÕES: A maioria das pessoas se comparam de tempos em tempos com outras. Por exemplo, eles podem comparar a maneira como se sentem, suas opiniões, suas habilidades e / ou sua situação com as de outras pessoas. Não há nada particularmente "bom" ou "ruim" nesse tipo de comparação, e algumas pessoas fazem mais do que outras. Gostaríamos de descobrir com que frequência você compara a si mesmo com outras pessoas. Para fazer isso, gostaríamos de pedir que você indicasse quanto concorda com cada afirmação abaixo.

1	2	3	4	5
Não me descreve	Descreve-me pouco	Descreve-me mais ou menos	Descreve-me muito	Descreve-me muito

1. Eu comparo como as pessoas mais próximas a mim se comportam (Ex. Família, amigos, namorado(a)) com relação à como agem com as outras pessoas.
2. Eu sempre presto muita atenção à forma como eu faço as coisas comparando com a forma como os outros fazem.
3. Se eu quero saber se o que estou fazendo está bem feito, eu comparo o que eu estou fazendo com a forma como os outros fazem.
4. Eu comparo como estou me desenvolvendo socialmente (por exemplo: habilidades sociais, popularidade) em relação às outras pessoas.
5. Sou uma pessoa que se compara com as outras.
6. Eu me comparo com os outros em relação ao que tenho conquistado na vida.
7. Eu gosto de conversar com os outros sobre as opiniões e experiências em comum.
8. Eu tento saber o que os outros pensam quando têm problemas semelhantes aos meus.
9. Sempre gosto de saber o que as pessoas fariam no meu lugar.
10. Se eu quero saber mais sobre algo, tento saber o que os outros pensam sobre isso.
11. Eu comparo a minha condição de vida com a das outras pessoas.

ANEXOII – Escala de Autoestima de Rosenberg (EAR)

INSTRUÇÕES: Leia cada frase com atenção e indique a opção que mais te descreve.

1	2	3	4
Nunca	Raramente	Algumas vezes	Frequentemente

1. Eu sinto que sou uma pessoa de valor, no mínimo, tanto quanto as outras pessoas.
2. Eu acho que eu tenho várias boas qualidades.
3. Levando tudo em conta, eu penso que eu sou um fracasso.
4. Eu acho que sou capaz de fazer as coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.
5. Eu acho que eu não tenho muito do que me orgulhar.
6. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo.
7. No conjunto, eu estou satisfeito comigo.
8. Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo.
9. Às vezes eu me sinto inútil.
10. Às vezes eu acho que não presto para nada.

ANEXO III– Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (ICGFP)

INSTRUÇÕES. A seguir são apresentadas 20 afirmações que tratam de características pessoais. Leia cada uma com atenção e, utilizando a escala de resposta abaixo, indique o quanto concorda ou discorda com o fato de cada característica descrevê-lo.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo em parte	Nem concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente

Eu me vejo como alguém que...

01. É conversador, comunicativo
02. É minucioso, detalhista no trabalho
03. Insiste até concluir a tarefa ou o trabalho
04. Gosta de cooperar com os outros
05. É original, tem sempre novas ideias
06. É temperamental, muda de humor facilmente
07. É inventivo, criativo
08. É prestativo e ajuda os outros
09. É amável, tem consideração pelos outros
10. Faz as coisas com eficiência
11. É sociável, extrovertido
12. É cheio de energia
13. É um trabalhador de confiança
14. Tem uma imaginação fértil
15. Fica tenso com frequência
16. Fica nervoso facilmente
17. Gera muito entusiasmo
18. Gosta de refletir, brincar com as ideias
19. Tem capacidade de perdoar, perdoa fácil
20. Preocupa-se muito com tudo

ANEXO IV - Escala de Depressão, Ansiedade e Estresse (DASS 21)

INSTRUÇÕES. Leia cada frase com atenção e indique o quanto cada afirmação se aplicou a ti durante a semana passada. Marque o quanto concorda ou discorda com o fato de cada característica descrevê-lo.

0	1	2	3
Discordo totalmente	Discordo em parte	Concordo em parte	Concordo Totalmente

1. Achei difícil me acalmar
2. Minha boca estava seca
3. Não tive nenhum sentimento positivo
5. Foi difícil para mim ter a iniciativa de fazer as coisas
4. Às vezes, tive dificuldade em respirar (como chiado e falta de ar sem ter feito nenhum esforço físico)
6. Eu pretendia exagerar quando reagia às situações
7. Senti-me trêmulo (por exemplo, nas minhas mãos)
8. Eu senti que estava sempre nervoso
9. Fiquei preocupado com situações em que poderia entrar em pânico e parecer ridículo
10. Senti que não tinha nada a esperar do futuro
11. Eu me senti inquieto
12. Achei difícil relaxar
13. Senti-me deprimido e não tinha motivação
14. Eu era intolerante com as coisas que me impediam de continuar fazendo o que vinha fazendo
15. Eu senti que ia entrar em pânico
16. Eu não me sentia entusiasmado com alguma coisa
17. Eu senti que não tinha valor como pessoa
18. Eu senti como eu estava sendo um pouco demasiado emocional / sensível
19. Eu sabia que meu batimento cardíaco havia mudado, apesar de não ter feito nada fisicamente rigoroso (por exemplo, aumento da frequência cardíaca, batimento cardíaco irregular)
20. Senti medo sem motivo
21. Eu senti que não havia sentido à vida

ANEXO IV – Parecer Consubstanciado Comitê de Ética

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Comparação Social e sua Relação com Variáveis Individuais e Sociais

Pesquisador: RAYSSA SOARES PEREIRA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 31351320.4.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.039.914

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O protocolo de pesquisa apresenta os requisitos exigidos para o desenvolvimento de pesquisa envolvendo seres humanos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram devidamente apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Concluimos pela aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

APÊNDICES

APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Esta pesquisa que tem como tema a personalidade, comparação social e afetividade negativa, que será realizada por Rayssa Soares Pereira, sob orientação da Profa. Dra. Patrícia Nunes da Fonsêca, locada no Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba.

O objetivo geral do estudo é verificar o papel mediador da comparação social na relação entre personalidade e afetividade negativa. Para tanto, serão considerados os seguintes objetivos específicos: 1) Adaptar a medida: *Escala de Orientação para Comparação Social – INCOM* para o contexto brasileiro, reunindo validade interna e precisão; 2) Comprovação da estrutura fatorial da medida: *Escala de Orientação para Comparação Social – INCOM*; 3) verificar o papel mediador da orientação para comparação social na relação entre personalidade e afetividade negativa. Frente aos objetivos apresentados, solicitamos a sua colaboração para responder uma entrevista (com duração média de 15 minutos), assim como requerer sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos das áreas de educação e saúde, além de possíveis publicações em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa oferece como riscos possíveis desconfortos, podendo enfrentar apenas algum constrangimento ou estresse ao ler a redação dos itens. Respeitando as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial as Resoluções do CNS 466/12 e 510/16, o presente estudo foi submetido e aprovado pelo o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (CEP/CCS), com o CAAE: 31351320.4.0000.5188 e Parecer: 4.039.914, estando de acordo com todos os preceitos legais. Esta pesquisa terá como benefício a promoção de reflexão dos participantes frente a temática exposta. Vale ressaltar, que o estudo não acarretará nenhuma despesa ao colaborador. Esclarecemos que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso seja de seu interesse, ao fim da pesquisa, uma devolutiva pode ser apresentada. Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que recebi uma cópia desse documento.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, concordo participar da pesquisa "Comparação Social e sua relação com variáveis individuais e sociais". Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ser prejudicado. Li e concordo em participar como voluntário da pesquisa descrita acima. Estou ciente que recebi uma cópia deste documento.

João Pessoa, _____ de _____ de 2020.

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa
Contato com a Pesquisadora Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Rayssa Soares Pereira, telefone: (83) 988176517 / rayssasp95@gmail.com ou para o Centro da Saúde – 1º andar/ Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900/ telefone: (83) 3216 7791 / eticaccsufpb@hotmail.com

APÊNDICE II - Questionário Sociodemográfico

FINALMENTE, gostaríamos de saber um pouco a seu respeito:

01. Idade: _____ anos

02. Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

03. Em qual Estado você reside? _____

04. Qual sua orientação sexual:

- ☐ Heterossexual ☐ Homossexual ☐ Bissexual
☐ Outra: _____

05. Estado civil:

- ☐ Solteiro ☐ Casado(a) / União estável ☐ Separado/Divorciado ☐ Viúvo

05. Escolaridade:

- | | |
|--|---|
| 1. ☐ Fundamental incompleto | 5. ☐ Superior incompleto |
| 2. ☐ Fundamental completo | 6. ☐ Superior completo |
| 3. ☐ Médio incompleto | 7. ☐ Pós-graduação |
| 4. ☐ Médio completo | |

07. Religião:

- | | |
|---|---|
| 1. ☐ Católica | 4. ☐ Afro-brasileira |
| 2. ☐ Protestante | 5. ☐ Sem religião |
| 3. ☐ Espírita | 6. ☐ Outra: _____. |

08. Qual seu grau de religiosidade? Marque um X na resposta.

Nada Religioso(a) ☐1 ☐2 ☐3 ☐4 ☐5 *Muito Religioso(a)*